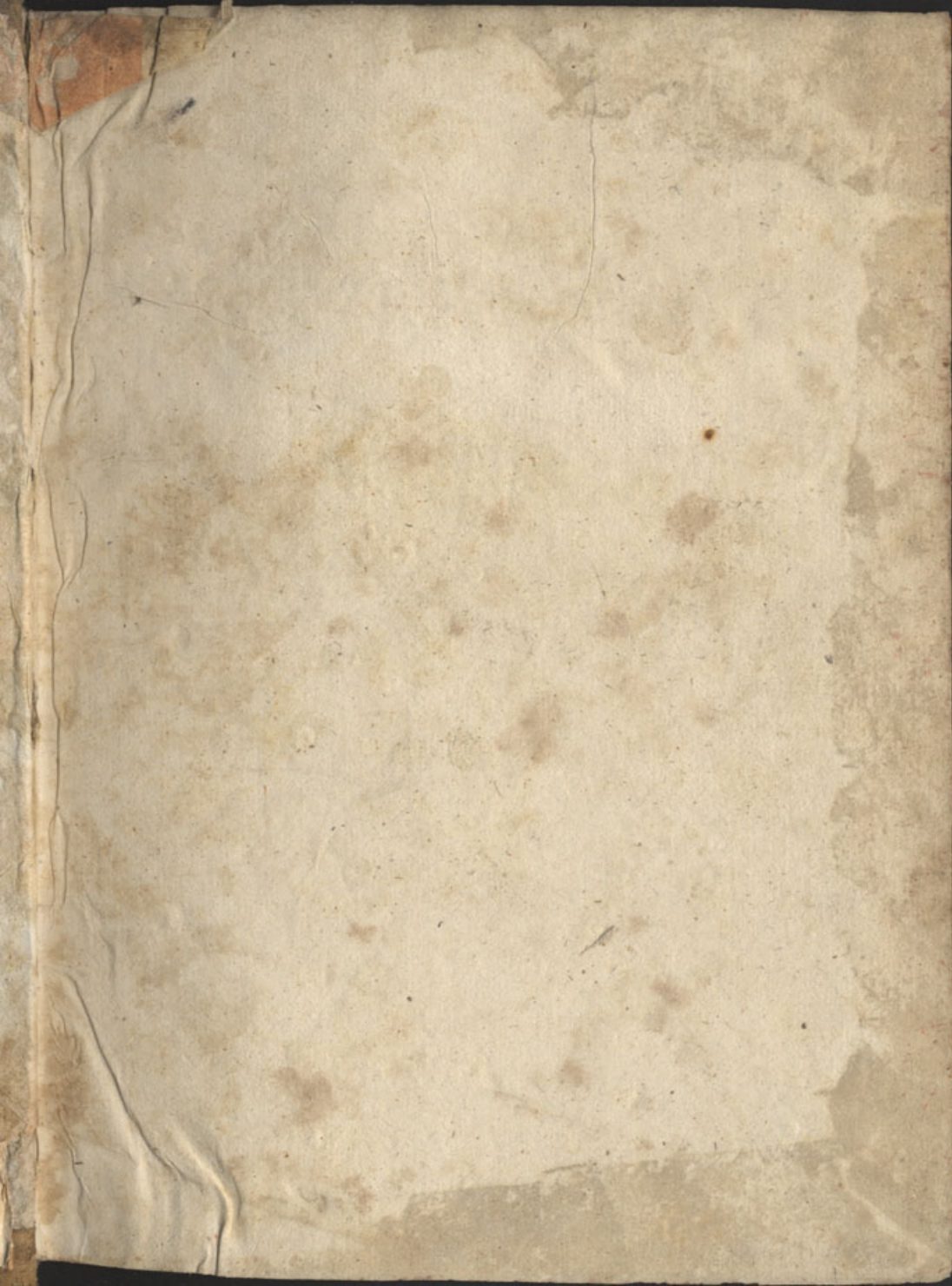


4A
3
7
12





4A

3

7

12

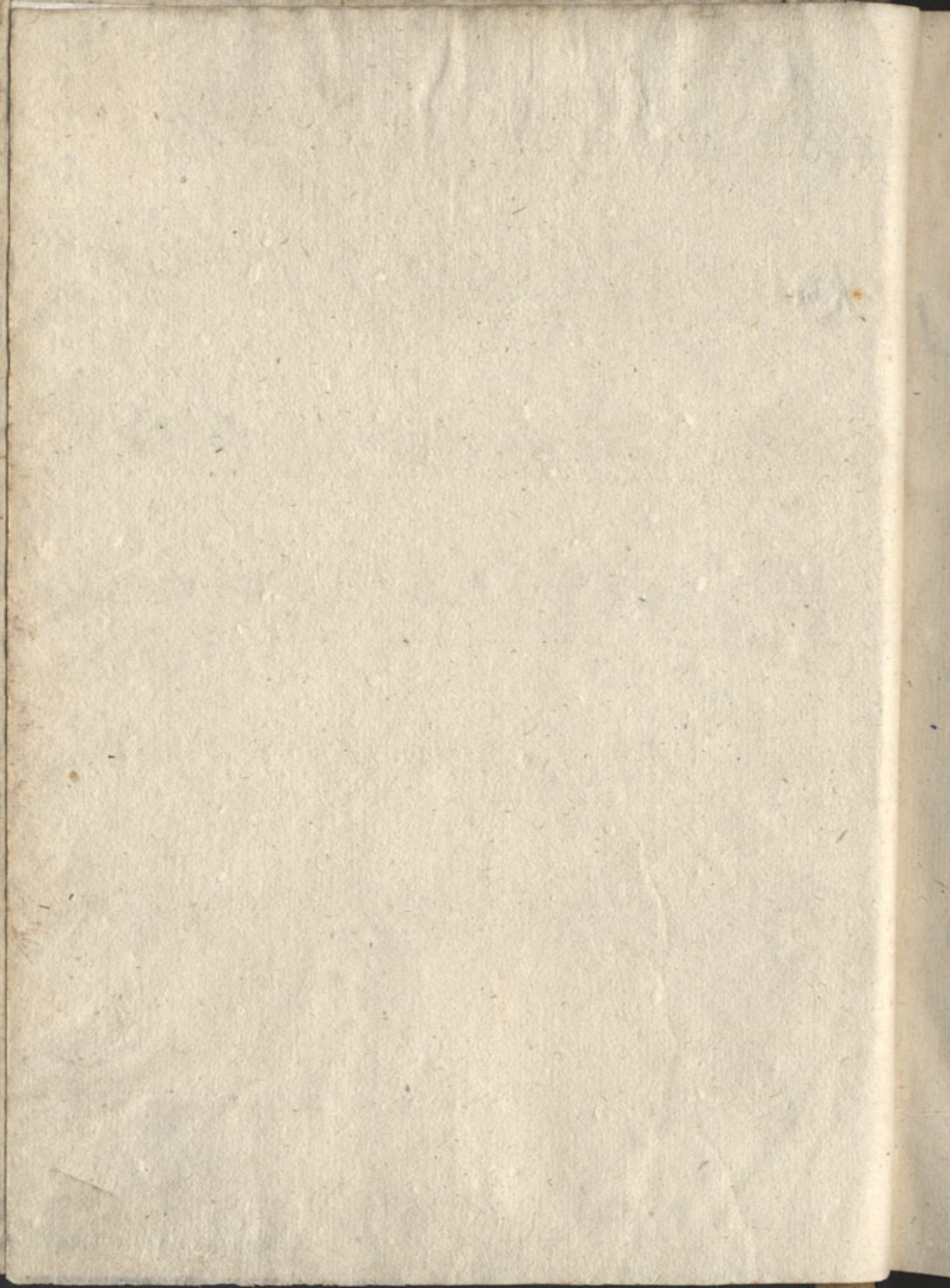
FOI: 4-38-11-101

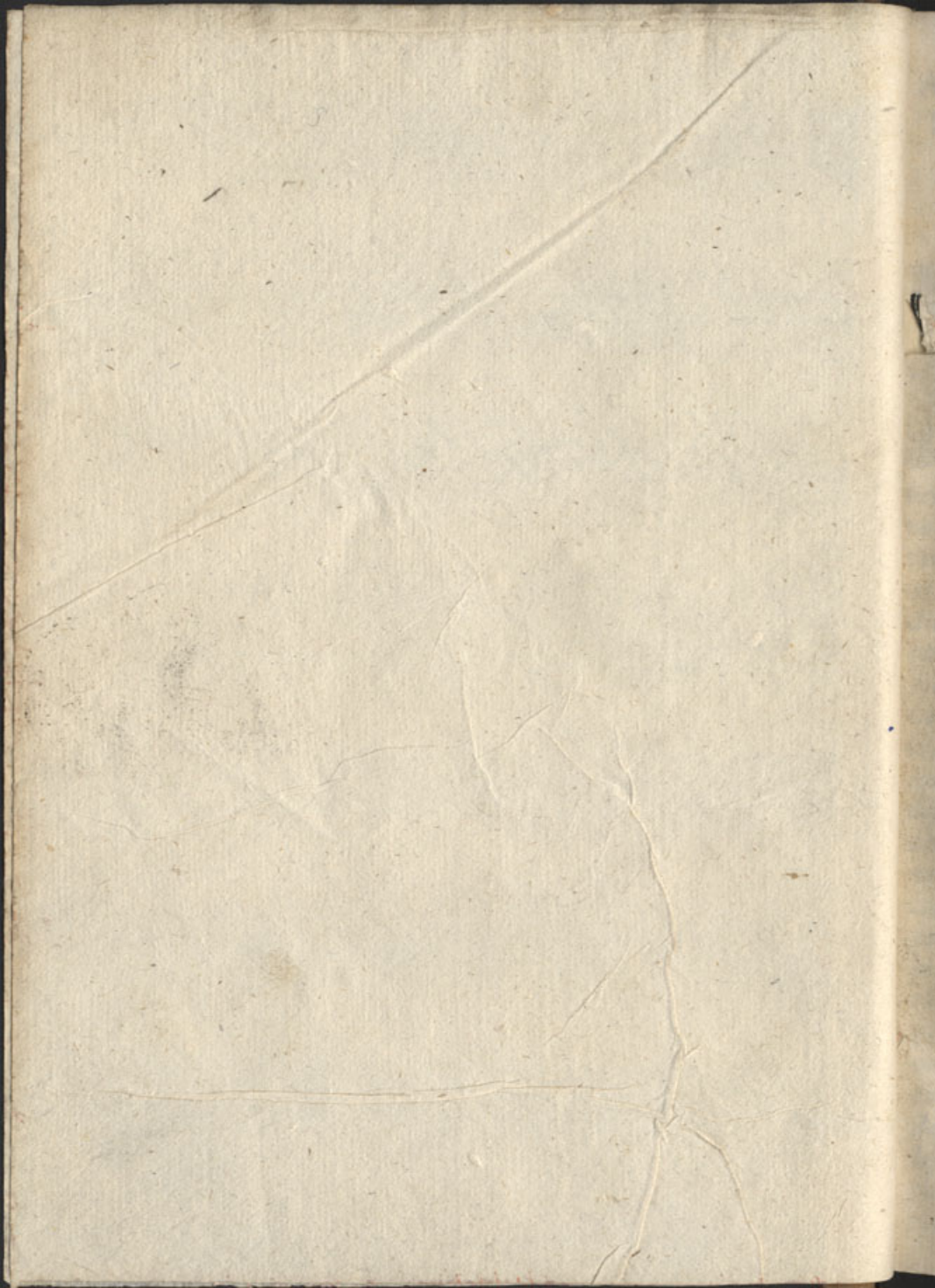
4A

3

7

12

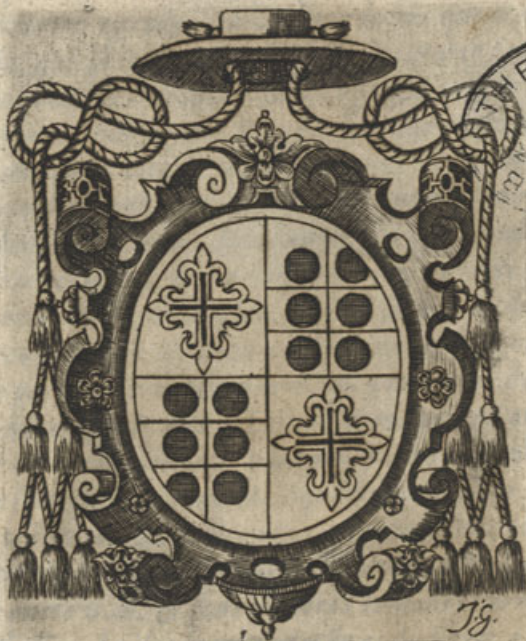




DISCURSOS
MORALES
SOBRE LOS EVANGELIOS
DE LA CVARESMA.

PREDICADOS POR EL PADRE MANVEL
*de Naxera, Cathedratico antes de Sagrada Escritura en su
Colegio de la Compañia de IESVS de la Vniuersidad de
Alcalà, y despues de Politicas en los Estudios
Reales del Imperial de Madrid.*

AO ILLVSTRISSIMO SENHOR MANOEL
Pereira de Mello Reitor do Collegio Real de S. Paulo na
Vniuersidade de Coimbra, Conego Doutoral da
S. Sec de Braga, Primàs das Espanhas, &c.



Com todas as licenças necessarias

EM COIMBRA

Na officina de Manoel Dias Impressor da Vniuersidade anno 1653

MORALES

SORRE LOS EVANGELIOS
DE LA CARREMA

PREDICADOS POR EL PADRE MANUEL
DE NAXARA, Capuchino, en el Colegio de San Juan de los Rios, de la Ciudad de Mexico, en el mes de Mayo de 1682.

ADIVISION DE LOS SERMONES
EN CINCO LIBROS

Manuel de Naxara
Predicador de San Juan de los Rios



A
I
ben
ra a
con
ag
dia
por
fica
Con
bri
con
des
nor
z
A
fan
per
ra
par
me
cub
da
lej
cia
con

AO ILLVSTRISSIMO SENHOR MANOEL
Pereira de Mello Reitor do Collegio Real de S. Paulo na Uni-
uersidade de Coimbra, Conego Doutoral da Santa See
de Braga, Primàs das Espanhas, &c.



Inda que o Padre Manoel de Naxara Religioso da Sa-
grada, & esclarecida Companhia de IESVS não tenha
hoje necessidade de Patrocinio alheio pera sollicitar
applausos à seu engenho, & talento, ou seja quando lhe
dá vida no Pulpito, ou quando o manda na estampa pe-
regreinar pello mundo, pois o vemos tam estimado de
todos, quantas vezes ouuimos repetir sens discursos, se-
bem com menos ornato de Eloquencia do que trouxerão de seu Author, pa-
ra que disfarçados se não conheção por seus, & se dissimule melhor o furto:
com tudo achei que me corria obrigação de offerecer este seu Quaresmal, que
agora de nouo imprimo; a v. m. assy porque só com tam preciosa offerta po-
dia em parte mostrarme agradecido à muita merce que v. m. me faz, como
porque a afeitação, que já logra este graue Scripturario ficase de todo justi-
ficada neste Reino com a proteção de hum engenho tam insigne, & que na
Concionatoria tem o melhor voto. Principalmente quando pellos illustres
brios do sangue, com que a natureza dotou a v. m. & v. m. acredita tanto
com o procedimento de sua vida, se entenderà que a sentença, que em fauor
deste liuro v. m. der, com o tomar debaixo de seu patrocinio, nam he de fa-
uor, que concilia sem respeito, mas de rigorosa justiça, que na maior nobre-
za vineo sempre acreditada de inteira. Deixarão a v. m. seus illustissimos
Ascendentes, Pereiras, & Mellos as gloriozas armas, braçois de suas fa-
zanhas, não sey se pera conseruarem em v. m. a memoria do que obrarão, se
pera alcançarem noua gloria nas acçois de v. m. porque ainda q se ganha-
rão com armas, & em v. m. se conseruão com as letras, soube v. m. escolher
para exercicio de seus estudos aquellas, que na Republica Christiã sam as
melhores armas, pois com ellas se alcança, como mais rendoza cõquista, o des-
cubrimento das verdades eternas, onde se sifra toda a felicidade de nossa vi-
da. Repartirãose entre v. m. & seus illustres Irmãos as armas, com que pel-
leja a Igreja Catholica: à elles se entregarão as do ferro: a v. m. as da sciencia;
& foy tam acertada a eleição, quanto mostrou a experiencia: elles, nam
como fabulozos Martes, mas como verdadeiros defensores da Fee, que reli-

giofamente profeffão, a fufentão com tanto valor naquelle theatro da ma
esforçada nobreza, a Ilha de Malta: v. m. nesta infigne Vniuerfidade de
Coimbra penetrou tanto os segredos mais escondidos de hũa, & outra Theo
logia. que com muita rezão o desejou para feu ornato, a Santa See de Braga
achando que para a gloria de fua Primafia nas Efpanhas ficar mais conheci
da, era conueniencia fua feruirfe de hum tal fogeito. Mas como eíta afiften
cia em Braga era em prejuizo da Vniuerfidade, que fi quaua defrandada de
tam prezado filho, acodio como follicita mãy com embargos, nam para empe
dir a honra, da dignidade. (pois follicita a v. m. outras maiores) mas ao
no que fe lhe feguiu defta auzencia; & afly para fe acudir a ambas as partes
ouue de decidirfe a contenda em fauor de ambas, deixando fe à Vniuerfi
dade a Peffoa de voffa merce, & a Braga a gloria de o ter por fua dignida
de. Entregou a Vniuerfidade a v. m. o Collegio Real de S. Paulo, onde
penhorou para feu protector com lhe meter na mão a Espada do mefmo Apo
ftolo, quero dizer, o gouerno de feu Collegio, que neíte anno se dà o parabem
de ter a v. m. por feu digniffimo Rettor. E fe dali, onde conformemente her
manadas viuem as fciencias das Leis Imperiais, & dos Canones Sagrados,
fahio fempre a justiça tambem armada, que em todos os Tribunais do Reyno
fe experimentou inuenciuel, & fe conferuou inteira; numqua com mais re
zão fe podia pronofiticar eítas victorias, que no tempo de hoje, quando nel
te fe enfina debaixo do cuidado. & gouerno de v. m. que além da espada da
justiça Ciuil, & Ecclefiaftica, que já tinha, o armou com outra mais luzida
espada de justiça, qual he à com que a Sagrada Theologia enfina a cortar, me
lhor que com a de Alexandre em Gordio, os mais embaraçados nós das cõ
ciencias, que a natureza izentou do foro contenciozo. E como o Padre Ma
noel de Naxera trabalhe tanto nestes feus discursos predicatiuos de perfua
dir ao mundo o amor da justiça, que nos obriga à obediencia das Leis, ou fe
jão Ceuis, ou Ecclefiafticas, ou finalmente às Dininas (que hũas, & ou
tras nos deu Deos por regras infalmeis de compor os coítumes) corre a v. m.
obrigação, como de justiça, de emparar eíta obra, para que o que não perfua
dir a Eloquencia, com que fe efcreue, acabe o respeito, com que todos vent
rão a v. m. aquem Deos guarde por muitos, & muy felices annos. Coimbra
10. de Agofto de 1652,

Manoel Dias?

PODESE tornar a imprimir este liuro vistas as informações que se ouuerão & depois de impresso tornarâ ao Conselho para se conferir com o original, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 16. de Janeiro 1652.

F. João de Vasconcellos. Francisco Cardozo de Torneo.
Pantaleão Rodrigues. Diogo de Sousa.
Pacheco.

Podeffe imprimir. Lisboa 25. de Janeiro de 652.

F. Bispo de Targa.

Licenças do Paço.

QVE se possa Imprimir Vista a licença do Santo Officio, & Ordinario, & depois de Impresso não correrá sem tornar a esta meza para se taxar. Lisboa 25. de Janeiro 652.

D. P. P. Andrada. Pacheca.

Taxado na meza do Paço a reis em papel. Lisboa de Março de 653.

D. P. P. Pacheco.

TABLA DE LOS SERMONES DESTE

Tomo primero.

Sermon del Miercoles de Ceniza, pag. 1.

Sermon del Iuenes primero. 25.

Sermon del Viernes primero. 52.

Sermon del Sabado primero. 78.

Sermon del Domingo primero. 99.

Sermon del Lunes primero. 139.

Sermon del Martes primero. 150.

Sermon del Miercoles segundo. 183.

Sermon del Iuenes segundo. 204.

Sermon del Viernes segundo. 228.

Sermon del Sabado segundo. 252.

Sermon del Domingo segundo. 274.

Sermon del Lunes segundo. 297.

Sermon del Martes segundo. 320.

Sermon del Miercoles tercero. 344.

Sermon del Iuenes tercero. 367.

Sermon del Viernes tercero. 387.

Sermon del Sabado tercero. 408.

Sermon del Domingo tercero. 430.

Sermon del Lunes tercero. 452.

Sermon del Martes tercero. 474.

Sermon del Miercoles quarto. 501.

AL LETOR.

COmienço a desenpeñar en este Tomo mi palabra de dar a la estampa moralidades para todas las ferias de Cuaresma, ofreciendo la mirad: el estilo es acomodado, mas al intento, que al gusto, a que tambien me ayudan, como ya sienpre repito, las prensas desgreñando con menos atencion lo que costó algun cuidado, añadiendo algunas letras, que quitaron a otras, à algunas clausulas. La materia, como es Cuaresma, es de mortificacion, y començando por la Ceniza, no pudo faltar en la prensa. A quien reparare muchas faltas, solo podré decirle que se acuerde està impresso, y que lo que anda entre muchas manos, no es posible falga tan puntualmente aseado. Alguna vez podrá ser repita algun intento, o algun concepto: no es malicia, sino falta de memoria: culpa, que podrá borrar facilmente de quien leyere la gracia.

Comienço a despenñar en este Tomo mi
 palabra de dar a la estampa moralidades pa-
 ra todas las letras de Castilla, ofreciendo
 la mitad: el estilo es acomodado, mas al intento
 que al gusto, a que tambien me ayudan, como ya
 siempre he sido, las prentas degetando con menos
 atencion lo que costó algun cuidado, añadiendo al-
 gunas letras que duraron a otras, a algunas cha-
 solas. La materia, como es Castilla, es de mori-
 ficacion, y comenzando por la Geniza, no pudo
 salir en la prenta. A quien reparare muchas faltas,
 solo podre decirle que se acuerde este impreso, y
 que lo que anda entre muchas manos, no es por
 plejalgia tan duramente atado. Algunas vez po-
 dia ser repis algun intento, o algun concepto: no
 es materia sino falta de memoria: culpa que po-
 dia porra facilmente de quien leyere la gener.

TABLA DE LOS ASUNTOS.

Sermon del Miércoles de Ceniza.

Que el ser es poluo, lo de-
mas es accidente, pag. 3.

Que engañados de los rel-
plandores de la dicha, oluida-
mos las cenizas de nuestra na-
turaleza. 6.

Que de ordinario se ace en
la muerte lo mismo q se exer-
citió en la vida. 9.

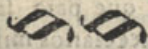
Que las congojosas acedias
de la muerte, son de la vida,
no suyas. 11.

Que es gran daño tener mui
en la memoria lo que eres, y
entregar al oluido lo que as de
ser. 15.

Que las razones, con que
apoyas el ocio, son las que o-
bligán mas al cuidado. 19.

Que aunque tenga discul-
pa no dar al pobre lo que se
puede goçar, no la tiene dejar
de darle lo que es forçoso
perder. 22.

(?)



Sermon del Iueves pri- mero.

Que a veces grangean me-
nos los mas penosos trabajos,
que estos piadosos éleos. 27.

Que logró los primeros fa-
vores del cielo aun defuelafse
por vtilidad de brutos. 31.

Que los señores solo quan-
do an menester visitan, y quã-
do no, no se acuerdan. 34.

Que a Dios le emos de re-
presentar en la oracion nue-
stros cuidados, y dejar a tu dis-
posicion los facefos. 35.

Que de ordinario es menos
calificado en título, y noble-
za, quien es mas supersticioso
en estas ceremonias de corte-
sia. 39.

Que igna ar en el estilo, y
en el onor virtudes, y talentos
designales, mas parece defa-
certada imprudencia, que or-
denada policia. 43.

Que suele auer entre las per-
sonas que interceden, muy di-
uerfas calidades, y así los que
oyen, deben muy diuerfas a-
tenciones. 45.

De ordinario cuidan menos los señores la salud, y la vidade vn seruo, que las comodidades, de vn bruto. 48.

*Sermon del Viernes
primero.*

Que es grã cordura no buscarle enemigos, quien no sabe no vengarle de sus contrarios.

53. Que es arriesgada imprudencia querer experimentar agenas descortesias. 55.

Que es atender a su onor tratar como que sean buxas, las que son injurias dudosas, y interpretar a lo mejor las palabras. 57.

Que es pundonor de entedidos disimular el agrauio, o mirale al viso menos ofensiuo al respeto. 59.

Que vna venganza no disminuye contrarios, sino multiplica enemigos. 61.

Que siendo la costumbre de los antiguos amar al amigo, y aborrecer al contrario, ya se aborrece al contrario, y no se ace bien al proximo. 61.

Que dejando los barbaros de vengarle, quando se lo mãda el Dios que no adoran, los Cristianos se vengan cõtra los preceptos del que veneran. 67.

Que bastãdole a Dios, para

que no se venguẽ las criaturas, leue señal de su gusto, los onbres no acen caso de su precepto. 71.

Que es menos autentica executoria de ser ijos de Dios acer milagros, que perdonar enemigos. 73.

Que aunque la limosna no sea la virtud mas perfecta, es de ordinario en el mundo la mas onrada. 75.

Sermon del primer Sabado.

Que para el cielo no ay espectáculo mas gustoso, que ver vna constancia luchando valientemente contra el peligro. 80.

Que se acredita muy de la escuela de Cristo quien sigue el rumbo que la raçon le señala, sin atender a lo que el tiempo aconseja. 81.

Que es menester resistir, y no dejarse llevar. 81.

Que quando mas vna es propia la tentacion, no es el remedio ceder, sino batallas. 87.

Que en quien puede, an de ser memoriales sus mismos ojos para remediar trabajos. 90.

Que los pecadores se tuelen arrojarse a tan conocidos riesgos, que para sacarlos libres son necesarios milagros. 92.

Que

Que quando Dios pone en el peligro, está a su cargo acudir con el remedio. 91.

Que aun imaginadas faltas las tenemos por verdaderas, y milagrosas virtudes las sospechamos fingidas. 96.

Sermon del primer

Domingo.

Que a menester exercitarse cuidadosamente en ensayos, quien en la ocasion desea le coronen triunfos. 102.

Que se declara diuino quien a costa del delito no quiere remediar el aogo. 106.

Que muchas vezes se busca en el delito el remedio del aogo, y no se evita el aogo, sino se añade el delito. 109.

Que es tanta en los ombres la ambicion de lucir, q se despeñarán por no desabrir a quien les da la mano para crecer. 111.

Que lo espiritual todo lo queremos dado; quando compramos lo temporal a muy subido precio vendido. 114.

Que no ay en los ombres seguridad, sin ayuno, ni alparecer con el riesgo. 116.

Que cargandose vna persona todo el delito, entran muchos a participar del logro. 121.

Que a la verdad sustentarse en perfliuidades nunca se ace sin milagro. 121.

Quien se vale de la esperanza para la culpa, suele estoruar se con la culpa la esperanza. 126.

Que no se a de atender a lo que otros acen, sino a lo que se deue acer. 128.

Que arguye algun misterioso encanto lucir, oy sobrado quien ayer viuio mendigo. 130.

Que el demonio solo muestra el deleite, y oculta siempre el peligro. 133.

Que aun a lo vmano no tiene disculpa, quien seruido de vn Angel gasta para adorar vn demonio. 136.

Sermon del Lunes primero.

Que las criaturas, a quien tributamos indignos cultos, serán las que se ensangrienten mas en merecidos tormentos, y aumenten mas los aogos. 141.

Que será vno de los mayores dolores a la soberuia verse posponet a la vnilidad con desonra. 144.

Que los mas agrios martirios aun no son de aquellas penas breues destellos. 145.

Tabla de los

Que aun vna sombra de este dia ace dasmayar los mas constantes alientos; cõtra quienes fueron burlas los mas acedos, y rigurosos martirios. 48.

Que es gran dolor al enpacho ver notorio su delito. 50.

Que contra los rigores del mäs seüero juicio es la limosna muy fauorable resguardo. 151.

Que no aurà tan ardientes llamas, como ver a Dios reuestido de dignas fastudas iras 154.

Que a lo justos serà Dios todo lucidos reflexos, a los malos ardientes rayos. 156.

Que es gran dolor sean executores de la sentençia los mismos que fueron protectores de la vida. 158.

Sermon del Martes. primero.

Que es al parecer mas difícil oponerse a vn poderoso, que executar vn prodigio. 162.

Que a vista de la plata se disimula la culpa. 165.

Que si fueron en el Tèplo, aùn no maliciosos descuidos debrian causar mui cõgojosos rezelos. 168.

Que vna misma accion en el Tèplo parece consigue del cielo nuevos agrados, y recaba

mas eficaz beneficios. 171.

Que vn mal Sacerdote, aun quando aplacado Dios, le ocasiona al pueblo riesgo, y vno a jullado, aun quando enojado Dios, parece està diligenciando el seguro. 174.

Que por escusar la pena se cumple con la ley solo en el sonido, y se frustra en la verdad el intento. 178.

Que entõces se eterniza vna Republica, quando tiene la virtud digno aplauso, y a menaza ruina, quando solo vale el oro. 180.

Sermon del Miercoles segundo.

Que para vn ciego ay remedio; pero para quien se quiere cegar, no ay colirio. 185.

Que desacredita mas a Dios vn pecador, quando se afecta discipulo, que quando se declara contrario. 189.

Que es señal de precitos no rendirse a la raçon, aùn apelar al milagro. 192.

Que la virtud no se descubre tanto quãdo se luce, como quando se padece. 195.

Que casi todos obrã contra lo que el lugar lleua, y el tienpo pide. 199.

Que persuadirnos nos busca la misericordia es menos

córdura, y gran acierto buscar á Dios con la penitencia. 202.

*Sermon del Inueves se-
gundo.*

Que muchos en el tiempo de la necesidad se acercan de uotos; pero en no necesitado se retiran olvidados, o se portan enemigos. 206.

Que para aliuar apresuradamente congojas son importante medio acia Dios las cercanias. 209.

Que para conseguir de Dios lo que deseamos, se an de quitar estos bobos, y multiplicarse ruegos. 210.

Que en el mundo lo fuele cõseguir menos apriesa los meritos, y alcanzar mas presto los patrocinios. 211.

Que en siendo muchos los gattos del apetito, viue siempre muy agrauado el estado. 216.

Que algunos fuele n tolerar mas pacientes injurias propias, y oír mas sentidamente alabanzas agenas. 218.

Que quien conoce quan grande de dicha es la culpa, aunque tenga aliçto para sufrir inumanos tormentos propios gime de deliros aú agenos. 219.

Que es de calidad el vicio, que adormece mas los senti-

dos, quando ezequita mas graue daños. 222.

Que importará poco se conguan diebolamente tal vez los triunfos, si se quedan cerca los riesgos. 223.

Que fuele ser me nester despues vn prodigio, para lo que al principio bastara vn modesto cuidado. 226.

*Sermon del Viernes se-
gundo.*

Que puede mas para necias confianzas ver sana vno, que para prudentes rezelos ver son los que perecen muchos. 231.

Que en el cielo se cuenta todo el tiempo de trabajos, y se ace poco caso del tiempo de lucimientos. 231.

Que la salud de la Republica consiste en elegir los ministros que pide el empleo, y no los que quiere el gusto. 237.

Que con guare coordinacion mui tarde el merito conguiere mui presto el regalo. 240.

Que despachar luego, aunque no se conguia lo que se pretende tiene aires de gracia, y cõseguir despues de prolixos siglos visos de burla. 243.

Que muchas veces no salir con las preefiones, no queda por saltar a los ministros cu-

Tabla de los

dado sino porque al pretendiente, le falta merito. 244.

Que quien totalmente no desface los reclamos, facil repite sus yerros. 247.

Que algunos procurando salud quieren acallar su conciencia procurandola tibiamete, quieren lisongear su malicia. 249.

Que los tibios ni escusan de la virtud los cuidados, ni del vicio logran los goços. 251.

Sermon del segundo Sabado.

Que por gozar galas, y vestir luces aun la ambicio debia ajustarse al precepto, y escusar todo pecado. 254.

Que a veces no cuesta menos perderse, que pudiera estar lograrse. 256.

Que el lugar donde por Dios padecemos penas, es donde goçamos glorias. 259.

Que vn lado ambicioso, o interesal es niebla de toda dicha, y lunar a toda fama. 261.

Que de ordinario son muchos los que asisten, quando ay glorias, y pocos los que acompañan, si ay penas. 263.

Que en lucimientos repentinos para evitar la sospecha, es necesario que sea notoria la causa. 265.

Que quien fauorece en la dicha alla quien le sirua en la congoja. 267.

Que faltas ajenas se deben sepultar en aduertido silencio, o a lo menos ablar de ellas; quando es forçoso, con muy atento recato. 265.

Que las palabras son muchas veces, cristalinos espejos de las personas. 272.

Sermon del Domingo segundo.

Que es por lo menos igual valor estorbarse vn lucimiento, que exponerse alentadamente a vn martirio. 276.

Que los poderosos del mundo no tienen puerta para las causas, sino para las personas. 288.

Que de ordinario en el mundo dicta agasajos la dependencia, y si falta, no se acuerda la memoria. 281.

Que quien llega a lograr vn rato de aquesta gloria, oluida quanto antes dictaba naturalidad. 283.

Que en el mundo la dicha propia llega a causar menos goço, y la agena mas cuidado. 285.

Que nadie se a de imaginar tan independiente en su dicha, que no aya menester agasajos

jar por si se trocar en desgracia. 289.

Que ni sufren los ombres se adelanten otros en esto vmano, nides dà cuidado les agan ventajas muchas en lo diuino. 29.

Que nadie deja sus glorias, por remediar agenas caidas; antes es toda el ansia trazar caidas por atumentarse a si glorias 291.

Sermon del Lunes segundo.

Que vn odio, quando arde bien abrasado por dar a su enemigo eternamente la muerte, anela eternizarle la vida, 299.

Que es incomparablemente mas viuo el odio para dañar q el amor para feruir. 302.

Que quien peca, quando la ocasion incita, se muestra flaco; quien enpero la estudia, y la diligencia, se ruerse. 307.

Que en queriendo, aun lo imposible llega a ser facil; en no queriendo, aun lo facil imposible. 308.

Que ya el no querer se roza con no poder. 311.

Que sienpre tuerce, o interpreta acia la mayor indecencia palabras, ò acciones agenas nuestra malicia. 313.

Que pueden pocos acer ofentacion de su oficio, porque dan del muy mal cobro. 316.

Que si llega a conocer a Dios la malicia no es para tributarle rendimiētos, sino para acerle agrauios. 318.

Sermon del Martes segundo.

Que no puede auer para la Republica mayor desgracia, q ver enbaraçando sus dignidades, quien solo trata de a plausos, y descuida de desuelos. 322.

Que quien se vè obligado por el oficio a sustentar mucha pompa, si le falta el mayorazgo, suele valerte de la injusticia. 324.

Que quien admite regalos, no puede corregir yetros. 326.

Que solo por ser ministros de Iesu Christo aun a los menos ajustados se les debe mucho respeto. 330.

Que tolera Dios muchas veces quando se falta al precepto, y castiga mucho, quando se falta al oficio. 333.

Que los menos doctos sò aliuamente desuanecidos. 336.

Que debe ser cada vno tal, que su modestia pretēda igualdades, y sus prendas se labretan

Tabla de los

sin ofension e lecciones. 338.

Que parece mas difficil de reducir quié no quiere, y arduo menos quié no puede. 340

Sermon del Miercoles tercero.

Que no merece nonbre de amor quien solo ariende comodidades, sino quien cuida virtudes. 46.

Que el ofrecer a Dios hijos a de ser, porque le imiten mas feruorosos, no porque luzgan mas descansados 350.

Que en lo temporal no ay sosiego, solo en lo espiritual ay descanso. 353.

Que algunos no pudiendo sufrir lo que es poco, les parece para los demas mui ligero lo que es dobladamente pesado. 355.

Que quien contra razón pretende gustos, alla có razón tormentos. 358.

Que conseguir mucho tro- no no cuesta poco trabajo, 361.

Que toda pretenzion trae el padecer mui seguro, y el conseguir mui dudo-

so, 364.

Sermon del Inuenes tercero.

Que es mas de temer el apacible senbláte de vna dicha, que el ceño toruo de vna miseria, 470.

Que es argumento de mui diuino frustar de vn poderoso el intento, 73.

Que quié dió en gastar mas de lo que pedia su estado, es fuerza viva con menos de lo que pide el decoro. 375.

Que es segura finca de dichas lo que se gasta en aliuia- r agenas miserias, 377.

Que al paso que se ace al pobre limosna, a ese mismo paso crece la acienda, 378.

Que aunque por si no es culpa se enlazan de ordinario muchas culpas con la riqueza, 381.

Que es actiuo veneno contra la vida, quando opulenta la mesa, y es seguro a la salud vna comida tenplada, 382.

Que no acierta cópadecerse de agenas desdichas quien goza de mui opulentas mesas, 385.

Sermon del Viernes ter-
cero.

Sermon del Sabado ter-
cero.

Que en los ministros sobrado fausto sienpre fue al señor infeliz aguero. 390.

Que ni escusan los subditos el tributo, ni el señor cõsigue el logro, porque se desaparece en las manos del ministro. 397.

Que no està la dicha en lo que se goza, sino, en el modo con que se emplea. 391.

Que quanto nos dà la liberalidad de Dios, es arrendado, no propio. 396.

Que muchos se desvelan no en adquirirse propias, sino en estorbar comodidades ajenas. 398.

Que a la inuidia le duelemas ajenos aplausos, y menos propios tormetos. 400.

Que cobrar Dios de por junto mas es traza de su enojo, q̃ blandura de su genio. 402.

Que los cobradores, y ministros rara vez suelen perder, porque solo tratan de interesarse. 407.

Que de ordinario los malos padeciendo los castigos no consiguen los intentos. 406.

Que es menester mucha atencion para no perderse un moço, si es rica la erencia, y mucha la loçania. 411.

Que conuertimos en ocasiõ de oïender lo que nos obligaba mas a servir. 413.

Que parecen solo brutos en el obrar, no racionales en dificultar. 415.

Que en el mundo ay poco amor a las personas, y mucho amor a las dadiuas. 417.

Que es menor trabajo ajustarse a los preceptos, y mayor rendirse a los apetitos. 420.

Que algunos se allan tã cautiuos, q̃ conocẽ su desdicha, y no tienen aliento para romper su cadena. 422.

Que siendo mas que duro sienpre el trabajo, es escaso sienpre el premio. 424.

Que los moços reparan poco en gastar, porque no sabẽ lo que cuesta el adquirir. 426.

Que se à de mirar a Dios como juez para no pecar; pero si se a pecado, se à de mirar como padre para volver. 428.

Sermon del Domingo

tercero.

Que a quien quiere bien no le es dolor ningū gasto; pero uerse resfrit le es muy acedo tormento. 432.

Que para introducir culpas nos valemos de confianzas, y dejan casi imposibilitadas las confianzas admitidas ya las culpas. 434.

Que quien es malo para si, causa en sus desdichas lastimas; quien lo es para otros, ocasiona con sus penas alegria. 436.

Que es peor al parecer no usar bien del fauor quien puede, que auerse puesto en estado de no poder usar el fauor. 438.

Que a quien se entregò por algun tiempo a los vicios, se quedan ordinariamente malos resabios. 440.

Que deben ser los superiores mui constantes en las enpresas, y mui medidos en las palabras, 442.

Quo a veces la pronouciaciõ ace dignetos sentidos, y miente la vista imperfecta objetos. 443.

Que es mas arduo enfrenar vna lengua muy abladora, que acer hablar vna muda. 446.

Que queda a veces mas la-

stimada la onra con vna seña que pudiera con la palabra. 448.

Que al principio el vicio fuele contentarse con poco, y despues no solo pide mucho, sino que lo quiere todo. 449.

Sermon del Lunes
tercero.

Que miran muchos en vna misma cosa el viso que les acomoda, desatendiendo el que obliga. 454.

Que siendo nosotros mismos de nuestro daño la causa, nos quejamos como que tenga culpa la prouidencia. 456.

Que no aciendo de algunas cosas estima, las pretendemos con mucho enpeño por competencia. 458.

Que nunca se acierta a estimar como prodigioso, a quien se conociò en otro tiempo pequeño. 461.

Que es estilo muy de Corte contradecir cõ las obras lo mismo que pretenden al parecer las palabras. 463.

Que suelen dar inmortales quejas los mas indignos, de que no los elijan para los puestos. 466.

Que en el mundo se reconocen solo por propios los que pueden dar, y no los que an de

de pedir. 469.

Que puede mas vn desdoro imaginado para deslucir, que muchos prodigios ciertos para ilustrar. 470.

Que de ordinario los propios estiman mucho menos que los estraños. 477.

*Sermon del Martes
tercero.*

Que aú el mas sabio si se dio à vicios, à menester quien le gouierne los pasos. 476.

Que auiendo de amar como à ermano a quié corrige las faltas, so' o se tiene por amigo, y por confisente quien apadrina las culpas. 478.

Que algunos cõ apatencias de corregir, tratá solo de amargar. 480.

Que nunca se à de creer a la conjetura, ni a la sospecha, si falta el seguto de la vista, o el testimonio de la experiencia. 48.

Que corregir a tiempo es remediar yerros, y sin él encender enojos. 486.

La correccion à de ser de modo, que ni se manche la fama, ni se dexé vivir la culpa. 489.

Que muchas veces inporta, para que se configa la enmienda, que sin faltar a la verdad

se disminuya la falta. 492.

A de ser la correccion de suerte, que se batalle contra el vicio como enemigo, y se mire el pecador como ermano. 494.

Que cuidando mucho de estorbar agenos defectos, solemos descuidar de nuestros propios desdoros. 496.

Que en tono de quien siente agenas faltas, se publican con sabrosidad las culpas. 499.

*Sermon del Miercoles
quarto.*

Que preuenir al enemigo en el campo es pronostico del triunfo. 503.

Que en nada se muestra Cristo mas Rey que quando dà pasos por defender a los suyos. 505.

Que donde ay menos limpieza de manos, vive libre la iniusticia, y oprimida la inocencia. 507.

Onbres ay para ver delitos linceos, para ver virtudes topicos. 510.

Que por mas que la cautela encubra el pecado, descubre la prouidencia el delito. 513.

Que onbres chismosos son veneno de la paz, y la peste de la Republica. 516.

Que

Tabla de los Asuntos.

Que onrar a otros es el medio mas seguro para autorizar-se asi. 518.

Que se falta a la obligacion que se debe, porque se obliga la que no se tiene. 521.

Quien auerigua vidas ajenas, despierta siempre quien auerigue la suya. 525.

Que no es agradable el sacrificio, si se detatienden los padres, porque sustentarlos es el mejor sacrificio. 527.





SERMON PARA

EL PRIMER MIÉRCOLES

de Cuarefma.

Memento homo quia pulvis es, &c. Ex Ecclesiastica ceremonia.

Cum ieiunatis nolite fieri sicut hypocrita tristes.
Matthei cap. 6.



MEMORIAS de lo que somos, nos obliga esta ceremonia religiosa de la ceniza; y no se si nos deja olvidar nuestra presuncion. Si el rico se acordara menos lo es, no fuera tan soberuio, ni el docto tan vano, ni el noble tan atreuido: de nuestro ser quiere la Iglesia nos acordemos, no de nuestra fortuna; para que la memoria de la ceniza sea medicina de la altivez. Duro tormento de vn soberuio, acordarle, si es oscuro su origen, y gran indicio de ser villano ser presumido. Quien creyera que este atearle con poluo, no auia de ser en todos accion de vnilidad, y asegura el Euangelio, es en muchos artificio de ipocresia. Raro del acierto deslucir el rostro, por asegurarle el aplauso; y à costa de atormentarse perderse. Quando ayunais (dice Crillo) no es finjais como los ipocritas tristes; que exercitar con melancolia buenas obras, es desacreditar las virtudes. Que de ipocritas se vsan! Fingen en el rostro agrado, y arde en el coraçon odio. Todo es artificio; tambien se mienten verdades, como se labran amarilleces. Andaos a desterrar ipocritas, y dejareis la Corte sin gente. No es asi? No se ostentan muchos ricos en la gala, quando aun falta pan en la mesa? No afecteis demostraciones de penitencia en el desaliño; yà ni aun penitencia aparente se ostenta: tan de' regalo son todos, que fuera dicha vbi'ra ipocritas del ayuno. Pocas virtudes se malograrán en estos siglos de aojadas, que se ven pocas. Extraño cuidado pie-

tender parecer mal; que lejos estarán deste áchaque las damas, así
 lo estubieran de los que ocasiona el parecer bien. A los ombres se
 hizo entonces esta aduertencia de que se lauasen, y vngiesen, y pra-
 cticarlo algunos tan a la letra, que me dicen vñan para el alce de
 manos, y rostro: los mismos artificios que las mugeres. Bien se luce
 en las costumbres: que esfuerzos se an de criar entre tan femeniles
 aliños. El Euangelio no aconseja indecencias, sino estorua ipo-
 cresias; pero los textos sienpre el entendimiento los tuerce ácia
 donde quiere la voluntad: los que con la penitencia pretendieron
 fama de austeros, ya recibieron su jornal en las alabanzas. Jornal?
 Si que es trabajo vil, y no se le debe premio. Siempre esta voz de
 jornal supone afanes, y aqui vino muy nacido, que la azada oca-
 siona menos trabajos al rustico, que sus pretensiones al ambicioso:
 merced opinion es lustre, pretendida, sobre martirio es vileza. En
 lo escondido las vé quien las á de premiar, para que quieros sepan
 las demas tus virtudes. Ojala se premiassen las que son notorias a
 todos: esta politica está bien a lo del cielo, que a lo del mundo, no
 iciera daño se supiesen los meritos, quando se ven las mercedes;
 que reducirlo todo a misterio, es arriesgarlo a murmuracion. El
 Padre pagara; nunca hizo daño en quien á de galardonar el afecto:
 gran dicha premie como padre, y no pague como señor; que ac-
 costumbrian tan poco los señores el pagar, que aun pudo ser alaban-
 ça, si es señor, el remunerar en vn padre: aun siendo la obligacion
 secreta, asegura no se quedará sin paga: ya tomáramos satisfacie-
 sen las muy publicas algunos. No atesoreis riquezas apostadas a
 vñse, pues aun quando no padecen agenos riesgos, ellas mismas
 se crian sus daños. Gran cordura atesorar en el pobre lo que á de
 robaros la muerte, y aceterno lo temporal. Con esto viuiera el co-
 raçon en el cielo, cuyo iman es sienpre el tesoro; y si al tesoro sigue
 sienpre el coraçon, forçoso es viua el de Dios en Maria, pues es co-
 mo quiere el Damasceno, el Tesoro de su gracia: *Sanctissimus*

Damas.
 ora. 1. de
 dermit.
 vir.

thesaurus; para conseguirla obliguemosla con la sa-
 lutacion acostunbrada, diciendo:

Aue gratia plena.

(.)

Memento homo, quia puluis es, &c. Ex Ecclesiastica ceremonia.

Cum ieiunatis nolite fieri sicut hypocrita tristes, &c. Matt. c. 6.

EN las clausulas primeras de esta ceremonia sagrada de la ceniza, entra tropezando mi rudeza. Acuerdate onbre que eres poluo, y te as de reducir a lo mismo: *Memento homo quia puluis es, & in puluerem reuertaris.* Con iertisse vna cosa en otra, dice auer sido diuersa, que lo que siempre fue semejante, no es capaz de estas cõuersiones: la tierra puede desatarse en agua, el agua euaporarse en aire, el aire arderse en fuego, pero lo q̄ ya es agua, no podra conuertirse en agua. Luego si para cõuersion de vna cosa en otra, es menester ay a sido diuersa, y el onbre es poluo, no podra conuertirse en poluo: *Puluis es.* Poluo eres, està bien, q̄ con mas facilidad acaba yn aire la vida, q̄ mueua el poluo; pero esotra clausula, *& in puluerem reuertaris?* Tambien lo està. E decir, q̄ aunque aora eres diuerso de lo q̄ seràs, ay tan poca distancia, aun quando la salud mas robusta, aun quando la iuuentud mas lozana, aun quando la edad mas florida, q̄ te puedes imaginar ya muy vecino a la sepultura: lo q̄ as viuido ya murió, lo que viuiràs no se sabe, lo q̄ viues es vn instante; pues en q̄ estriba tu ceguedad: Tan poluo eres,

como lo seràs desp̄ es en lo vil, en lo fragil, en lo caduco, por mas q̄ lo desmientan ilustres accidẽtes de nobleza, de ermosura, de gallardia. Poluo es el ser, lo demas es accidente. O pasmo casi incurable de la razon! O densas nieblas del entendimiento! O necia ceguedad del discurso! Tan engañados viuen los onbres, q̄ nada ignoran mas que su mismo ser, porque traslunbrados de esto apariẽte, se dar a creer son muy otros. O si acertase a persuadir a todos esta verdad!

§. I.

Que el ser es poluo, lo demas es accidente.

Resfere San Iuan la enfermedad de Lazaro, de vn modo q̄ me a dado siempre q̄ reparar. Auia, dice, vn cierto enfermo llamado Lazaro: *Erant Ican. II quidam languens Lazarus.* Singular v. I. Yo dixera, Lazaro señor de Bathania adolecia de vn tabardillo, que tambien se atreue a lo mas ilustre la enfermedad. Eso es estilo corriente; pero auia vn enfermo llamado Lazaro, rodeo parece. Mude el Euangelista el lenguaje, que estan ya muy discretos los tiempos, y diga, que Lazaro enfermò de vn accidente, no que vn enfermo era Lazaro. No adiertes, dice

Maldon.
hic.

con ingenio singular nuestro Maldonado, que el intento del Euangelista es describir la persona: *Describit initio Lazari personam*. Rato decir! Pues que importa que intente describir al principio la persona para usar de aqueſe eſtilo? Antes por eſo auia de referirle tan noble, que pudo ſer ſu glorioſa proſapia inuidia a los Ceſáres mas vanos, y a los Alexandros mas preſumidos, tan liſonjeado de la fortuna, que no acertára a pretender tantas prendas aun la mas ambicioſa cudicia, tan eſmero de la naturaleza, que le produjo para oſtentacion de ſus primores, y para exageracion de ſu valentia, noble, rico, gallardo, ermoſo, diſpueſto. Eſo fuera describir la perſona, q̄ eſo tro mas parece referir la enfermedad. Pues como nos pinta la enfermedad, intentádo declararnos la perſona? *Erat quidam languens Lazarus*. Auia vn enfermo Lazaro. Y eſo es pintarnos a lo retorico la perſona? Si dice Maldonado, que ſi viera referido primero el nombre, la proſapia, la riqueza, la gallardia, no describiera el ſer, declarára ſi el accidente: ſer Lazaro illuſtre por noble, alentado por moço, rico por feliz, galan por diſpueſto, ſon accidentes que ſobreuiniéron al ſer: eſtar ſujeto a enfermedades. ſer tan poco firme la ſalud mas flori-

da, que l'ue ardor la marchite, ſer la vida mas juuenil ſutil vapor, que a breuẽ rato deſaparezca, eſo es el ſer de que ſe conpone Lazaro, y aſi aduertido el Euangelista, quando quiere describir la perſona, no dice que a Lazaro le ſobreuino la enfermedad, ſino que a vn enfermo le ſobreuino llamarſe Lazaro, que el ſer es lo fragil, y lo accidental lo illuſtre: *Describit initio Lazari personam*. Eſe nombre de Lazaro dice nobleza grande, riquezas muchas, pocos años, mucha gala, mucha vizarría, mucha gentileza; pero todo eſo cae (como decís) por deſuerra; pero el poluo, la enfermedad, el achaque, es el miſmo ſer: y aſi para que nadie traslunbrado de lo aparente, ſe engañe, y pieneſe que el ſer de eſte moço, es lo que por Lazaro ſeñor de Betania tiene, no diga el Euangelista, q̄ era Lazaro el que eſtaua enfermo, ſino que el enfermo era Lazaro: *Erat quidam languens Lazarus*: q̄ el poluo es el ſer, y el ſer Lazaro accidente: *Describit initio Lazari personam*. Sabes quien eres? Si, y tanto, q̄ nunca lo oluida mi vanidad: de tan eſclarecida nobleza, de tan real ſangre, q̄ pudo ſer timbre a Iupiter: ſoi en quien parece izo la naturaleza alarde de ſus faoueres, y la fortuna de ſus poderes, no me falta prenda que pueda anclar mi

mi cudicia: ilustre, entendido, bien dispuesto, galan, inuidiado, rico. Asi, q̄ te persuades que eres el ilustre, el discreto, el galan, el rico? Pues mui engañado viues, q̄ eres poluo, q̄ eres ceniza: *Memento homo quia puluis es.* Este Lazaro à quien asisten medicos, a quien regalan ermanas, a quien sirue tanta familia, de la misma naturaleza es q̄ aquel Lazaro blanco de la peor fortuna, cuyas llagas ofendian los ojos, cuya podre causaba orrores. No os engañen estos accidentes, fieles; no os ciegue con tu resplendor vuestra dicha. El ser es poluo, lo demas suceso de mas, ò menos apacible fortuna: *Memento homo quia puluis es, & in puluerem reuertis.*

Mira el Euangelista S. Iuan al capitulo sexto de su Apocalipsis, q̄ abriendose vnos misteriosos sellos, salid vn cauallotã palido, q̄ pudo dudarse quando cõcebía el pecho los alientos primeros del viuir, si ya etã los vltimos del acabar: el q̄ le gouernaba tenia por titulo Muerte: *Eccẽ equus pallidus, & qui sedebat super eũ nomen illi Mors.* Extraño nonbre del cauallero, y peregrino color del cauallo. Entrã los Interpretres a declarar la significaciõ del misterio, y dicen: q̄ el cauallo es el Imperio Romano, y el ginete Domiciano su Principe: *Romanum Imperium*, dice Lira, *pro tempore*

illo significatur per equum pallidũ, & qui sedebat super eũ Domitianus Imperator. A i mas peregrina explicacion? Ai geroglifico mas raro? Vè Iuan la magestad soberuia de vn Imperio Romano, la mentida diuinidad de su Enperador, quando se oye aclamar de la adulacion inmortal, de la lisõja soberano, del engaño eterno; y dice, q̄ es su diuinita la muerte, y su ponpa la ceniza: *Nomen illi Mors?* Que tienẽ q̄ ver los llantos lugubres de vn entierro, cõ las aclamaciones regocijadas de vn triunfo? La põpa de quiẽ se ostenta monarca, cõ la infelicidad de quiẽ se cõuierde en ceniza? Que semejaça tiene la purpura cõ la mortaja, el cetro cõ las vendas, la corona cõ el sepulcro? Si Domiciano reina adorado de sus vasallos, temido de sus enemigos, lisongeado de sus cortesanos, como ya muerte? Como ya panesa? Como ceniza? *Nomen illi Mors.* Y si el Imperio Romano luce dilatado, aun asta los mas desconocidos de suios, fies no ya inuidia a los demas, porq̄ nadie le compite, sino admiraciõ, porq̄ le venerã todos, como palido, como fragil, como caduco? *Equus pallidus* Yã està dicho. Iuan aguila perspicaz distingue entre el ser, y el accidente; y quando quiere de clararnos quiẽ es Domiciano, no dice es a quiẽ la lisõja enface legos humos miẽte deidad, a

Apoc. 6.
v. 8.

Lira.

quien los mas distantes Reinos erigen aras como a diuino, à quien tributa aplausos el mundo; sino que es muerte, que es pautela, que es ceniza: *Nomen illi mors*. Por mas que el Imperio Romano crezca sus dichas, aumente sus riquezas, por mas que se corone de triunfos, es vn no ser, vn acabarse, vn desaparecerse, vn vyrse. O quantas vezes entre los parabienes alegres de la mayor dicha, fue necesario mezclar los pesames tristes de la desgracia mas infeliz: O quanto nos engañamos con este adorno aparente, con este artificio pomposo, con esta beldad fingida! La vida misma es la muerte, y el començar à viuir, es començar a acabar; no es menester buscar otro achaque para la muerte, q̄ auer viuido, por q̄ quanto se viue se vye, por q̄ quanto se vye se muere. Atencion fieles, q̄ os titaniza la razón el engaño q̄ os miéte esto exterior a la vista, q̄ os juzgais muy otros de los q̄ tois. Pluguiera al cielo no fuera esta tan experimentada, como costosa verdad. Nada ignoramos mas q̄ el ser mismo q̄ tenemos, por

§. II.

Que engañados de los resplandores de la dicha, olvidamos las cenizas de nuestra naturaleza:

NAcidò aquel Rei de Tiro, con quien Ezequiel abla

en el capitulo veintiocho, tan hermoso, que pudo ser exéplar à la belleza, tan feliz, que las piedras mas preciosas anelaban ser adorno de su gala; las mas bellas esmeraldas, las mas netas margaritas cudiciaban por acreditarse de finas tener engaste en el trono, ò lugar en el vestido: *Tu signaculum similitudinis Dei, plenus sapientia, & perfectus decore, indelicij paradisi Dei fuisti: omnis lapis pretiosus operimentum tuum*. Por infeliz se tuuo el diamante de mas fondos, el rubi de mejores visos, sino tuuieron parte en tu pompa, y situieron ambiciosos a tu dicha; pero como quanto nace paga tributo a la muerte, las primeras vendas que te coronaron la frente como a Rei, fueron presagios de las que despues auian de cubrir tus errores como mortal: *Foramina tua in die, qua conditus es, preparata sunt*. Y bien, como se porta este Rei mortal, y feliz? Tan a lo necio, q̄ engañado del adorno, llegó, a olvidarse del ser: *Elevatum est cor tuum in decore tuo: perdidisti sapientiam tuam in decore tuo*. Es ceniza, y se presume deidad, es poluo, y se miente Dios: ya cayes posesiõ de la muerte, y se sueña eterno: enbarazòse la vista en la gala, cegóse en la pompa, y no atendió la mortaja. Que bien el Parafraсте Caldeo: *Sapphius, smaragdus, & carbunculus,*

Ezech.
28. v. 13

8. 13

Paraph.
Chald.
lus,

lus. inclusi auro. omnes isti opus ornamenti tui; ideo elcuaum est cor tuum. Verum non considerasti cadauer tuum quod factus sis cum concubitibus, & foraminibus. El ser eia cadauer, era poluo, era pautesa; el adorno eran diamantes, esmeraldas, rubies; y la ermosura de aqueste ornato izo se oluidase la fragilidad de aquel cuerpo: *Non considerasti cadauer tuum.* Como vio el poluo del ser ermosado con la pupura, adornado con las telas, como se vió sobrado de regalos, y asfido de lifonjeros, dejò sellenar del engaño, y oluidòse del sepulcro: *Perdidisti sapientiam in decore tuo.* Si te vbieras puestto (dice el Profeta) a mirar tu mortaja, tu cadauer, tus cenizas, ò como se tenplara tu ambicion, y se moderàtan tus aperitos, aun quando se amontonaban en ti las dichas; porque conocieras q̄ toda esa gala era vestido mui extrinseco a tu ser: *Omnis lapis pretiosus operimentum tuum;* y que las pautelas eran mui proprias al natural: *Non considerasti cadauer tuum.* O pluguiese a Dios fuera solo el Tyro necio, pero son muchos los que le siguen! Que de parabieses se dà la ermosura de vna dama, quando mira su beldad en el cisital de vn espejo! ya le parece endicia el Sol para rayos las ebras de sus cabellos, ya imagina mas dichoso aquel cielo de

su frente, q̄ el mesmo Inpireo; pues a su frente la ilustran sien pre dos soles, y a los cielos vino: ya mira mesclades en sus mejillas sin artificio los jazmines, y los clauales; ya le patecè los labios inuidia del carmesi, ya afrenta noble de las margaritas sus dientes: como se engrie, como se aplaude, como se enuanece, sin considerar su cadauer, quando lenta calentura vasta a marchitar esa flor! Ermosa naciste, pero pocos asaltos de vn tabardillo vastan a desmàtelar tu belleza. Vn aire leue ya descòpone en la pelesia los miembros, ya desenquaderna facciones, ya causa pasmos: adornada canpeas, adorada luce; pero los q̄ te admiràn en la grãdeza, te ollaràn en la sepultura. No creas lisòjas desuanecidas, quando te aduertè experimentadas verdades.

Quando triunfaban los Emperadores Romanos cò aquella pòpa soberuia de su grandeza, en aquellos cartos, q̄ apotaban luces al Sol, y agoraban en resplandores el oro, tenian quien los auisase eran ombres, dice Tertuliano, y era recuerdo inportate, porq̄ no oluidasen las cenizas de su ser, entre las pompas de su grandeza: *Hominem se esse, etiam triumphans in illo sublimissimo curru admonetur: suggeritur enim ei à tergo: Respice post te: Hominem memento te: Et utique hoc magis gaudet tantum*

Tertul.
in Apol.
cap. 33.

ta se gloria coruscare, vt illi admonitio conditionis sua sit necessaria. Dejanse tan sabrosamente engañar destes apacibles alagos de la dicha los sentidos, que porque los afortunados no se fingiesen deidades, les acordaban que eran cenizas: *Hominem memento te.* Pues esto ace oi la Iglesia con los poderosos, con los grandes, con los sublimes, acordales lo que son: *Memento homo quia puluis es,* porque no crean naturaleza los accidentes.

Ponese el Profeta Rei a tratar de los justos en su primer Salmo y dice, que seràn como los ponposos arboles, que estan plantados a las márgenes del rio: *Erit tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum.* Bebe el arbol que está vecino a las aguas el vmor de sus corrientes; y así sienpre está loçano en sus ojas, crecido en sus ramos, ermoso en sus flores, abundante en sus frutos. Así el justo con el vmor de la gracia se aumenta en virtudes, crece en perfecciones, y se enriquece de meritos. Bien está de esta suerte la metáfora: y esto parece lo literal; pero en lo moral alló misterio el Incongnito, estas aguas, dice, son nuestra mortalidad, que con mas priessa desaparece la vida q̄ se desliza vna onda: *Per aquã significauit nostra mortalitatis decursus.* *Omnes morimur.* & quasi aqua de-

labimur in terrã. Sucedele al justo lo q̄ a vn arbol plantado a las orillas de vn rio; quãdo mas descollado cãpea, mas florido luce mas lazonado se goça, se esta mirãdo en las aguas tã de otra suerte, q̄ pudiera dudar, si era el mismo. Que vmillada la copa mas soberbia, q̄ inclinadas las ramas, q̄ melancolicas las ojas, q̄ obscuras las flores. Desuanecer se pudiera el arbol, viendo en sí su vizarría, su gala, su ponpa; pero corregir puede su presuncion si atiende entre las aguas su sombra, porque ai los pinpollos mas erguidos estàn los mas vmillados, ai los verdores mas loçanos estan deslucidos entre sôbras: ai las raíces mas firmes estan expuestas a vn deslizarse continuo. Pues los justos, dice Dauid, son como este arbol, que en sus mismas sôbras tiene el correctiuo de su altieuz. Los pecadores son al cõtrario, que enuanecidos en la põpa de su dicha, no atienden lo fragil de su pauela; *Non sic impij, non sic: sed tanquam puluis, quem proiiciunt. ventus à facie terra.* Traslunbrados cõ soberuia no ven los orrores de su mortaja, sino vuelã en el elemento de su ambiciõ, apartãdo la cõsideracion de la ceniza en q̄ an de parar. Así se engrien como el sutil poluo, a quien leuantò para perderle la violencia de los vientos: *Tanquam puluis, quem proiiciunt.*

Psalm. 1.
vers. 3.

Incogni-
tus.

Omnes morimur. & quasi aqua de-

ven-

uentus à facie terra. Pues para
 desterrar este engaño, quiere
 la Iglesia cõsideres algun rato
 tu cadaver, tu sepulcro, tu en-
 tierro, porque sea eficaz colirio
 a tu ceguedad el poluo
 de esas cenizas: *Memento ho-
 mo quia puluis es, & in puluerem
 reuerteris.* Poluo somos, no ai
 que confiarnos, no ay que en-
 banecernos. Aun no emus
 fondado todo el fondo de e-
 sas palabras. Otra verdad no
 menos importante nos dicen,
 y es, que seremos despues lo
 que fuereamos aora. Poluo se-
 rás en la muerte: *In puluerem
 reuerteris,* porque lo eres en la
 vida: *Puluis es.* Pues claro está
 esto: claro auia de estar para
 nuestro enseñamiento; pero
 en lo contrario suele estribar
 nuestro engaño. El menos
 modesto se persuade, que en
 la vejez será casto, el que se
 entrega a sus pasiones q̄ tra-
 tará en la muerte de vitrudes.
 No niego pueda la gracia a-
 cer esto, que ya vn ladrón en
 los vltimos alientos, fue ex-
 enplar a la confianza; pero lo
 comun, dice la Iglesia, es ser
 en la muerte lo que vbiereas si-
 do en la vida. Mientras viues
 eres poluo: *Puluis es,* tambien

seras en la muerte pol-
 uo, & in puluerem
reuerteris.

(22)

§. III.

Que de ordinario se ace en la muer-
 te lo mismo que se exerciò
 en la vida.

M Vere Cristo en vna
 Cruz, ran de las eridas
 todo, q̄ no auia donde se re-
 pitiese ninguna: tan mal tra-
 tado estaba q̄ se dio por con-
 tento el odio, y por satisfecha
 la inuidia, y aun no lo estaba
 de los tormentos su ansia. En
 vna ardiente voz manifesta a
 los cõtrarios su sed pretẽdien-
 te de las yeles; q̄ aun auia olui-
 dado el furor. Echa ya esta di-
 ligencia; doblando la cabeza
 sobre el pecho, entregò al Pa-
 dre su Espiritu: *Inclinato capite
 tradidit Spiritum.* Que descaer
 es esto, mi Dios? No puede su-
 stentar vuestro aliento la ca-
 beza? Acabais aora de desfiar
 las penas, y de apurar los tor-
 mētos, y alo vltimo flaqueais?
 Soltened, sostened mi Dios la
 cabeza, no infame la malicia
 vuestro valor, no mienta la
 calumnia que triansaron de
 vuestro aliento las penas. No
 dobla el cuello, dice Vgo Car-
 denal, mēnos valiēte, sino mis-
 terioso mas. Qual fue la o-
 cupación de Christo mien-
 tras viuio? Bõscar vna ovejuela
 perdida, a quien sus ape-
 titos auian ausentado tan le-
 jos de la razon, que para allar-
 se, fue necesario aprestar los

Ioan. 19.
 p. 30.

vuc-

vuelos aun el pastor mas gigante. Al fin logró la diligencia el cuidado, allí él, y inclinando la cerviz la puso sobre los ombros asta volverla al aprisco: *Imponit in humeros suos gaudens.* Esta fue la ocupació de Cristo en la vida: pues esto mismo ace dice Vgo Cardenal, en la muerte: *Inclinato capite quasi supponens humerum ad portandum nos. Et onera nostra.* Tan alentado muere, aun quando mas deshecho a dolores, y defangrado a tormentos, q en las vltimas agonias, inclinó la cabeza para llevarnos sobre sus ombros al cielo: *Inclinato capite, quasi supponens humerum ad portandum nos.* Como auia gastado toda la vida en reducir al rebaño sobre sus ombros la oueja, no olvidó esa costumbre aun en el vltimo aliento. Correspondio al viuir el acabar, y fue vn espejo de la vida toda la muerte: *Inclinato capite quasi supponens humerum ad portandum nos, Et onera nostra.* Esta es experimērada verdad. Cada vno muere ordinariamente como viuo: sola la temeridad de su égaño pudo persuadir al desonesto, al jurador, al vengatiuo, al injusto auia en la muerte de exercitar lo contrario, q en la vida. Pues tan poca fuerza tiene vna costumbre, conuertida casi en naturaleza? Tan facil se modera vn apetito, no enseñado a sufrir freno? Tan facil se desarraiga vn

vicio entrañado en el mismo ser: No as pensado en la salud otra cosa sino tus diuertimientos, tus venganzas, tus vanidades, y te prometes q al morir solo se ocupará la imaginació en las penas, el animo en los arrepenimientos, y el discurso en las inportancias? B.é puede ser (tan piadoso es Dios) pero temome no será, q tambien se precia de justo. Quieres saber como as de morir? Pues atiende como viues, quyaunque no es profecia infalible, es el pronostico mas seguro.

Gran lugar de san Mateo. Conoce el Bautista está cerca na su muerte, y q auiendo Herodes comēzando a afligirle, no auia de parar asta degollarle, y cō dos de sus discipulos enbia a preguntar a Cristo si es a quiē anelaban las esperanzas, a quiē voceaban los suspiros, a quien pretendieron los deseos: *Tu es qui venturus es an an alium expectamus.* No preguntó como quieren Crisostomo, y Geronimo, si era Cristo el Mesias, a quiē tantos siglos aguardó el mundo q esto ya fuera contradecirse a sí mismo, pues aun entre los grillos de la naturaleza le confeso Dios, y le aclamó en el Iordán Cordero, con cuya sangre auian de botrarse todos los pecados del mundo. Lo que pregunta es, si al morir a de bajar al linbo para romper cō su luz las sombras, q aprisionan a tan-

Mateo.
II. v. 2.

Hieron.
in Cat.

tos justos: *Non ait* (dice Geronimo) *Tu es qui venisti, sed tu es, qui venturus es? Et est sensus: Manda mihi, quia ad inferna descensus sum, ritum te etiam inferis debeam nuntiare.* La pregunta fue: si Cristo en su muerte bajaria a librar de las carceles en que estaban detenidos los justos: y bien, qual fue la respuesta? Decidle a Juan, les responde Cristo, que los ciegos cobian luz, los cojos pies, y los muertos vida: *Cæci vident claudi ambulant, mortui resurgunt.* Paso Señor, q̄ parece no auéis atendido la pregunta, d̄ que estais muy deseoso de ostentar vuestra grandeza. Lo q̄ desea saber el Bautista, no es, si obrais prodigios, ni si remediis trabajos, q̄ antes obligado de la fama, que aun resonaba en las carceles, os enbia a preguntar esta duda. Pues si es esta la pregunta, como ajustais la respuesta? Como quie era, dice Crisostomo, la sabiduria del Padre. Si Cristo respondiera a Juan, que al morir auia de librar a los Santos Padres, o lo calumpiara la malicia, o lo censurara la inuidia: pues buen remedio, dice Crisostomo, para que no se satisfaga en su daga, y para q̄ aun los enemigos no puedan contradecir la respuesta, les refiere sus acciones: *Christus mentem noscens Ioannis non dixit Quoniam ego sum quia per hoc rursus obssisteret hoc audientibus: excogi-*

tassent enim etsi non dixissent quod Iudei ad ipsum dixerunt: Tu de te ipso testimanium perhibes, & propter hoc à miraculis fecit eos dicere, in suspicabilem doctrinam faciens, & manifestiorem. No enplea Cristo su vida en reformar la naturaleza, en auy étar penalidades, en desatar lazos? Si pues claro está arà lo mismo en la muerte, y así quando el Bautista pregunta lo q̄ a de acer en la muerte, responde bien con lo que exercita en la vida: *A miraculis fecit eos discere.* En la muerte librarà a los Padres de cõgojas, por q̄ enpleò la vida en auy étar del mudo penalidades: luego si la vida es tan cierto indice de la muerte, bié digo, que cada vno podrá sin dificultad cõjeturar qual sera su muerte, pues sabe qual es su vida. Ninguno se engañe aficionado a sus yerros ni se persuada, arà lo contrario de lo q̄ exercita, despues, q̄ aunque es posible, es menos legaro. O mi Dios, no permitais por vuestra sangre, cor respondan nuestras muertes a nuestras vidas, que sera mucha desgracia. Tal es nuestro proceder, q̄ pues de recelar fines no solo meros dichosos, sino malafortunados. Que sin puede esperar quie se adelatò a la edad en la malicia, quien enpleò endel doro ageno su lengua, que nada negò a su apetito? Que sin spera la ermojura, q̄ nacio para guerra de la iuuentud, pa-

Chrysof.
in Cat.

17. 17. 17.

ra injuria del onor, para peste de las costumbres, para destroz de las haciendas, para escandal de las ciudades: O sea mejores nuestras vidas, porq̄ sean menos infueltas las muertes. Infamada veo de terrible a la muerte, y no con mucha razon, que la acedia no es suya, sino prestada, que a ser propia, nunca fuera dulce, y que a muchos el morir sea sabroso, no admire duda. De aqui colijo, que en la muerte no es ella a quien se teme, sino a la vida. La vida se teme en la muerte? Si; que la muerte igual es con todos: *Æquo pulsat pede pauperum tabernas, Regumque turres*, y no es para todos agria. Ardiente la suspira el ania de quien la espera puerto a su navegacion, aliuio a sus trabajos, y seguro a sus deseos; pero a quien la sospecha escollo donde se a de acer pedezos la vida, naufragio donde an de perecer los deleites, tiempo en que an de castigar selos vicios, no es mucho le palpite el coraçon, le desmaye la congoja, le cubra de frios trasudores el miedo. El estimulo de la muerte es la culpa, dice el Apostol: *Stimulum mortis peccatum est*, y asi el ser mas, o menos agria, de las costumbres lo participa.

I. Cor.
15. v. 55

(:?)

§. III.

Que las congojosas acedias de la muerte son de la vida, no suyas.

DE vna misma naturaleza son Cain, y Pablo, y este viue enamorado de su muerte tanto, q̄ ambicioso la cudicia: *Desiderium habens dissolui, & esse cum Christo*. Cain la juzga tan horrible, q̄ de oir solo el nõbre se estremece. *Omnis, qui inuenerit me occidet me*. Si la muerte del Apostol no es de otra naturaleza en su ser, que la de Cain: si a vno, y otro igual reduce en cenizas, como al vno le causa tantos deseos, y al otro tantos aconbros? Como a Pablo le parece tan hermosa, y tan horrible a Cain? Porque aunque son de vna misma naturaleza estas muertes responde Ambrosio, son muy diueras las vidas, y de ai le viene a la muerte el ser gustosa, o el ser terrible de defabrida. Cain vè, que su vida a sido derramar sangre inocente, inuidiar agenas felicidades, executar traiciones, y disimular delitos, y quãdo imagina, que a de morir, se estremece, porq̄ recela en la muerte el castigo de sus delitos. Pablo mira sus virtudes, sus afanes, sus ayunos, sus penitencias, y espera q̄ la muerte a de ser el aliuio de sus trabajos, y el principio de sus gozos, y asi està ca

Ad Phi.
1. v. 23.

Gene. 4.
v. 15.

10. v. 20.

lejos

lejos de temerla, que es tu es-
 tudio de evitarla: *Desiderium ha-
 bens dissolui, & esse cum Christo.*
 Detatarme, dice Pablo, del cu-
 erpo, à de ser vnirme en amor
 indisoluble con Dios: pues
 venga la muerte, que no será
 dejar de viuir, sino començar
 à reinar. Que bien Ambrosio:
*Non mors ipsa terribilis est, sed opi-
 nio de morte, quam vnusquisque
 pro suo interpretatur affectu, aut
 pro sua consciencia perhorrescit. Sua
 igitur vnusquisque consciencia vul-
 nus accuset, non mortis acerbita-
 tem. Denique iustis mors quietis est
 portus, nocentibus naufragium pu-
 tatur.* Nadie infame a la mu-
 erte de terrible, ò la desacre-
 dite de aceda; que si a los ma-
 los les parece el naufragio mas
 desgraciado, los justos la tien-
 nen por el puerto mas se gu-
 ro. A Pablo le parece dulce
 sueño, si a Cain duro martirio.
 Pablo como su libertad la de-
 sea, Cain como a su prision la
 vye. Izo diuersos efectos la
 muerte, porque fueron muy
 defemejantes las vidas. Si Cain
 vbiera viuido mejor, la temie-
 ra menos, y así el orror no na-
 cio de la muerte, sino se origi-
 nõ de la vida. Darle a vn reli-
 gioso, à vn justo, a vn mortifi-
 cado nueuas se le acerca el fin,
 es ocasionarle gozo; pero dar-
 se las a quien solo trata de sus
 deleites, de sus ambiciones, de
 sus vizarrías, de sus aumentos,
 de sus regalos, es causarle el

mayor pesar. Pues si es vna la
 causa, como tan contrarios
 los efectos? Porque esos na-
 cen no de la muerte vecina,
 sino de la vida pasada: *Ius-
 tis mors quietis est portus nocenti-
 bus putatur naufragium.*

En vn dia muere Ionatas,
 aquel Principe esforzado a
 quien ni entorpeció ocio, ni
 engañó lisonja, ni manchó in-
 uidia, y Saul su padre: *Saul,
 & Ionathas interierunt.* Dauid
 vuolue a preguntar las circun-
 stancias de esta tragedia, à
 quien le trajo la infaulta nue-
 ua, y el Amalecita responde,
 que allandose a caso en los
 montes de Gelboe, vio que
 Saul traspassado con su misma
 lanza se quejaba con lastime-
 ras voces de vnas mortales cõ-
 gojas: *Tenent me angustia.* A que
 angustias, dice Saul, me ras-
 gan el corazon! A que vascas
 me despedazan el animo! A
 que temores me contumen el
 brio! *Tenent me angustia.* Aqui
 ni dificultad. Si en el mis-
 mo teencuentro, si por la
 misma causa, si en el mismo
 monte mueren Saul, y Io-
 natas, como este tan sin con-
 gojas; que no se le escucha
 vn ay, y tan afligido aquel,
 que busca aun en las temeri-
 dades desaogos al corazon?
*Sta super me, & interfice me:
 quoniam tenent me angustia.*
 Si Saul siente perder la vi-
 da, aun mas en flor se le

Ambr. de
 Bono mor-
 tis cap 8.

Phi.
 23.

e.4.

5.

2. Re. I.
 p. 4.

le pierde al ijo: si le allige a Saul dejar la corona que goza, Ionatas se vé privar de la que eiadero de sea: pues como muere tan sin angustias el ijo, quando el padre entre tan mortales ansias? Porque estas angustias no nacen de la muerte, dice el Abulense, sino de la vida, y asi dóde la Vulgata lee: *angustia*, se lee en el Hebreo: *Sauas* que era la orla del vestido sacerdotal: *Ora vestimenti tenebat Saulem, idest sacerdotes ipse enim occiderat sacerdotes Domini, & deleuerat urbem eorum*, dice el Abulense. Ionatas siguió sienpre la verdad, defendió la inocencia, amparó la justicia: Saul valiendose cótra la razón del poder, persiguió a Dauid, entregándose a sus pasiones. Izo su pecho abitación de demonios: vsurposó en la guerra de Amalec los ganados cudicioso, quitó la vida a los sacerdotes de Dios injusto: pues las vestiduras sagradas que manchó con sangre inocente, son las que le congojan aora. No nacé estas ansias de la muerte, sino de la vida, de la culpa, de la conciencia: *Ora vestimēti tenebat Saulem, idest, sacerdotes*. Como Ionatas tenía la conciencia segura, no tuvo al morir congojas, como Saul la tenía tan lastimada, no pudo no despedazar se a temores: *Tenēt me angustia*. Estos miedos, estas angustias, estas vacas, estas orrores si fueran ac-

cientos de la muerte, la de Ionatas los tuiera; pero tubolos solo Saul, porq̄ fuerō de la vida. Miróse para el delito Rey, y no se acordó mortal, y al despedir el espíritu, temió el pecado, porque se miró mortal, y vió q̄ se acababa el ser Rei. Que de otra suerte se ven los deleites a la luz de vna candela, q̄ al viso de vn aperito. El derramar sangre, el quitar la vida a los Sacerdotes, fue para Saul en otro tiempo gustoso espectáculo: aora le es el mas ouible tormento. Pues esa acción no es en ambos tiempos la misma? Si, pero es la luz muy diuersa. Quando se executó, se miró deleite, aora se conoce delito, y así aora atemoriza el pecado, si antes lisógeaba el gusto. Con q̄ ardor solicita vn moço sus palatiempos, vna dama sus vizarrías, sus riquezas vn auariento, sus dignidades vn ambicioso, y quando se auicina la muerte, quando falta luz a los ojos, color al rostro, aliento al pecho, respiración a la vez, q̄ temordimientos, q̄ inquietudes, q̄ temores no se padecen? Pues todo eso no era poco à ocasión de gustos? Si. Pues como aora es materia de dolor? Porq̄ en cada vna de estas cosas auia ser deleite, y ser delito, y quedóse para la muerte el delito, porq̄ se gastó en la vida el deleite: *Tenent me angustia, idest sacerdotes*. O que ansias! O que angustias!

Abulens.
q. 5.

tias! O que vascas! O q̄ cōgo-
jas padezco, dice Saul, por auer
vsado del poder contra la ra-
zon; por q̄ aora è de pagar la
injusticia, y à de acabarfe el po-
der. Este error es de los mui
vsados en re los ombres: solo
se acuerdan de lo q̄ son, y ol-
uidan lo que seran, y así bran
conforme su antojo, o su esta-
do les dicta, y no cōforme a lo
que su ceniza les enseña. Pues
por eso nos acuerda oi esta ce-
remoniareliçiosa, no solo lo q̄
somos, sino lo q̄ emes de ser
tambien: *Memento homo quia pul-
uis es, & in puluerem reuerteris.*
Poderoso eres, pero ceniza se-
ras: hermosa eres, pero seras pol-
uo: noble eres, pero reduciras-
te a pauesa. Si como al pa-
uon su rueda matizada de co-
lores te enuanece la primavera
de tu fortuna, mui como
el sus pies a tu fin, y te vmilla-
rà la mortaja, y te aduertirà tu
ceniza.

§ V.

*Que es gran daño tener mui en la
memoria lo que eres, y entregar al
oluido lo que as de ser.*

DE donde naze tanta va-
nidad en los trages, tan-
ta profanidad en las galas, tan-
ta funprudencia en las mefias?
De acordarse vnòs de su no-
bleza, de desuanecerfe en su
yoder otros, de agradafe en
su cimosara. Si se acordàrian
fe an de ver en la mucite a los

mas fieruos iguales, mui de o-
tra fuerte viuerà Solo e acue-
rda vna dama de su donaire,
de su gẽtiliza, de su cimosara,
no de q̄ se an de ver obfure-
cidos los ojos, traspillados los
dientes, cortados los cabellos,
cardenos los labios, y palidas
las mexillas. El mozo solo ati-
ende la lozania de los años el
ardordela s̄gre la gallardia del
natural, sin acordarse cōsume
pequeño ardor esas fuerzas, a-
gosta vn dolor esos verdores,
y debilita vn tabardillo esos
brtos. Vènabucodono for en-
tre sueños aquella estatua, cu-
yos valientes metales despre-
ciaban los riesgos, y acian bur-
la de los peligras. Los siglos
les lifongeaban cō sus comba-
tes, porq̄ les aumentaban los
triũfos. La cabeza fino oro, el
pecho bruñida plata, lo demas
terfo bronce, y duro yerro, so-
lo los pies se terminaban en
barro. Firme se aseguraba la
estatua, quando no valiere in-
pulso, fino el deslize de vna pie-
dreçilla, q̄ se despreciò de vn
mõre sin manos, reduxo igual-
mente oro, plata, bronce, y er-
ro, y vario en despreciadas pa-
uefias: *Conrita sunt pariter ferrũ,*
*testu as, argentũ & aurũ & reda-
cta quasi in fauillã cõiũta arca, que*
rapta sunt vento. Llega Dani-
el a interpretar el misterio, y dice-
le: Nabuco que èl es la cabe-
za de oro, pero que tambien
se verà ceniza: *Tu es caput au-*

Dan. 2.
p. 35.

rum... *Deus magnus ostendit Regi, qua ventura sunt postea.* Verdad es Pei, dice el Profeta, que resplandeces lucido, y que soberano Monarca sobrefales adorado: *Tu es caput aurum;* pero mira que el mostrarre Dios el fin de estos reinos, fue enfrenar tu vanidad y corregir tu altivez: *Deus ostendit Regi, qua ventura sunt postea.* Y bien que ace en esta ocasion Nabuco? Formar vna estatua toda de oro, y pretender la adoren por Dios: *Fecit statuam auream.* A mas errado intento, mas superfluo gasto, ni error mas ciego, que el de este Principe? Aora ace estatua de oro, quando se resuelue todo en cenizas? Si dice Teodoro, que aunque le dixo Daniel lo que entonces era, y lo que seria despues, entregò al oluido la pautela de despues, y solo atendio al oro, que entonces era: *Beatus Daniel somnium interpretas, ipsum esse aureum caput dixit... Ipse omnem ex auro imaginem molitur.* Desvaneciose necio, dice Teodoro, y cegò se aliuo, porque solo se acordò de lo que entonces era, no de lo que despues seria. Si se acordara del varto, no iciera toda la estatua de oro, ni se fingiera deidad; pero como oluidò la ceniza, no ajustò las acciones a la verdad, sino labiò su soberbia la estatua de oro: *Omnem ex auro imaginem molitur.* Mui en la memoria tubo, que

era cabeza, que era oro, para desvaneciose; pero no se acordò auia de ser polvo, para vmilarse. Pues en esto consistio el daño, en diuidir los estados, y dar al oluido lo que auia de ser, y mui a la memoria, quien era. O si quando te acuerda tu vanidad los blasones de tu profapia, te acordaras tambien de los orrores de tu sepulcro! O si quando te enuaneces de ilustre en sangre, te acordaras, que en esa sangre se an de cebar los gusanos mas viles! O si quando vistes las galas mas ricas, te acordaras a de ser vna mortaja pobre todo tu adorno! O si quando te miras en los cristales hermosa, te atendieras en la tumba desfigurada, que de otra fuerte viuieras; pero como solo atiendes lo que aora eres, y olvidas lo que seras, te desvaneces necio, te atreues poderoso, presumes vano.

Faltò Adan ingrato, comiendo vna mançana tan agria, que aun no á acabado su agrura de digerirse: aduirtiose desnudo, y pobre, y sobre auer despojado al arbol del fruto, le quitò tambien para vestirse las ojas: *Consuerunt folia ficus, & fecerunt sibi perizomata.* Aora cotege-

Gene. 3.
v. 8.

tad s

Dan. 3.
v. 1.

Theod. in
Daniel
orat. 3.

Iob. 1
20.

rados en las ruinas del palacio donde se festejaban, y amortajados en los máteles de la mesa, en que comian; que se desploma del cielo fuego, para abrasarle las posesiones; q̄ los Sabeos acen presa en los ganados; y quãdo se alla en estado tan miserable, y tan pobre, no impaciente, sino cõstante, rompe el vestido, sin reparar en q̄ se queda desnudo: *Scidit vestimenta sua, & tonso capite corruens in terram adorauit.* Ay acciones mas opuestamente encontradas? Si Adan porq̄ se alla pobre, y desnudo, no repata en desnudar los arboles para vestirse; como Iob, quãdo olas tã arrebatadas de calamidad le combaten, aumenta el mismo, rompiendo la purpura su desdicha? *Scidit vestimenta sua.* Aora mis era tiempo de estimar lo que auia quedado, q̄ ocasio de desestimar el vestido. Quando a Adan le cuida tanto cuidado el vestirse, Iob acẽ estudio de desnudarse? No ay sino atender lo que Iob, y Adan considerã, y se conocerã la causa de tan diuersas acciones. A Adan solo le ocurre a la memoria, q̄ està desnudo en el paraíso, no q̄ se à de ver despojado en el sepulcro: *Cum cognouissent se esse nudos, consuerunt folia ficus.* Iob no solo atiende que aora està despojado, sino que despues se à de ver en la sepultura desnudo: *Nudus egressus sum d:*

utero matris mea, & nudus reuertar illuc. Pues por eso el vno no repata en la injusticia, y el otro es gloria de la pacienciã. Yo estoy desnudo, dice Adan, yo estoy pobre, dice Eua; pues necesario es buscar galas, aunque sea despojando el arbol a costa de la justicia, y de la conciencia. Iob lo discurre al contrario: Yo me è de ver presto tan desnudo de todo, que aun les falte mi misma piel a mis guesos. Pues que inporta vivir pobre aora? no inporta tomen posesion los gusanos de lo que es por derecho fuyo: *Ad egritudinem splendendam parat medicamentum* (dice Olinpiodoro) *ea est, inquit lex, vt non multo post sit amissio omnium sustinenda.* Acordõse Iob no solo lo que era, sino lo que auia de ser; y quando se considerò desatado en poluos, le pareciò no era mucho vivir desnudo: quãdo considerò sus guesos desnudos de la piel, le pareciò podia pasar sin tanto como tenia; pero como Adã no se acordò se auia de ver despojado, sino que estava desnudo, fue todo su cuidado adquirir, y todo su afan tener. En q̄ estado te allas? Sin tener vna gala, vn adorno, vn vestido; y en que te ocupas? en adquirirlo, aunque aya de ser como fuere, aunque sea dãdo entrada a vna serpiente, auq̄ sea despojado vn arbol.

Iob. I. v.
20.

Olymp.
in Cate.
Grac.

e. 3.

O como solo te acuerdas del estado en que te allas, y no del estado en que te as de ver, q̄ si te imaginaras guesos frios, cadauer feo, mineral de otros, alimento de gusanos, otros fueran tus pensamientos! Para que aliños, si an de parar presto en alcós? para q̄ galas, si de aqui a poco a de ser vn tundo pedernal el aseo? Qual es tu suerte? menos acomodada de lo q̄ mi sangre, y mi nobleza pedían: y en q̄ gastas tus cuidados? En buscar riquezas, en pretender onras, en anelar dignidades. Pues suda en tu pretension, cansate en tu intento, desuelate en tu cuidado, que presto te veras igual al pobre mas mendigo, y al mas vil esclauo. Quando no vbiera otro indicio de q̄ nuestro entendimiento está obscurecido con densas nieblas de culpa, este era muy eficaz, pues luz tan valiente de verdades, no llegan a vencerlas, ni aciertan a sacudirlas. O Padre de las luces, que aces ronper la claridad de las sonbras, seanos oy esta lobreguez de la muerte, fecunda madre de aduertimientos. No ocupe nuestras atēciones solo lo que aora somos, sino merezca nuestros cuidados tambien lo que emos de ser despues. Asi lo procura oy la Iglesia, asi lo desea, y asi conuiene: *Memento homo quia puluis es, & in puluerem reuertere-*

ris. Mas ay que solo sirue a veces la memoria de lo que emos de ser, y de lo que somos, para armarnos contra la luz, y acer guerra a la verdad, peruerlamente ingenioso tuerce nuestro afecto ácia la comodidad, y el regalo las razones que persuadian la penitencia, el cilicio, el ayuno. Acuerdate onbre que eres fragil, y que de ti viuo a ti muerto ay poca distancia, ð ninguna: *Puluis es, & in puluerem reuerteris.* Y bien, esas memorias de que an de seruir? Ya lo enseña el Evangelio; de ayunar, de dar limosna: *Cum ieiunatis.* Pues tan a lo contrario se ladea ese texto, que se acuerdan algunos de vn achaque, que tuuieron mil años à para escudarse contra el ayuno. Que tiempo tan achacososo este, no parece la Cuaresma, sino Pascua de Resurreccion de todas enfermedades. Asta aora se rondaba toda la noche, y ya no ay cabeza para vn ayuno: asta aora ni auia dolor de estomago, ni vaidos, ni corrimientos, y ya lo ay todo. Yo è menester comer carne. Porque? porque soy tan delicado, y tan poluo, que vn dia de pescado bastará para enfermar muchos. Yo no puedo ayunar, q̄ serà procurar achaques. Yo no puedo dar limosna, que no sè si tendré enfermedades en que

que gastar. Este es el esquadro de razones que arma contra la Cuaresma el regalo, y las armas son el ser poluo, auiendo de ser esas razones las q obligasen a la virtud. Yo viuo en ferimo, pues menester es viuir bien: yo soy de natural flaco, pues menester es estar preuenido: yo no sé quando acabare, pues menester es tener en el cielo tesoro, lo demas es acer de la medicina veneno, y discurrir tan necio.

§. VI.

Que las razones con que apoyas el ocio, son las que obligan mas al cuidado.

Murió Lazaro en tan breue tiempo, q entre recibir Cristo nueuas de la enfermedad, y darselas a los Discipulos de la muerte, no pareció vbo espacio alguno. La obligación de amigo, y el desconuelo de las ermanas, los seruicios que auia recebido Cristo en su casa, le obligaron a acer jornada, para restituirle a la vida: dales cuenta de su determinacion a los Apostoles: *Lazarus amicus noster dormit: sed vado vt à somno excitem eum.* Escuchan la determinacion los Discipulos, y comienzan a traer razones, para disuaditle el intento. Temerosos del riesgo, ò cansados del camino, le representan parece temeridad buscarse fracasos, y de perttar el furor de los

enemigos: *Dicunt ei Discipuli: Rabbi, nunc quarebau: te Iuda lapidare, & iterum vadis illuc?* Señor aun no emos cobrado aliento de las priesas con que por escapar el peligro que os amenazaba, aceleramos el paso: aun no à dejado el odio las piedras que enpuñò contra vuestra vida, y intentais volver a irritarlos cò vuestra presencia? Doce oras tiene el dia, responde Cristo, y no se puede obrar en la noche: *Nonne duodecim sunt hore diei? Siquis ambulauerit in die, non offendit, quia lucem huius mundi videt: si autem ambulauerit in nocte, offendit, quia lux non est in eo.* Mi vida es ya corta, dice, ya me la rasan por oras; los riesgos son muchos, pues vamos a repartir saludes, a consolar afficciones, a auenturar muertes, a obrar prodigios. Así parece entiendo este lugar Teoflato: *Diem quidem intelligunt tempus ante passionem, noctem verò tempus passionis.* Aquí mi dificultad: si los Apostoles pretenden disuadir la jornada a Cristo, porque su vida es corta, y porque su peligro es mucho, como se vale de esas mismas razones para persuadir la jornada? Ay mas singular discurrir? De vna misma razon vsan los Apostoles, y Cristo para intentos muy encontrados: ellos dicen, viue a riesgo, y así que no

Theoph.
hic.

104 n. II.
p. II.

intente resurrecciones: Cristo responde, à menester resucitar a Lazaro, porq̄ viue a riesgo. Mi vida se acabará presto, dice Cristo; pues no ay que perder tiempo, no ay que tratar de ocio, no ay que permitir descuido si no vbiere peligro, si vbiere de durar prolijos siglos la vida, no inportara diferir esta jornada; pero si está tã cerca la noche de mi Passion, no ay que dilatar para otro tiempo el dar a Lazaro vida. Eficaz es la razon mirada a la luz de la verdad, pero esta misma la tuercen los Discipulos, para apoyar su descanso, para apadrinar su ocio, y para dilatar el obrar virtudes. Vuestra vida anda muy arriesgada, dicen, pues no ay para que caminar a acer bien, que será apresuraros la muerte; y no auian de decir así, sino, vamos aprisa a obrar la resurreccion, porque faltan pocas oras a nuestra vida. Viues achacoso, viues enfermo, ya te auisan los dolores se acerca a largos pasos la muerte; todas estas razones debieran serle espuela para viuir penitente, limosnero, ajustado, y te vales de ellas para viuir regalado, diuertido, ocioso. Que discreto lo ponderó Seneca! *Nunquam vobis fragilitas vestra succurrit.* Si enpie su fragilidad, sus achaques, su corta vida les sir-

ue a los onbres de motiuo para el ocio, y nunca de incentivo para el cuidado; que para euitar vn antojo, vn apetito, vn deleite, jamas se nos ofrezcan nuestros achaques! Que no reparemos q̄ no es tanta comida para vn estomago flaco, que no podrá sufrir la cabeça desuclarse en el juego. noches enteras, q̄ es riesgo a la salud, y a la vida, entregarse a otros apetitos, y que al obrar virtudes, siẽpre se nos representen achaques? Contra el ayuno, la flaqueza de estomago, contra la limosna la necesidad de los tiempos, contra el orar vn rato, el encendimiento de cabeça, y el cortimiento a los ojos: *Nunquam nobis fragilitas nostra succurrit.* Ya referia esto mismo de los Megarense Septimio: *Megarense obsonant, quasi crastina die morituri, adificanc verò quasi nunquam morituri.* No se acordaban los Megarense eran mortales para la vanidad de los edificios, pero acordabanse mucho eran fragiles para tratar del regalo, y escusar el ayuno. Que apetezcamos las dignidades las riquezas los puestos, con la misma ansia que si vbiéramos de gozarlos eternos siglos, y q̄ solo para las virtudes nos allemos descaecidos. O socorra alguna vez a la virtud, al ayuno, al desengaño nuestra fragilidad, nuestro riesgo, nuestra ceniza, que

Tertul.
in Apol.
cap. 36.

Gen.
v. 1.

Seneca.

es indicio de reprobos torcer acia el vicio los apoyos de la virtud.

Inuidioso Cain de los faoures, que el cielo acia a su hermano Abel, le saca al campo con pretexto de divertirle, pero con animo de matarle: valiose de la confianza de hermano, para la traicion de aleuoso. Dio entrada a la muerte, y armò la inuidia el odio contra su sangre. Conueniole Dios de la culpa, fulminò contra él sentencia, y dando quejas de que le vbiefe priuado de los frutos de la tierra, le dice se à de apartar de sus ojos, porque sabe que qualquiera que le encontrare, à de acer suerte en su vida: *A facie tua abscondar, & ero vagus. & profugus in terra: omnis igitur, qui inuenerit me, occidet me.* Pudo auer mas errado discurso? Todos quantos me encontraren, juzgaràn, que manchar su acero en mi sangre, es accion onrosa, y que a quien nació para acer mal, es piedad no consentirle viuir. Y bien, este temor que aconseja? No apartarse vn instante de Dios, no gastar rato, que no se dedique al dolor, al llanto, a la penitencia. Y que es lo que colige de ese antecedente Cain? Apartarse de Dios, irse a viuir a Eden, region de deleites: *Egressus Cain à facie*

Domini, habitauit profugus in terra ad Orientalem plagam Eden. Errado discurso, la muerte està cerca; pues no ay sino darme al ocio, sino entregarme al deleite, sino retirarme de la presencia de Dios: lo contrario auia Cain de colegir; pero como era reprobó, torció acia el vicio las razones, que obligaban ala virtud: *Eden, dice san Geronimo, paradisi locus ad Orientem, quod in voluptatem, deliciasque transfertur.* Solicitase regalos, porque recela cada momento su fin: tan al contrario abusa de la razon, que lo que obligaba mas a desestimar los regalos, sirve a mayor cuidado de apetecerlos. La salud es corta, dices, y que consecuencia sacas? Menester es cuidar del aliuio. Pues lo que auias de colegir era, necesario es mejorar de vida, y tratar de penitencia; pero ya està enseñado nuestro engaño a torcer las razones acen su antojo. El ser poluo nos obliga a cuidar mas atentamente de las virtudes, y el auer de ser poluo, a no cuidar tan sedientamente caducos bienes: *Memento homo quia puluis es, & in puluerem reuerteris.* Mejor colige nuestro Euangelio. Todo se a de acabar, pues dà liberal limosna: solo sirven las riquezas para alimentar gusanos,

Hieron.
in Cat.
Lippon.

Gen. 4.
v. 14.

y criar polillas; pues no atesoras con cuidado lo que es forzoso se aya de perder con dolor: atesora en el cielo, donde si el adquirir riqueza, cuesta sudores, ya adquirido no tendran riesgos, sino te causarán gozos: *Nolite thesaurizare vobis thesauros in terra; vbi arugo, & tinea demolitur & vbi fures effodiunt, & furantur. Thesaurizate autem vobis thesauros in celo: vbi neque arugo, neque tinea demolitur: & vbi fures non effodiunt, nec furantur.* Siempre tuue por necio sobre infeliz, a quien atesora con sudores propios, y aun con delitos riquezas, que prodigo à de galtar el erederero, ò descanfado el extraño. Que aya ombres crueles consigo, para dejar mucho, en que se cebe el gusano, la polilla, la culpa! Que aya gente tan miserable, que no solo escasee dar a los pobres lo que puede gozar, pero que ni tenga coraçon para dar lo mismo que à de perder. No atesores, dice Cristo, el vestido, ni el alimento, que guardados llegan a ser sustento de los gusanos, y las polillas; porque esos solo sirven de cuidado quando se guardan, y de defabrimiento quando se arrojan. Ahora yo digo,

(:?:)

§. VII.
Que aunque tenga disculpa no dar al pobre lo que se puede gozar, no la tiene dexar de darle lo q̄ es forzoso perder.

Allase la Cananea afligida, viendo padecer violencias de vn demonio a vna ija, aconsejada de su necesidad le pide a Cristo salud: *Miserere mei*, Cristo ya con misterioso silencio exercita su paciència, ya con la aspereza de sus desuios ace que resplandezca su sè. *Nō est bonum sumere panem filiorum, & mittere canibus.* De poco prudente sobre prodigo se infama quien quitando el pan a los ijos, ace vanquete a los brutos: no es bien sustentarse con regalo al gozquecillo, juguete de la ociosidad, y quitar el pan de la mesa al ijo, que esto fuera desatender naturales obligaciones, y aquello atender à supefluidades. Oye la respuesta la Cananea, y ingeniosa de afligida, le dice a Cristo, que solo anela vnas migajas de pã: *Etiam Domine; nam & catellæ edunt de micis, quæ cadunt de mensa dominorum suorum;* y tuuo tanta fuerça la razon, y fue el argumento tan eficaz, que se dio Cristo por conuencido; y se vio obligado a alabar su discrecion, y su sè: *O mulier magna est fides tua!* Aqui mi dificultad: si quando las lagrimas de esta muger estan executando

Matth.
15. v. 26

aun

aun al coraçon mas duro, Cristo dilata su piedad en misterioso silencio: si quando los Apostoles todos le acen instancia, se resiste dando razon a sus ruegos, si quando la misma Cananea postrada a sus pies multiplica los gemidos, y crece afugada las instancias, no solo no la despacha benigno, sino aumenta al parecer las desdichas aspero, como a esta instancia se deja conuencer sin volver a replicar? No aduertes el caso? asta aqui pediale a Cristo dones, que podian lograrle, ya dice que se contenta con las migajas que en la mesa se desperdician, d cayendo de la mesa se pierden: y aũ que Cristo tuuo el cusa para no dar el pan, que podia lograrle en los ijos, no la allò para no dar a vna muger afugada y pobre las migajas, que perdidas se auian de comer los perros. Que bien Gerónimo en nombre de esta muger: *Scio me, inquit, filiorum panem non mereri, nec integros posse capere cibos: nec sedere ad mensam cum patre, sed contenta sum reliquijs catulorum.* Si esta muger pidiera el pan de los ijos, no era bien concederle, pero quando se contenta con las migajas que se pierden, no es posible negarle: *Contenta sum reliquijs catulorum* Tuuo esta razon mucha fuerça, y así consiguió lo que deseaba, si con otras no

adquirió lo que pretendia. O valgame Dios, y que cuenta tan figurata se à de pedir a muchos de los vestidos que se comen de polilla, del pã que endurecido se pierde, de las viãdas que podridas se arrojan! Que no se dè lo que se puede lograr, tiene no sè que color de escusa; pero no la tiene no dar lo que se llega a perder. Cristo para nuestro enseñanza niega el pan q pueden lograr los ijos; pero no a cierta à negar el que se malogra en los perros: *Contenta sum reliquijs catulorum. Fiat tibi sicut vis.*

Este quizà fue el delito de aquel rico sobre regalado necio, lisongeado de su fortuna acia guerra a la razon viuiendo a sus apetitos: era su mesa no solo sustento del cuerpo, sino de la vanidad: e omnia dõ de la admiracion pudiese alabar su mesa donde viesen todos su ponpa. Lazaro atrojado en sus vnbtales, deseaba para aluiar su hambre las migajas que aun despreciaban ya satisfechos los perros: *Cupiens saturari de micis, que cadebant de mensa diuitis. Et nemo illi dabat.* El anña de Lazaro no eran regalos, sino sustento quando la gula del rico estudiaba nuevos regalos. Troca onse las suertes, y entre las llamas de tea ya vna gota de agua, el q en este mundo era exageraciõ

Luc. 16.
v. 20.

Hieron.
hic.

de la dicha: Lazaro viue abundante, si fue en esta vida exemplar de la desgracia: no tener vna gota de agua, es lo que le atormenta al rico, la sed que le abraza. Aqui el ingenio de Crisologo: porque no le abraza la purpura, sino la sed: porque no es el tormento carecer de regalos, sino de gotas de agua, ò de migajas de pan? Porque no diò esas migajas a Lazaro, pues tan poco le dio los regalos de su mesa; y así sea aora el ansia los regalos de la mesa, no las migajas del pan, ò las gotas de agua. Eso no, que tuuo escusa en no dar regalos, q̄ podia lograr; pero no la tuuo en no dar migajas, que en mesa tan abundante era forçoso perder: *Qua cadebant de mensa diuuis.* Que bien Crisologo: **Ser. 124.** *Fundebat vina diues pauper lachrymas: exsatiatus diues proiebat panes, micas pauper esuriens non habebat: pascebat oblatrantes pauperem diues ferculis suis.* Lazaro viuiera feliz con lo que en la mesa del rico se malograba, y el rico fue tan necio, que dejó perder para su daño lo que pudiera en el pobre lograr para su remedio. Pues por eso le atormenta aora el cuidado de vna migaja: *Sicut itaque guttam, añade despues Crisologo, qui vini lacus, cum pauper sitiret, effudit... Spargebatur panis, fundebat*

tur vinum, & quod ad extremam vitam pauperis negabatur, hoc totam diuitem peribat ad pompam. Las migajas que se perdieron, son las que aora le atormentan aúmas que los regalos que se lo graron. Pues no atefores, dice Cristo, lo que se à de perder con la polilla, ò alomenos se à de dejar con la muerte, sino enbialo en las manos del pobre al cielo, donde viuirà por eternidades seguro y dondete recabará desde luego luz para que conozcas, que el seres poluo, que la nobleza, que la acienda, que la salud, es todo accidente, para que no te traflunbre la pompa, sino te desfegañe tu sepultura: para que veas en tu vida tu muerte, que la muerte es fruto, que se conoce en las flores de la vida: para que sepas que el ser apacible; ò agria, lo participa de las costumbres; para que te acuerdes, no solo lo que aora eres, sino lo que despues as de ser, para que tu engaño no tuerca las razones acia el apetiro, sino las aduertta tu entendimiento, para abraçar la verdad, para seguir la virtud, para reformar la vida, para merecer la gracia, à quien se

liga la gloria, *Ad quam, &c.*

(:?)



SERMON PARA EL PRIMER IVEYES de Cuarefma.

*Domine, puer meus iacet in domo paralyticus, & ma-
lé torquetur. Matthæi 8.*

SI ENPRE fue adquirir para si pretender bien para otros: diligenciar la salud agena, es asegurar la propia; remediar a otros en sus congojas, es solicitar las dichas. Vn Centurion tenemos oy, que meteciò elogios por cuidar de que se aliviassen a vn sieruo fuyo tormentos. San Mateo refiere el caso al capitulo 8. de su Euangelio. Llegò Cristo a Cafarnaum, auiendo echo aquél celebre milagro del leproso, a quien infundio leue contacto salud, y alentado con el exemplo, y valiendose de ocasion tan oportuna vn Centurion noble igualmente, y discreto, le representò los dolores que paralytico padecia vn criado fuyo, y es de lo muy raro que los señores se compadezcan de los aogos, ò atiendan a los aluios de quien los fíue: mejor suelen ocasionar enfermedades, que solicitar saludes. Declarar veo el trabajo; pero no oigo que pidiese con inportunidad el remedio, y con todo eso dice San Mateo, que obsequioso insta, y vmilde ruela. Si que mas eficaz le obliga a Dios a dar la salud quien mas indiferente le representa la enfermedad. Vino el Centurion a pedir la vida, porque le era, como notò San Lucas, aquel sieruo de inportancia. En el Centurion seria agradecida nobleza a los buenos seruios; pero en el mundo solo por interes se dan pasos. En auiendo menester, como sabe cortejar la soberania, y en no dependiendo, que ceñuda suele mirar la soberuia! Ofreciò Cristo iria a su casa a curar el sieruo, que como estima en la naturaleza su semejança, no desdena en esclayos, menos fortuna, y a la verdad a ve-

ces peor genero de esclauitud suelen padecer los señores: porque estos lo son de la culpa, y aquellos de la violencia, ò de la desgracia. Admió el Centurion la vmanida, y confesóse indigno de aquella onra, y es el primer ministro que se reconoció indigno de premios, ò le parecieron excesiuos los agafajos: si ya como era Centurion no rezelo la visita: faouores que tienen viso de examen, sienpre a la cociencia caulan rezelos. Al fin cõ pretexto de vmdad quitó el cufar viese sus alajas, y su abitacion el Principe. A la verdad no eran menester mas testigos contra algunos ministros que sus casas, que sus rentas, que sus prefeas. Quiza viuirian mas sanos los pobres, si alguna vez visitase sus ministros el Principe: no dixo que iba a sanarle, sino que le curaria: que el curar dolencias del alma puede intentarlo Dios pero el sanar tambien depende de si. Cristo mostrò su modestia en esa voz, y el Centurion quiza por eso confesò la Magestad: que como la soberbia se grangea desprecios, la vmdad encuentra elogios. De vna palabra sola fió la salud, aun experimentando tan obstinada la enfermedad: que a veces vna sola palabra da lustre a la vida, ò mancha irremediamente la onra. O como se debrian atender mucho palabras en que va tanto! y si el Centurion reconoció en Cristo el poder, Cristo tambien alabò las ventajas de su fee, y los primores de su virtud, y sobre dar la salud que deseaba, le aseguró la oia de admitir a su mesa por auerse juzgado indigno de que entrase Cristo en su casa: que la vmdad, quando mas vye la onra, asegura mas la alabanza, y a la verdad yerra quien de vano es descortes, porque antes es aumentar se estimacion el tratar a todos con cortesía: quien de menos cuerdo se juzga de todo agafajo muy benemerito, ofende a todos de vano. Oy emos menester salud para enfermos muchos, y palabra que la obre con eficacia: el Centurion nos enseña à merceder, y a pedir, y si se valio de padrinos, valgamos nosotros de Maria sienpre abogada, y obliguemos a ella con la salutacion Angelica:

Aue gratia plena.

(:?)

Domine

Domine, puer meus iacet in domo paralyticus, & male torquetur. Matthei cap. 8.

Quien vio jamas alientos tan vizarras, q̄ en los primeros pasos de la carrera se allen ya en los vltimos de la jornada, y q̄ a pesar de distancias tan reñidas, sepan juntar los feruores de quien comienza, y las perfecciones de quien acaba. Ser nouicio en la virtud, y ser consumado en la perfeccion: ser maestro aun antes de ser dicipulo. Vn Centurion nos propone nuestro Euangelio de virtudes tan primazias, q̄ son estos los primeros pasos q̄ da acia Cristo, y de perfecciones tan consumadas, q̄ auentaja aun a los mas celebres en la fè, y mas illustres en la virtud: *Nō inueni tantā fidē in Israel.* Cōpetir puede, dice el mismo Cristo, la fè del Centurion con vn Abraan, q̄ sacrifica sus esperanzas: con vn Isaac, que obedece asta morir: cō vn Iacob, q̄ vatalla asta vencer, q̄ si estos fueron exenplares de las costumbres, tambien el Centurion es maestro de perfecciones, y es tan apietada, que apenas a comēzado a cursar las escuelas de aqueſta ciencia, quando puede leer muy docto en esta doctrina: *Videris (aduiuitio bien el Critologo) Centurionem antequam discipulatus subiret of-*

ficiū, locum magisterij fuisse sortitum. Aun no a comenzado a cursar dicipulo, y ya puede enseñar maestro: pues como errece tan apietada en las virtudes? Ya lo explicò el Euangelio. Cuidò la salud de vn pobre, el discáso de vn fieruo, el aliuio de vn miserable, y mereciò tanto en esas obras de caridad, q̄ en breue tiempo llegò a no ser inferior a los mas insignes del mundo. Gran arte de adelantarse en virtudes atender al cōfuelo, al aliuio, y al sustento de pobies: es de suerte.

§. I.

Que a veces grangean menos los mas penosos trabajos, que estos piadosos empleos.

Antes de rayar el Sol falliò vn padre de familias a buscar obreros para su viña: *Exijt primo mane conducere operarios in vineā suam.* Alldlos, y cōcertò con ellos les daría vn denario, poi q̄ trabajasen de Sol a Sol: *Conuentione facta cum operarijs ex denario diurno, misit eos in vineam suam.* Todo el dia trabajan tan afanados, que los abraſa el ardor del Sol, que los aoga el poluo de los terrones, que los muele el exercitar la azada: *Portantini s, se quejan, pondus diei, & aestus.* Recibieron a la

Matt. 20. v. I.

a la noche el jornal escaso, que auian merecido con sudor mucho: *Acceperunt singulos denarios.* Cotejemos este caso con lo que al Samaritano sucede. Palaba de camino, y encontró cerca del vn ombre, a quien inhumanos saltadores sobre quitarle la hacienda, le dieron muchas eridas, ya rebolcándose en su misma sangre entre mortales congojas, despedia del pecho los alientos vltimos de la vida. Desmontó del caballo, tomóle la sangre, apretóle las eridas, y llebóle a vn Ospital donde le curafen: *Duxit in stabulum.* Fuele forzoso a la mañana partirse, y sacado dos denarios, los dio al enfermero, q̄ le asistia, encargandole el cuidado, y asegurándole seria quanto él dixese su premio: *Protulit duos denarios, & dedit stabulario, dicens; Curam illius habe, & quodcumque supererogaueris, ego cum reddero, reddam tibi.* San Agustín dice, q̄ el Samaritano es Cristo: *In Samaritano se voluit intelligi Dominus noster Iesus Christus.* Y q̄ el Padre de familias lo sea tambien lo asegura San Crisostomo: *Homo Pater familias Christus est.* Aquí mi reparo. Si el Padre de familias, y el Samaritano es vno mismo, como quando caminante tan liberal, y quando señor tan escaso? Afaná los obreros todo el dia, consumidos de los ardores del Sol, y de las molestias del campo, y es el premio

vn denario solo: *Acceperunt singulos denarios,* y por vna noche que vn enfermero acudió a vn erido, le da dos denarios, y esto como principio de paga? *Cum reddero reddā tibi.* No es mas penoso aquel lidiar con la azada, y menos molesto este asistir a vn enfermo vn rato? Pues como es aquí el interes mas crecido, y allí el premio mas escaso? Es porq̄ de ordinario cōsigure menos quié merece mas, y mas quié merece menos? No, dice Ambrosio, q̄ este Señor no se mueue a premiar por afectos, sino por titulos. Pues como dà dos denarios al enfermero, y vno solo al q̄ cultiua la viña? Porq̄ sō muy diuersos los meritos, y así deben serlo los galardones. Labrar la viña, sufrir el rigor del Sol, es mayor afán; pero cuidar de la salud, del aliuio, del regalo de vn enfermo es mayor virtud, q̄ allí se beneficia la hacienda, pero se restaura aquí la vida, y así den a los obreros vn denario, y a quien assiste al enfermo dos, q̄ este exercicio es mas perfecto, aunq̄ sea menos penoso, y los premios se an de medir con el merecer, y no con el afanar: *Duos denarios accepit stabularius* (dice Ambrosio) *quo curam haberet hominis vulnerati.* Aquí fue mayor el premio, porq̄ lo fue tambien la virtud. Parece no viene en esto Crisostomo, ni Agustino, porque explicado a

Luc. 10.
v. 35.

Agust.
in Cat.

Chrysost.
in Cat.

Ambros.
hic.

Chry
in C
s. Th

lo mislico la viña, y el cultivarla, dicé q̄ es el alma, y el cuidar del fruto cultivar virtudes:

Chrysof. in Cat. S. Thom. *Vinea eius iustitia est, in qua diuersa institiarum species posita sunt quasi vites, puta mansuetudo castitas, patientia.* Labrar vidas dice la Eloquencia Grega, es perficionar virtudes. En esta viña poda el rigor lozanas verdes del apetito, para que florezca hermosa la castidad: aqui se exercita la paciencia sufriendo penalidades: aqui la mansedumbre luce reprimiendo iras, y disuadiendo venganzas: *Posita quasi vites mansuetudo, castitas, patientia.* Pues si los obreros de la viña maltratan sus cuerpos, ya enfrenando con las diciplinas desmanes del apetito, ya sufriendo con paciencia dolores, ya repumiendo la ira en tantas ocasiones de enojos, porque no an de conseguir tanto premio, como el que cura al enfermo, y assiste desueladamente al erido? No ai duda, vuelue a responder Ambrosio, que los silicios, las diciplinas, los ayunos son virtudes eroicas; pero tan poco la puede auer es virtud de mayores quilates la caridad, pues como el maltratarse a rigores nace de la penitencia, y el cuidar la salud de vn pobre nace de la caridad, y esta es virtud mas noble, tambien es el galardón mas crescido. Deleles pre-

mio a los q̄ cultivan su alma, a costa de maltratarse, q̄ le merecen, pero sea vn denario. *Acceperunt singulos denarios,* y denle al que auende al enfermo dos, *protulit duos denarios, & dedit stabulario,* que aunque es la mortificacion virtud mui noble, es la caridad mas illustre. *Duos denarios accepit stabularius, quo curam haberet hominis vulnerati.* Mas mereció quien caritativo assistió vn rato al enfermo, que quien sudò todo el dia afanado en el campo. Aun le parecio al ingenio de la Iglesia Augustino, que este cuidar de la salud de vn enfermo era tan tobie otras virtudes heroico, que para exagerar las peregrinaciones, los afanes, los trabajos de San Pablo, se entendio en este enfermero: *Stabularius fuit Apostolus.* Raro decir, para explicar la Esentura lo mucho que izo, y merecio Pablo, le llama enfermero (dice Augustino) *Stabularius fuit Apostolus.* Palo gran Doctór, que accis agratio a las virtudes de Pablo, cóparádolas a las assistencias de vn enfermero: No es Pablo el escudo de la verdad, el zelo de la religion, el maestro de la Fé, el destierro de los hereges? No es Pablo en quien los dolores se agotan, los naufragios, los azotes, los silios, y los martirios se apuran? Claro está que si

gues.

pues como d'esis, q̄ quien aſi-
 re a ello enfermo es Pablo :
Stabularius fuit Apostolus ? Bien
 esta, responde Agustino, que
 es obra de caridad tan perfe-
 cta remediar enfermos po-
 bres, regalarlos, alistarlos, que
 para declarar la perfección de
 vn Pablo, no a voz mas pro-
 pia q̄ la de enfermero. Quan-
 do se a de exagerar lo, que el
 Apostol m'etece en discursir
 mundos, digase q̄ cura enfer-
 mos, q̄ son los oficios de en-
 fermero, y de Apostol muy se-
 mejâtes, y así parece es lo mis-
 mo decir enfermero, q̄ Apostol
 y Apostol lo mismo, que si
 se dixera enfermero: *Stabula-
 rius fuit Apostolus* Aun no è fon-
 dado todos los fondos de ese
 lugar. No solo da Cristo dos de-
 narios por paga, sino q̄ confie-
 sa es mayor la deuda: *Quodcū-
 que supererogaueris, ego cum redie-
 ro, reddam tibi.* Pues Señor, si
 dais en esta ocasion doblado
 premio que en la viña, y en la
 viña queda satisfecho cō vn de-
 nario vastantemente el sudor,
 como aqui aun cō dos no que-
 da galardonada la deuda? Por-
 que es la obligacion de otra
 calidad: *Cum rediero, reddam*
 (dice Santo Tomas) *in die indi-
 cij.* El dia del juicio se confesa
 ra Cristo deudor de quien re-
 mediò pobres, aun auendole
 echo doblados faoueres en este
 mūdo. Quando veo la deuociõ,
 la liberalidad, el cuidado con

S. Thom.
 in Cat.

que lo mas illustre de esta Ciu-
 dad Augustissima de Zaragoza
 acude al consuelo de los po-
 bres: quando cōsidero la pun-
 tualidad, y la asistēcia de este
 Ospital a multitud tãta de en-
 fermos, a numero tã grande de
 niños expositos, de ombres, a
 quien turbado el iuzio casi lo
 puso en andar de brutos la en-
 fermedad, admiro tan excelē-
 tes virtudes. Quando me pon-
 go a p'f'ar el agrado de los en-
 fermeros, el cuidado de los ofi-
 ciales, la pūtualidad de los mi-
 nistros, el cōcierto propiõ en
 todo palmo, y repito en mi co-
 razon las palabras de aquella
 discreta Reina: *Veni, & vidi ocu-
 lis meis. & probaui quod media pars
 mihi nuntiata non fuerit, maior est
 sapientia, & opera tua, quam rumor,
 quem audiui.* La fama alentò sus
 voces, resonò su triõpa asta los
 desuios vltimos de la tierra en
 las alabanzas de este Ospital,
 pero aũ no pudo no quedar el-
 casa Menos oĩ, q̄ veo. Que to-
 do el año se reparta entre seis
 sacerdotes, aqui llaman Passio-
 neros, velar las noches enteras
 en turno dos cada noche, casi
 en cōtinuo mouimiēto por las
 salas, por q̄ acaso algun repēti-
 no accidēte no priue de la vida
 sin sacramētos, o reparos algũ
 enfermo! Cesa es para cuya pō-
 deraciõ ni ai fuerças en la elo-
 quencia, ni ai colores en la re-
 totica. Que premio tēdran es-
 tos desuelos por la salud de los
 ombres si ndo, así.

§. II.

3.
 10. v. 7

Ber-
 ser.
 Na-
 Don

§. II.

Que logró los primeros fauores del cielo aun desuelarse por vili-
dad de brutos.

AL nacer Christo en el
desabrigo vnilde de vna
gruta gozan las estrellas de
tanta dicha vnos candidos pa-
stores, q̄ desuelados guardabā
su ganado en el campo: *Pastores
erant* (dice San Lucas) *in regio-
ne eadem vigilantes, & custodientes,
vigilias noctis super gregem tuum.*
Seguras descansaban las oue-
juelas en el cuidado de sus pa-
stores, que desuelados toda la
noche estotaban tiñese el lo-
bo en la sangre de los corder-
illos sus presas, ò manchase
el leon en las ouejas sus gar-
ras; y quando centinelas con-
tra asaltos de fieras vencen las
porfias inportunas del sueño
con el cuidado; se allan cerca-
dos de soberanas luces, y oyen
les piden albricias los elpíri-
tus celestiales: *Ecce Angelus Do-
mini stetit iuxta illos, & clari-
tas Dei circum fulsit illos.* Pues por-
que a los pastores primero?
Porque velan, dice Bernardo;
para el bien de sus ouejas: *Pa-
storibus vigilantibus exhibita est
uisitatio, & allocutio Angelorum.*
*Agnoscant igitur homines, quia qui
in labore hominum non sunt, visita-
ri ab Angelis non merentur. Agnos-
cant quam placeat supernis ciuibus
labor, cuius spiritualis intentio est,
quandoquidem, & eos qui pro vic-*

*tu corporis corporali vigentie neces-
sitate laborant. suo dignantur al-
loquio & alloquio tam saluti.* Ver-
dad es, que desuelarse por co-
modidades de las ouejas, es o-
cupacion menos noble; pero
aun contodo eso son los pi-
meros, a quienes aseguran los
Angeles paz en el mundo, y
gloria en el Cielo estos pasto-
res. Pues q̄ sera a quien guar-
da estas vigilias de la noche, no
para que seguros delcanlen
brutos, sino para que no pa-
dezcan riesgo los pobres. O
que de gloria! O que de luces
debe el cielo a estos cuidados!
Mucho siuen a Dios otros;
pero ai tanta diferēcia de qui-
en despues de gozar los des-
cansos del sueño atiende, a
quien desuelado cuida, que a
Iosef se le aparecio vn Angel;
pero no le cercaron luces; a los
pastores los cercan luces, y se
les aparecē Angeles: *Ioseph qui-
dem insomnijs apparuit Angelus, pa-
storibus autē visib. luez* (notō Cri-
sostomo, y Beda) *Bene vigilantibus
pastoribus apparet, eosque Dei
claritas circum fulget. Quia illi præ-
cætris videre sublimia merentur, qui
fidelibus gregibus præesse sollicitè sci-
unt. Dum piè super gregem vigilant,
diuina super eos gratia largius co-
ruscat. Aliter Angelus Ioseph. An-
gelus pastores instruit.* Mucho
debe el cielo al cuidado de Io-
sef; mucho debe a su santidad,
pues de fiēde a Christo del furor
de la inuidia, del poder de vn-
bar-

Luc 2.
v. 8.

v. 7

Bernar.
ser. 3. de
Natiu.
Domin.

Chrysof.
in Cat.

Beda.
hic.

barbaro del acero de vn poderolo: pero quando se le aparece el Angel, no está desuelado, sino dormido. Los pastores cuida del ganado desuelados, pues gocen los pastores la conuersacion de los Angeles. Ioseph en esta ocasion no goce luces aunq se le aparezca los Angeles: *Beuè vigilantibus pastozibus Angelus apparet, eosque Dei claritas circumfulget.* No comparo los meritos de Ioseph con las virtudes de los pastores, sino digo que porque se conozca lo que estima el cielo estos piadosos desuelos, a los pastores quando velan los cercan diuinos rayos: digo pues q esta piadosa vigilia por la salud de los pobres a de gozar fauores muy crecidos en la gloria. Andar toda la noche con pasos leros discurriendo por las salas, para q ni falte el cuidado a los q peligran, ni el ruido aga estoruo a los q descansan, es muy de lo perfecto. No ago menos concepto de estas eroicas virtudes, quando veo estos cuidadosos desuelos, que si vieran obrar prodigios.

Sustentò Cristo cinco mil ombres con cinco panes, y aun con tan raro prodigio consiguio solo le reconociesen Rei, y le aclamasen Profeta: *Hic est verè Propheta.* Obliga a los discipulos a surcar el golfo por evitar el aplauso, retirase a orar al mote, quando vna borrasca

pone en peligro la naue: Cristo deja la oracion por socorrerla, y en la vigilia quarta de la noche caminado sobre las aguas con callados pasos se acerca, y con su presençia los libra: *Videns eos laborantes in remigando, circa quartam vigiliam noctis, venit ad eos, ambulans super mare.* Entra en la naue, cesan los vientos, y ya le reconocen por Dios los mismos que antes solo le aclamaban Profeta admitièdo el Euangelista: *Ascendit ad illos in nauim, & cessauit ventus. Et plus magis intra se stupebant, non enim intellexerunt de panibus.* Aqui le adoraron Dios, si antes solo le aclamaban Rei. Ya ocurre la duda: Si conocè aora a Cristo, quando los libra de peligros en el mar, por que igualmente no le conocè, quando los libra de riesgos en el desierto? Si el interres exagera sienpre la grãdeza del liberal, como aùn no conocè lo q es Cristo quando tan generoso reparte dones? Si aqui le aclaman Dios por q obra milagros, tambièn obra en el desierto prodigios, pues porque estos consiguen menos estima? No aduiertes, dice Teofilato, que si en el monte remedia necesidades, es a costa del pan, no cò detrimento del sueño, pero aqui esta preuinendo los peligros con lentos pasos: *Ambulans super mare,* y asistiendo cò desuelos: *Circa quartam vigiliam noctis venit ad eos.* Pues este desuelo,

Ioan. 6.
v. 15.

Theop.
hic.
M. ar.
v. 48.

Lut.
v. 5.

velo, y este cuidado les dà a conocer no menos virtudes que aquel prodigio. Que bien Teofilato: *Apostoli quum non intellexissent de panibus, ex hoc miraculo in mari intellexerunt. Videntur sanè Christus propter hoc permisisse illos tentari, vt quoniam à panibus eum non cognouissent, notitiam à mari perciperent.* Bien publica el milagro de los panes la liberalidad generosa, y el poder alentado de Iesu Cristo; pero con todo esto aun no llegan a conocerle perfectamente los suyos, quãdo enpero le ven desuclarse asta la mañana, y pisar el orgullo del mar lentamente, por librarles del riesgo, no pueden no reconocer la diuinidad: *Vt quoniam à panibus eum non cognouissent, notitiam à mari perciperent.* Asi luego bien digo, que estos pasos lentos por las salas, estos desuelos de todo el año, son indices de tan eroicas virtudes, que acreditan no menos que obrar milagros. Ya auia el Centurion fabricado Sinagogas: *Synagogam ipse edificauit nobis,* y con todo esto aun no se oyen de la boca de Dios elogios; pero quando cuida de vn pobre, yã se oyen sus alabanças, y se admiran sus virtudes: *Non inueni tantam fidem in Israel.* O dichosos desuelos! O felices cuydados!

Luego que llegó Cristo a Cafarnaun, le visitò el Cen-

turion: *Cùm introisset Capharnaum, accessit ad eum Centurio.* Pues no es de los mas graues, y mas autorizados de la Republica? Si, pues como se entra por las puertas de Cristo pobre a visitarle? y como se ofrece a seruirle? no suelen los nobles estar tan lejos de visitar, que les parece acen fauor en dejarse ver? No son los poderosos tan de la vanidad, que miran sienpre con ceño? No son tan de la prefuncion, que ablan a todos con aspereza? Si, pues como este Centurion noble, poderoso, autorizado, rico, corteja a Cristo tan apacible, y le visita tan agradable? A ser otro el Centurion, dixera yo auia resuelto ya la duda nuestro Euangelio. Deseaba, dice, conseguir la salud para su criado, y llegóse a Cristo: *Rogans eum.* Poderoso es el este noble, Cristo en su traje, y en su abitacion vmilde; pero como dependè, le onra, le corteja, le visita: *Domine,* Señor le llama, y le preuiene en la corteja: *Accessit ad eum Centurio.* Que de veces se experimenta esto mismo en el mundo. Aya menester vn señor al mercader, dependa del ministro, necesite del oficial, y le arã mil onras, y se entrará por sus puertas. Pues no os engañen, que ellos agasajos los ace la

Theoph.
hic.

48.

Luz. 7.
v. 5.

dependencia, y no los ace la estima. El Señor que aora os correja, porq̄ pretende el enproestado, el despacho, el pleito; en no auiedo menester, no solo olvidará esos agafajos, pero os ablará con ceños.

§. III.

Que los señores solo quando an menester visitan, y quando no, no se acuerdan.

Conte detaronse para acer guerra contra los Moabirras tres Reyes, el de Israel, el de Iudá, y el de Edon: Auian ya marchado algunas jornadas, quando faltò a todos agua: era la gente mucha, el calor grande, el lugar desierto, y así ya se lamentaban despojos de la sed quando lleuaban tanta sed de los despojos. Iosafat pregūta, si acafo ay en el exercito algun Profeta de Dios, respondēle, que Eliseo, y determinanse de irle a acer visita todos tres Reyes: *Descendit ad eum Rex Israel, Iosaphat Rex Iudá, & Rex Edon.* Nuestro Padre Gaspar Sanchez ponderò bien esta accion. Si poco à estando en el exercito Eliseo, lo ignoraban, como aora tan cuidadosamente le onran? Al marchar no trataron de lleuarle consigo, ni se acordaron de despedirse, y aora tantos agafajos, tantas onras, tantos fauores? Como no desdeñan tres purpuras entrar en tā corto aluergue? Tā olvidados vi-

uen de su grandeza, que no le enbian a llamar, sino ellos mismos le van a ver? No reparas, dice el docto Interprete, q̄ estan saltos de agua, y affligidos de sed? Pues estas onras no nacen tanto de la estima, como de la dependencia: sino necesitáran del remedio, q̄ poco se acordáran del Profeta, y q̄ dificultades, y que de años le costàra recabar ocasion de audiencia? Aora à su pretension visitan, a su interes agafajan, a su sed cortejan: *Viri etiam Principes, vt subsidium sibi parent in aduersa fortuna, supplices se abijciunt ad inferiorum pedes, Id hoc loco tribus contigit Regibus... Quare non accersunt Elisaum, quem esse secum in castris audierant, sed ad illum descendunt.* La necesidad agafaja a Eliseo, no la purpura, no le visita la corona, sino la sed; que quando no necesitaban, todo era olvidos, y todo es aora cortejos.

Que necios suelen enuancerse algunos de la visita que no se que señor les izo, de la apacibilidad con q̄ los tratò, del fauor, del regalo. No niego q̄ algunos señores acé esto de afables, pero lo ordinario es de pretendientes: *Non accersunt Elisaum sed ad illum descendunt.* Tres Reyes se entran por sus puertasa visitar a Eliseo; pero eso no es por fauorecerle, sino por pedirle: *Vt subsidium sibi parent in aduersa fortuna.* Que de

P. Gaspar Sanchez Iudic. v. 5.

Al. 9. 8.

mer-

mercaderes, y q̄ de ombres a-
cendados pagaron en mucha
acienda la vanidad de verse fa-
uorecidos, quãdo el fauor era
fed del oro, y no estimaciõ del
dueño.

Esto mismo aduirtió ya el
Abulense. Aficionose Sanfon
de Dalida, y deseosos los Prin-
cipes Filisteos de despicar en
la vengança su agrauio, y ce-
bar en Sanfon su odio, se en-
traron por casa de vna muger
mui destucida en la onta, y
mui despreciada en la vida: *Venerunt ad eam Principes Philistinorum.* Los Principes, y los Sena-
dores del pueblo visitan vna
muger de pocas obligaciones?
Si, dice el Abulense, q̄ puede
ayudar sus intentos; Dalida se
desuaneco con esa onta quan-
do los Principes no acen esa
visita a la persona, sino a la v̄-
gança: *Quia putauerunt quod mu-
lier ista posset eum tradere in manus
eorum abierunt omnes ad eam, vt
magis eam inclinarent; & voluerunt
eam inclinare duobus modis, scilicet
honore, & pecunia.* El agasajo, la
visita, la onta que acian a Dal-
ida aquellos Principes, no era
seruitla, sino engañarla, era pre-
tender, no era correjar, q̄ las
señores solo quãdo an menes-
ter agasajan, quando no olui-
dan. El Centurion se llega a
Cristo, agasaja, y visita; pero
juntamente pretende: *Accessit
ad eum rogans.* A rogar, dice el
Euangelio, que llega, y no le

escuchò ruegos ningunos. Se-
ñor, le dice a Cristo, vn cria-
do mio està paraltico: *Puer me-
us iacet in domo paralyticus.* Aquí
cesa, aqui pausa: pues porque
no añade, dadle salud? Eso fue-
ra rogar vmilde, q̄ es otro an-
tes parece genero de mandar
presumido: tan altiuu es la no-
bleza, que juzga la an de ser-
uir solo con que lo llegue a
indicar? No obscurecen en-
grimientos, dice Crisologo,
la nobleza del Centurion, an-
tes ora tan discretò, que es ex-
enplar que debemos imitar to-
dos: *Præbet petendi formam, dat
normam credendi.* El Centurion
es el exenplar mas perfecto de
orar, y el dèchado de pedir.
Para orar a lo entendido, y a
lo eficaz, se le an de manifes-
tar a Dios los deseos, los cui-
dados, y no determinar los
sucesos. Menos bien vbi era el
Centurion negociado, si icie-
ra grandes instancias por la sa-
lud: eso no fuera rogar vmil-
de, sino executar inperioso:
Pues que ace para conseguir
sus deseos? que? Decirle a Cris-
to su trabajo, su necesidad, su
deseo: *Puer meus iacet in domo pa-
ralyticus,* y dexar a su disposi-
cion el despacho, sin determi-
nar el tiempo, sin instar por el
alivio; y ese es, dice el gran
Arçobispo de Rabena, el mo-
do mas eficaz, y mas
vtil de pedir.

Chryso.
vbi sup.

Gal.
Judic. 16
p. 5.

Abul.
q. 8.

§. IV.

Que a Dios le emos de representar en la oracion nuestros cuidados, y dejar a su disposicion los sucesos.

Determinarle a Dios que nos dè salud, acienda, dignidades, onras, es congojar tu largueza, y affigir su liberalidad; que como el acer bien no consiste solo en dar, sino en dar lo que està bien a quiè lo recibe, a veces darnos lo que cudicia nuestra ansia, ò diligencia nuestra ambicion, no fuera don de quien ama, sino rigor de quien aborrece; a veces pudiera ser pretension del enojo, para despicarse en tus daños, el cunplirte tus deseos. Que desees con tus ansias? que diligencias con tantas veras? que pides con tan molestas, y repetidas instancias? Salud, ijos, acienda. Y bien, si los ijos vbiesen de ser la afrenta de tu casa, la destruicion de tu acienda, el tormento de tu vejez? Si la salud vbiese de ser espuela de tu apetito, motiuo de tu antojo, ocasion de tu yerro? Si la acienda vbiese de ser causa de desgracias, de pesares, de inuidias? Quantos llegarò a ser en los mas crecidos años infelices, que si vbieran muerto en la mocedad, se juz-

gàran afortunados. No le vbiera estado bien a Sennacherib no tener ijos, pues la ambicion de vno tinò infamemente la espada en la misma sangre que le dió vida? Quantos subieron infaustamente a la cumbre, q̄ fueran dichosos si se vbierã quedado en lo llano! Que discreto Seneca: *Sunt quadam nocitura impetrantibus, qua non dare, sed negare, beneficium est: Estimabimus itaque utilitatem potius, quam voluntatem petentium. Sapè enim noxia concupiscimus, nec dispicere, quam perniciosa sunt, licet, quia iudicium interpellat affectus.* Mas dichoso fuera Phaeton sino vbiera conseguido tan fogosas pias, y tan resplandecientes carrozas. Icaro viuiera mas si volàra menos. Darle a vn atabardillado agua, no es acerle beneficio, sino acelerarle el sepulcro. Darle a vn loco, ò colerico la espada que pide, es entreçgarle a la muerte: *Frigida agris negamus, & lugentibus, ac sivi iratis ferrum, aut amentibus quidquid contra se vsurus ardor petit, sic ea, qua nocitura sunt, impensè ac submissè, nonnunquam etiam miserabiliter rogantibus, perseuerabimus non dare.* Pide a veces el ansia del ardor q̄ abraça, ò la temeridad de la colera que ciega, cosas q̄ cõcederle fuera odio, y aq̄ el negarlas es beneficio.

Luego bien digo, que determinarle nuestros ruegos a Dios a darnos salud, acienda, dignidades, que cudicia la ambicion, y an de ser contra la eterna salud, es obligarle a ser cruel, no darle ocasion de ostentarse liberal. Y así quien quiete orar a lo cuerdo, y a lo seguro, imite los ruegos del Centurion, que en auiedo representado su necesidad. *Puer meus iacet in domo paralyticus, deja a la disposicion de Cristo el suceso; Quid oremus sicut oportet, nescimus.* No alcanza nuestro discurso lo por venir, no puede nuestra corta vista mirar desde lejos las conueniencias, ni los fracasos, ni los sucesos, y así no ai que determinar con el ruego, lo que huyera, si lo penetrara el juicio. Que bien Crisostomo ablando del Centurion: *Infirmi- tatem tantum exposuit, remedium autem sanitatis in potestate misericordie eius dimisit, dicens: Et male torquetur, in quo apparet quia diligebat eum.* Menos amor mostrara el Centurion, dice la boca de Oro, a su siervo, si instara por la salud, y mostro mas la aficion, quando auiedo declarado el peligro, dejò a la voluntad de Cristo el remedio.

Onra las bodas de Cana con su presencia Maria Señora nuestra, reconoce les fal-

ta vino, y por escusarles cuidados interpone con Cristo su autoridad, para que estorbe el desdoro con el remedio; *Fili, vinum non habent. S. Ioan. 2. v. 3.* Y no dice mas? No. Pues eso mas parece publicar faltas, que prevenir las. Si el cuidado de la Madre es mostrarse agradecida, porque en declarando la necesidad, no insta a su hijo por el remedio; Señor vino falta, remediad este aogo; eso fuera deseo de fauorecer; pero decir: *Vino falta, y no acer instancia pudiera tener muchos visos de murmurar; mas, si desea se supla el vino, como aconseja a los ministros executen lo que Cristo les ordenare? Quodcumque dixerit vobis, facite.* Si les manda derramar lo poco que a quedado, no seria aumentar la falta? Claro esta que si; luego el consejo esta contradiciendo la pretension. Digales obedezcan puntuales, si se les mandare qualquier accion en orden a remediar la necesidad, que eso esta bien; pero decirles executen qualquier cosa que les mandare parece arriesgar la accion. Pues no lo es, dice Teofilato; sino enseñarnos a pedir, y a obligar. Representa la Madre por vna parte la falta del vino, y por otra mostrar igualdad de animo, es orar a lo discreto, y a lo eficaz; *Exhortatur illam mater,*

mater, vt faciat miraculum. Lo que la Madre desea es aga vna marauilla, para remediar la congoja; y porque sea mas poderoso su ruego, solo le refiere el trabajo: *Vinum non habent*, que determinar el remedio, pudiera aumentar el daño. Quizà esa falta de vino importa, quizà la abundancia ocasionara desdichas, quizà les està mejor esa sed a los conuidados: pues no ay que pedirle vino, sino manifestarle el aogo: *Vinum non habent*; que ese modo de pedir es el mejor; aun para alcançar no se à de pedir lo que anela el anña, sino lo que mas importa a la conueniencia. No alcança nuestra vista, y mas turbada con tanto estruendo de afectos, los riesgos, ni los vtilles de lo que intenta; y asi debe conformarse con lo que Dios executa. Maria Señora nuestra, la necesidad representa al Hijo, pero juntamente aconseja obedecer en todo a los siervos, y por eso llegò a conseguir dichosa, porque pide muy entendida: *Exortatur illum Mater, vt faciat miraculum.* Si se atiende a las palabras no pide, y con todo eso dice Teofilato, que exorta, porque a la verdad el mayor premio para que Dios aga lo que yo quiero, es abraçar cõforme lo que quisiere. Pues si es ese el modo mas vtil, y mas

entendido de orar, bien dijo Crisologo, que el Centurion era exenplar de dar a Dios memoriales, pues representata solo el trabajo, sin instar por el remedio: *Præbet petendæ formam.*

Conbatido Lazaro de vna fiebre pestilente, dio en breues dias muchos cuidados a medicos, a amigos, a ermanas Marta, y Maria, escriben a Cristo vna carta, dandole cuenta del aprieto en que està su ermano: *Ecce quem amas infirmatur.* Señor, el que amais està enfermo. Raro decir, y raro callar! Si las ermanas desean cuidadosamente el remedio, porque no piden instantemente acelere el paso? Poco se manifiesta el cuidado, y el deseo en aqueste auiso, pues esas palabras pueden ser de quien se goza erederen el fracaso, como de quien procura ermano el remedio. Multipliquen ruegos, repitan suplicas, no sea diga la malicia, que escribir esta carta fue pretender parabienes, que no pocas veces el erederen sabe alegrarse en lo interior de la muerte del mas cercano. No ay que mudar estilo, dice Agustino, que este es el mas eficaz, y el mas entendido. No pidé a Dios? Si, pues el mejor modo de pedir, es declarar la enfermedad, y no acerte porfiadas instancias por la salud: *Non dixerunt, veni,*

August.
in Cat.

& sana, non ausa sunt dicere: Ibi iube, & hic fiet: sed tantummodo, ecce quem amas infirmatur, quasi dicant: Sufficit, ve noueris, non enim amas, & deseris. Si las ermanas desean lo que a Lazaro està mejor, no inflen por la salud inportunas, sino manifesten su ansia discretas, q̄ podrá ser le sea mas gloria morir, y resucitar, que sanar antes de morir; ademas, dice Crisostomo, que para obligar a Cristo el rendimiento a su voluntad, era el mas eficaz apremio: *Per hoc ad miserandum uolunt attrahere Christum.* No fue el dejar de pedir salud, rubació del riesgo, ni vileza del interes, sino acierto del cuidado; que el redirse a lo que quisiere Dios, es obligarle a lo que ellas quieren. La enfermedad puede ser útil, la salud dañosa, la muerte puede asegurar la dicha, y vida larga puede ser ocasion de infelicidad. Pues sepa Dios el aprieto: *Ecce quem amas, infirmatur,* y determine a su gusto: *Non dixerunt, ueni, & sana, sed tantummodo, ecce quem amas infirmatur.* Luego discreto andó el Centurion en declararle a Cristo el trabajo, sin instar por el remedio: *Puer meus iacet in domo paralyticus.* Oy: Cristo los modestos rubgos, y ofrece ir a curar al siervo a su casa: *Ego ueniam, & curabo eum.* Que umano, y que afable se muestra Dios! debi

do era a la vanidad del Centurion, que sienpre recaba mucho la cortesía. Ciega con su misma vanidad la soberbia quiere no pocas veces ostentar grandeza en ablar con ceño, en negar onores, en regatear cortesias, en escusar agalajos, y yerra para sus mismos intentos. Vn descortés, vn soberuio, vn vano, tan lejos està de aumentar se veneraciones, que se solicita desprecios: tan lejos està de que le agalajen cō seruicios, que le deslucen todos con odios. Dos calidades generosas està publicando la cortesía, afabilidad, y nobleza: la nobleza grangea el honor, y roba la afabilidad el afecto. Quien es cortés consigue facilmente lo que desea, y està tan lejos de deslucir su autoridad, que antes la cortesía es el argumento mas seguro de la grandeza, como al contrario es indicio de cortas prendas, no querer preuenir en las cortesias. Esta es experimentada verdad.

§. V.

Que de ordinario es menos calificado en titulo y nobleza, quien es mas supersticioso en estas ceremonias de cortesía.

Que poco repara el Centurion en saludar a Cristo primero, que poco Cristo en

in. II
3. Chrysof.
in Cat.

ofrecerle a curar vn seruo, eran ambos illustres, y así cortes: quizá si el Centurion no fuera calificado, fuera grosero, y juzgára era deuda el ir a visitarle Cristo a su casa; pero de vmilde se publica indigno, y se declara de cortès noble.

Cegò el interes tanto a los sacerdotes de Baal, que siendo vn idolo sin aliento, se persuadian era diuino. Elias ardiendo en zelo entra en concierto cò ellos, y quiere seã las obras indices del poder, y que no se quede solo en los enpeños de vna passion el testimonio de la grandeza. Vienen vnos, y otros en el concierto, determinase se ofrezcan dos gruesos bezeros sobre las aras, y Elias dice a los Profetas de Baal, ofrezcan el bezerro que les pareciere mejor a su dios primero: *Eligite vobis bouem vnum, & facite primi*. Poco aduertido anda al parecer en esta ocasion Elias. Si Baal es dios falso, vil idolo, porq̃ se le à de dar el primer onor, y porq̃ à de tener el Dios verda lero el lugar segundo? Porq̃ an de elegir los sacerdotes del idolo el bezerro mas lucido, y à de teñir el Ara de Dios el defecho? Sacrifique primero Elias, elija la victima, q̃ eso pide la razon, y es otro año no debe pretenderlo la ceguedad. Es el caso, dice Teodoro q̃ Elias quiso preuenir toda excusa. Baal (discurre muy ena

tendido el Profeta) es vna grãdeza labrada a manos, vna deidad fingida, y sino se le sacrifica primero, diran los sacerdotes, q̃ el no auer consumido el sacrificio, fue sentimiento de no auerle dado el onor q̃ se le debia. Dios como de suyo es grãde, como su nobleza es verdadera, y su calidad conocida, no reparará en q̃ sea su sacrificio el primero, ò en q̃ sea el segundo; antes el despreciar esas ceremonias vanas de cortesía, será argumento de su grandeza; como querer las primeras obras Baal, de su villania: *Quam obrem* (pregüta Teodoro) *sacerdotibus Baal iussit, eligere bouem pinguem, & primos peragere sacrificium: y responde, qui est verè Deus nullius eorum indiget. Ne ergo pudore affecti ministri mendacij dicerent: sgrè ferre Baal, quod non primus acceperit munus, eis cessit primis partibus. Cediò* entendido Elias, conociendo aq̃ uia de afectar Baal primacias en el onor, porque era vil en el ser; que de ordinario los menos nobles, quieren suplir con ceremonias vanas lo que les negò naturaleza de prendas. Sino coronára primero que a Dios el mas grueso bezerro el ara del idolo, dijeran sus ministros, q̃ el no cõsumirle celestes llamas, no era falta del poder, sino enojo del sentimiento, ò sentimiento de la razon; pues debiendosele los

Theodo
in 3. Regum,
56.

Zuc. T
p. 8.

los primeros honores, le avian sacrificado los vltimos; *Dixerunt; agrè ferre Baal, quod non in primis acceperit munus.* No se mostrarà Dios sentido de ser el vltimo, el idolo sí, de no aver sido el primero, que el idolo tiene muy a pleito la nobleza, y Dios muy segura la magestad; y así quando Elias cede no desluce la dignidad de su Dios, sino declara q̄ la de Baal es fingida; *Ne dixerent, agrè ferre Baal, quod non in primis acceperit munus.*

Con ocasion de la vanidad ambiciosa, de la presuncion vana, de la arrogancia soberuia de los Escribas en seño Cristo a los suyos y mildad con la retorica de vn parabola. Quando concuieren, dice, muchos en vn banquete, a riesgo viue el que afecta el lugar primero, de que le despojen del para otro mas noble, y aya de retroceder asta el vltimo con desprecio; mejor es sentarse de los vltimos, para que quien ace el banquete, reconociendo sus prendas, le dé las primeras sillas: *Cùm institutus fueris ad nuptias, non discumbas in primo loco, ne forte honoratior te sit.* No se adierte, que concuiriendo a vn banquete muchos, el mas illustre no afecta el primer lugar, y le afecta el menos noble. Porque el mas calificado en sãgre, no ocupa desde el prin-

cipio el asiento mas onroso si le à de ocupar despues? Y si el menos noble à de ocupar el vltimo, porq̄ afecta el lugar primero? Por eso mismo dice Cirilo. El mas noble arà a los demas sin dificultad esas onras, porq̄ es mas noble; pero el que trae pleito en su calidad, querrà preceder en la mesa a todos: *Proflire ad honores pròptè, significat nos esse temerarios, & nostra facta vituperio replet.* Esta ansia de lucir el primero, es claro argumento de cortas prendas, como ceder es grã indicio de sangre illustre. Muchos se juntan al conbire, tomarà (claro esta) el primer lugar el mas noble. Claro auia de estar. pero quiè le ocupa es el menos calificado. Pues como de ja ocupe otro el primer lugar, quien debia tenerle, y como menos cortès le toma quiè debia escusarle? Ya està dicho, porq̄ quiè tiene conocidas prendas, y notoria calidad, antes, ace gala de ser vrbano; pero vn onbre poco lucido, todo es querer sobresalir a fuerza de vano, todo es afectar la executoria en la groseria. *Prima sella dignus, dice el gran Arçobispo de Bulgaria, principio sedet in humili loco, & postea pra alijs sedere comperitur.* Los mas dignos son de ordinatio los mas modestos, como los menos benemeritos mas altiuos. De tan eroicas virtudes es el Centurion, q̄ puede

Ciril. in
Cate. ad
14. Luc.

Theoph.
hic.

Luc. 14.
p. 8.

causar admiracion a los cielos, y competir con los mas validos de Christo, y se reconoce indigno de que entre en su casa: *Non sum dignus vt intres sub tectum meum*: pues esto mismo es seguro argumento de su grandeza: *Non inueni tantam fidem in Israel*: que si èl no fuera illustre juzgara le era tan debida la visita que le pareciera acia fauor en admitir a Dios en su casa. Bien està, pero esa misma cortesia, dira alguno, le nota a Cristo de politico a lo del mundo: en otras ocasiones dilata seuero remediar necesidades, y si las alubia, es obligando a los pretedientes a muchos pasos, y a muchos ruegos, y aora se cõuida a curar este enfermo? Quãdo llega vn padre lleno el rostro de lagrimas, los labios de suspiros, el corazõ de congojas sobre reprenderle cõ aspereza, le obliga a q̄ traiga el ijo: *Afferte illum ad me*, y aora se ofrece a ir: *Ego veniam, & curabo*: Que es la causa de esta diferencia? Es Dios acceptador de personas, ò lisongea dignidades? Claro esta que no: Pues de dõde se originò esta diferencia? Varias causas esta indicando nuestro Euangelio. Sea la primera que el padre era de corta virtud: *Generatio incredula*, y el Centurion de mui alõtada Fè: *non inueni tantam fidem in Israel*, y asi la diuersidad de los meritos, aconsejò la variedad de

los agasajos, q̄ igualar vn Centurion de muchas prẽdas con vn onbre de pocas partes, no fuera gobernar a lo entendido, sino a lo indiscreto, y aun a lo barbaro. Igualar desiguales prẽdas no es gobierno, sino cõfusión. Verdad es deben ser los subditos tan vmildes, q̄ cada vno tenga al otro, no solo por igual, sino le reconozca por superior, esto esta biẽ de parte de los inferiores; pero el superior distincion debe acer entre las personas: q̄ igualar desiguales virtudes en el trato, y en el estilo, tã lejos estarã muchas veces de ser gobierno acertado q̄ sea yerro conocido. No me acuerdo bien si era Plinio en quien leã este sentimiento: *Si gradus, qualitatesq̄ confundas, dice, nihil est ipsa æqualitate inæqualius*. No puede auer desigualdad mas notoria, ni confusion mas conocida q̄ igualar en el trato, a quien es desigual en el merito. Porq̄ a de ser igual en los onores el q̄ se desuelò en los estudios, el q̄ gastò su salud en las catedras, y en los pulpitos, cõ el que ni abrio vn libro ni malogrò vn sueño: Porq̄ a de ser igual en el trato, y è el onor vn Ceturion fiel, cõ vn onbre q̄ si no loes, seroza en incredulo? Porq̄ auia Cristo de guardar el mismo estilo cõ ambos? agale al Centurion mas onra, q̄ eto no es ser acceptador de personas, sino exenplar de importantes policias. §. VI.

Mar. 6.
7. 19.

Plinius

§. VI.

Que igualar en el estilo, y en el onor virtudes, y talentos desiguales, mas parece desaceruada imprudencia, que ordenada policia.

Ezech.
1. v. 40.

Fia Dios el carro de su gloria a quatro pias soberanas, que a menos illustre yugo incapaces sugetaran la cerviz. Vn onbre entédido, vn leon generoso, vna aguila perspicaz, vn buey tardo: *Similitudo autem vultus eorum: facies hominis, & facies leonis: facies bouis, & facies aquila.* Quatro animales sirven al triunfal carro, y componen esta comunidad, aquesta republica, y bien son todos iguales en los puestos, quando tiran vn mismo yugo? No que eso no fuera gobierno entendido, sino fuera confusion imprudente: el onbre es mas noble que el leon; el leon mas noble que el buey; el aguila es mas perspicaz que todos: pues repartante los puestos conforme las dignidades: esté el onbre primero que el leon, y entrámbos a la diestra, que es mas onrada: *Facies hominis, & facies leonis à dextris ipsorum quatuor.* El buey es mas tardo en el andar, y mas lerdo en el discutir, pues esté en menos autorizado lugar: *Facies bouis à sinistris ipsorum quatuor.* El aguila se remonta mas ligera en ese transparente golfo del aire: ya ve-

cina a los cielos le cuenta los resplandores al Sol, ya le examina las luces; pues si es superior en el volar, tenga puesto mas sublime: *Et facies aquila desuper ipsorum quatuor,* que de esa suerte sera prouido el gouierno, y de otra al parecer se rozará en barbaro. Y si se adierte, no solo ai diferencia en el onor, sino en el trabajo. Vna parte del yugo tiran leon y onbre: *Facies hominis, & facies leonis à dextris:* la otra el buey: *Facies bouis à sinistris ipsorum quatuor:* pues sirviendo todos en vna misma profesion a esa pópa, a de ser el trabajo tan desigual? Si, dice el Profeta, q̄ este es vn dibujo de la policia de Dios: *Hec visio similitudinis gloriae Domini.* El buey tiene mas fuerzas para el trabajo, y tiene menos para el discurso: el onbre, y el leon son de presas mas relajadas: pues no cargue igualmēte sobre todos ese yugo, sino que pale doblado trabajo al buey, y menos trabajo al onbre: *Facies bouis à sinistris ipsorum quatuor.* Que bien la glosa: *Ad extremum dicitur: Hec visio similitudinis gloriae Dei, per quam quasi per picturam quandam, & imaginem prudentiam Dei adiunt demonstrari.* Todos los animales sirven pero no cō iguales onores, ni en iguales lugares; q̄ eso no pareciera prudencia, sino se ladeara a injusticia. Cargue sobre los ombros del buey

Ezech.
2. v. 1.

buey mas peso; pues el onbre fatiga mas el discurso, q̄ que- rer sea el onbre igual con el buey en el trabajo, y q̄ de mas a mas, quando descãsa el buey de descuidado, aya el onbre de trahnochar estuudiofo, no fuera idea de la prudẽcia, sino nota de la justicia: *Quod desuper aquile facies* (dice nuestro Gaspar Sanchez) *idest altior alio inter a-lias, hæc videtur adduci posse ratio, quia animalia reliqua humi gradiuntur, aquila verò supra terram attollitur.* El aguila es superior en la vista, y mas excelente en el buelo, pues sealo tambien en el sitio, q̄ igualar desiguales prendas, tubiera mas de agrauio, q̄ de gobierno: *Si gradus qualitatesq̄, confundas, nihil est ipsa aequalitate inequalius.*

Reparò Basilio de Seleucia con mucho ingenio, q̄ en las primeras estrellas que del gouerno de Dios lucieron al mûdo, se viò variedad de estilo. Forma Dios a Adan dandolè el titulo de su imagen: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* Formemos al onbre, estanpando en el nuestra imagen, y sea el retrato mas perfecto, y la copia mas acabada: *Ad imaginem, & similitudinem nostram.* Forma despues a Eua, y ya no la llama imagen suya, sino de Adan: *Faciamus ei adiutorium simile sibi.* Lenguaje en que izo aqueste Doctor reparo: *Illic dicebat: Faciamus hominem ad ima-*

ginem, & similitudinem nostram: hic quoque. Faciamus ei adiutorium simile sibi. Porque se le quita a Eua el onor q̄ se le dio a Adã? Si viuẽ ambos en el paraíso, si la naturaleza es la misma, porq̄ no lo es el onor, y el estilo? Ser imagen de Dios, es gloria rãta, q̄ ni la ambicion mas altiuã acertara a codiciarla, ni pudiera la vanidad mas soberuia pretenderla. Ser imãge de vn onbre es tanto menos, q̄ no ai como medir las distancias, ni como declarar las diferẽcias. Pues porq̄ se mudan los titulos? Porque el onbre atesora mas perfecciones, dice este Padre, porq̄ el onbre nace para Principio de las criaturas, porq̄ Eua es inferior en el grado como en el sexo, y así à de seilo en el onor, y el estilo: q̄ igualarlos en el trato, fuera acẽr injuria à la dignidad, y a la cõdicion: *De latere mulierem desponsans, iubet à viro mulierem foueri ac regi: fouetur enim simul, ac regitur à manu subiecta costa. Mulieris quoque subiectionem silentio testatam facit. Eiusmodi conditionis ratio tacita quedam admonitio est.* Mudè Dios el lenguaje en la formacion de Eua, y de Adan, que Adan nacio para mas ilustres empleos, y así debe gozar mas onrosos titulos: *Eiusmodi conditionis ratio, tacita quedam admonitio est: Illic dicebat: Faciamus hominem ad imaginem & similitudinem nostram: hic quo-*

Hiero
in Ca

P. Gasp.
Sanch.

Genes. I.
v. 26.

Genes. 2.
v. 18.
Bas. Sel.
or at. 2.

que

que *Faciamus ei adiutorium simile sibi*. Luego si las virtudes, si los meritos, si las prendas de las personas piden diuersidad en las onras, y aquel padre tiene menos virtudes, y el Centurion luce có mas perfecciones, mandar Cristo traiga el ijo, y ofrecerle à sanar el criado, no es aceptar las personas, sino distinguir las virtudes: *Videns Dominus (dice Geronimo) Centurionis fidem, humilitatem & prouidentiam, statim se iturum, & sanaturum promisit*. Acerle al Centurion mas onra, fue por tener mas virtud, ademas de que si lo miramos a lo politico, y a lo umano, era razon dejarle obligar mas de los ruegos de vn Principe, que de los de vn onbre ordinario. Quien ace oficio de superior, de juez, de ministro, respecto debe tener a la grandeza, y tratar las dignidades con cortesia.

§. VII.

Que suele auer entre las personas que interceden muy diuersas calidades, y asi los que oyen deben muy diuersas atenciones.

NI a Principe, ni a villano se a de conceder, si es lo que piden contra razon, que en ese lance todos son iguales, y respetar en ese caso la dignidad, fuera agrauiar

la justicia; pero quando se pide vna gracia, debese atender la persona. Negar à vn onbre vmitde, a vna persona ordinaria la gracia que pide, ò la pretension que desea, serà acerle poco fauor; pero no serà acerle desprecio, ni acerle agrauio: pero pedir vna persona de autoridad vna cosa, que puede acerse, y desdeñar la supplica, es en cierto modo injuria de la persona: agrauia la dignidad, y afrenta la nobleza quien niega con groseria que illustres calidades por todas leyes deben atenderse, y en toda ocasion respetarse.

Ya lo ponderaba en este mismo lugar el Obispo de Isauria. Alentat Cristo en los terminos de Sidon y Tiro, vna muger Cananea, desecha en lagrimas, y derramando el corazon en suspiros le pide salud para vna ija a quien atormetaba vn demonio con inhumana violencia: *Miserere mei Domine Fili Dauid, filia mea malè à demonio vexatur*. Y Cristo misterioso no parece se deja obligar del ruego: entra en Capharnaun, y aun no parece a explicado el Centurion su cuidado, quando ya concede lo que desea. *Ego veniam, & estrabo eum*. Si aqui concede tan liberal, porque dilata alli la peticion tan seueros. Muchas razones

Mat. 15.
v. 22.

zanes pudo auer, dice ingenioso este Padre: sea la primera, q̄ es obra de mayor caridad, cuidar el aliuio de vn siervo, q̄ el descanso de vn iijo, porque esto la naturaleza lo persuade, aquello la virtud lo aconseja: y así si en el memorial del Ceturion luce mas la caridad, no es mucho q̄ en las palabras de Cristo resplandezca mas el agrado; pero voluiedo a lo politico q̄ deciamos, la Cananea, y el Centurion piden vna gracia que puede acerse: la Cananea es vna muger ordinaria, el Ceturion es vn onbre de autoridad: *Nam. & ego homo sum, habens sub me milites.* Pues aga Cristo distincion en los despachos, q̄ negar lo que pide vna muger ordinaria, no es acerla injuria, pero negar lo q̄ pedia vn onbre de tantas prendas tubiera al parecer no se q̄ visos de groseria. Oigamos la elegancia de Basilio: *Beneficentia preces anteuertit. Quid ergo, dic mihi Domine, non pareni animi promptitudinem in te nacla est Chanaanæ filia, etsi per matrem eadem deprecaretur? Ad illa rogans canum loco, numeroque est, & portum queritans fluctus experitur, & ad animi vulnus accedis voce increpitans: Non est bonum sumere panem filiorum, & mittere canibus; hic propè ante supplicationem curationem reportat: herus pro famulo rogans exorator fuit, mater pro filia rogans tulit repulsam.* Algo

mas auia de obligar, que el de vna Cananea el rogar de vn Centurion, que este es illustre en la dignidad, y aquellas es poco noble en la condcion; y Cristo no solo quiere ser exemplar de lo diuino, sino tambien de lo politico, y de lo vmano, para enseñarnos a venerar la nobleza, y autoridad de quien pide: concedio al Centurion luego lo que dilata algũ tiempo a la Cananea: *Beneficentia preces anteuertit: herus pro famulo rogans exorator fuit.* Es tenor el que ruega por el siervo: pues agasele esa gracia, que algo a de merecer en el mũdo ser onbre de autoridad, y de conocida nobleza.

Allase Balac con el exercito de los Hebreos tan vecino. q̄ aun no parece podia pieuenir el riesgo: intenta q̄ Balac con sus encantos le aogelos brios, y ofreciendole onores, dignidades, riquezas, le enbia sus embajadores: *Misit nuncios ad Baalam filium Beor ariolum, vt vocarent eum.* Consulta Balac el caso con Dios, y mandale, q̄ ni maldiga al pueblo, ni vaya: *Noli ire cum eis, neque maledicas populo.* Vuclen los embajadores mal despachados, y aun no desiste Balac de sus primeros intentos: antes segũda vez repite la instacia, y enbia nueuos embajadores, que le persuadan venga a desmayar tantos esfuerços con sus encantos:

Multo

Basil.

Sel. ora.

19.

Nu. 21.

y. 5.

Abule
in Nu
q. 6.

Multo plures, & nobiliores, quam antea miserat, misit. Consultado segunda vez este negocio con Dios, le manda, que no maldiga, pero le concede, que vaya: *Surge, & vade cum eis: ira dumtaxat, ut quod tibi precepero, facias.* Aqui mi dificultad: Si no quiso Dios cōcediese Balan nada de lo que pedian a los embajadores primeros, porque viene en que se les conceda lo q̄ le piden a estos segundos? Ya lo indicò la Escritura. Aūque los primeros embajadores fueron nobles, fueron estos mas poderosos, y mas ilustres: *Multo plures, & nobiliores, quam antea miserat, misit.* Y si bien ninguna vez le permitio Dios maldecir el pueblo porque era culpa, cō todo eso esta segunda vino en que iciese jornada: *Vade cū eis.* Parece quiso se guardase mas respeto, y se hiciese mas cortesía a mas calificada nobleza: Que del intento el Tostado: *Dico tibi quod eas, dum tamen non facias aliquid contra id, quod dixero tibi.* Permitiole Dios la jornada quando instaba mas calificada nobleza, por enseñar al mundo esta policia, que como no se obre jamas en desfioro de la razón, se debe atēder la autoridad. Mas: violē inclinado al camino, y diole licencia por escusarse el atrejo. Buelua otra vez el Tostado: *Quamquam prius recusasset Balan, ire in Moab cum tamen videret secundos nuncios mul-*

to excellentiores prioribus in magno honore venientes ad eum, motu ventur rissera illius, & forte faceret, quod prius negauerat. No conceda Balan la maldicion quando la piden los primeros, ni quando los segundos la piden, que nunca por lisongear a la nobleza, se a de atropellar la justicia; pero aunq̄ no aya querido conceder a los primeros el ir vaya con estos segundos, que quando no ay indecencia, se les debe acer a los mas ilustres mas gracia. Algo a de reca bar la nobleza, y la autoridad de quiē pide, y mas respeto se le a de tener aun noble quando ruega, q̄ a vn onbre ordinario quando suplica: *Ecit. quod prius negauerat.* Quiso Dios concediese a estos segundos lo q̄ prohibio cōcediese a los primeros: los primeros erā menos calificados, y estos mas ilustres. Luego biē esta q̄ Cristo dilate mas el remedio de la enfermedad, quando la Cananea pide, y quando ruega el Centurion menos.

Basilio juzgā mayor milagro este diligenciar el Cēturion el alivio del sieruo, q̄ el dar Cristo salud al necesitado porq̄ si para ser milagro vna cosa a de ser rara, dar Cristo a vn paralytico vida es mui ordinario, pero dar vn señor pasos por la salud de vn sieruo, es mui peregrino: *O miraculum modo non opinabile. Puer membra dissolutus, iacens Domino ducatum præbet*

ad Dominum. Dar vn señor pa-
fos por la salud de vn criado,
cuidar sus comodidades des-
uelarse por sus aliuios, es co-
sa tan pocas veces vista en el
mundo, que se puede llamar
milagro. Esta es comun falta
en los señores.

§. VIII.

De ordinario cuidar menos la sa-
lud, y la vida de vn seruo,
que las comodidades
de vn bruto.

Ojala, decia Seneca, cuida-
sen algunos señores del
suttento de los sieruos, como
cuidã del regalo de los caual-
los, de los pajaros, de los lebre-
les. Enfermarã vn bruto, ò se
abrã de sangrar vn caualllo, y
asistirà el señor à verle sangrar,
y atenderã con toda diligẽcia
a la cura, y aunq vn criado ar-
da en calẽturas, no solo le irã
a ver, pero aun no querra pre-
guntar por òl: con q atencion
se trata del regalo de vn giri-
falte, de vn alcon, de vn sacre,
y no abrã en todo el año raciõ
para vn onbre. Enfermõ vn ju-
guete delestrado, vn falderil-
lõ, entretenimiento del ocio, y
se gastarã cõ òl los vizcochos,
los dulces, las aues, y no aurã
para el criado carnero en el
tabardillo mas apretado. Cru-
delia, & inhumana praterco, decia
Seneca, quo à nec tanquam homi-
nibus quidem, sed tanquam iumentis
abutimur. No acen algunos mas

estimacion de los sieruos, q de
los brutos; antes muchos son
mas piadosos con los brutos, y
mas rigidos cõ los sieruos: No-
lo de vsu seruorũ disputare in quo su-
perbissimi crudelissimi & consume-
tiosissimi sumus. Toda la acedia
parece se renouõ para el sieruõ
y todo el ceño para el criado.

Sugetõse el Prodigio a seruir
obligado de sus defaciertos, y
auẽdo afectado no estar suge-
to a su padre, se vio obligado a
seruir a vn rustico. En el cãpo a
los rigores del Sol, y calores del
estio, guarda vna manada de a-
nimales ruidosos, y siẽdo así, q
preuino el dueño pasto abudã-
te para los brutos, aũ no cuido
de dar si quiera moderado sufrẽ
to a los sieruos, ya se cõtentrã
el Prodigio le trataran como
al ganado: Cupiebat implere ven-
trem de siliquis, quas porci mandu-
cabant. Por dicho lo se tubiera
si le dicran vna raciõ de aquel
fruto agreste, q comian los a-
nimales; pero ni esta le conce-
dian: Et nemo illi dabat. Pudo a-
uer mas inhumana crueldad (di-
ce Cryfologo) q de jar muera
de onbre vn criado: Ego autem
hic fame pereo: quando se atien-
de a que no le falte sustento a
vn bruto, el ganado come: Por-
ci manducabant, y el pastor pere-
ce: Fame pereo. Pues no es due-
ño y pastor de la mesma natu-
raleza, aunq se vea este en mas
aduerfa fortuna. Si, pero tal
vez para con los sieruos patece
se

Chry-
serm.Luc. 11
v. 22Luc. 11
v. 25

Chrysol.
ferm. I.

pārece se desnudarō los señores de vmanos. Que sentidamente Crifologo: *Quam crudele ministerium, quia neque conuiuī porcis, qui uiuūt porcīs, qui uiuūt porcīs, Mifer, quia porcorum dēficiūt, & esurit in saginam. Mifer, qui squallētis cibi cupit, nec impetrat qualitatem.* No pudo llegar a mas la desatencion inhumana de vn rustico, que a dejar morir de anbre vn onbre, quando cuidaba no faltase a los animales regalo. Asi? luego bien dixo Basilio, que cuidar oy el Centurion la comodidad y salud de vn siervo, era extraordinario milagro: *O miraculum modō non opinabile!*

Aun mas lo encarecio San Cirilo. No sē que se es, dice con arta gala este Padre, q̄ aun el mismo Dios si toma titulo de Señor, à menester al parecer jurar, para que se crea à de cuidar del sustento de los criados. Discipulos mios, dice Cristo, no escuseis mostrar en el traje la condicion. Ceñios, y aguardad a vuestro Señor desuelados: *Et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum;* y tened por cierto se acabarán los afanes en gozos, y los desuelos se premiarán en descansos. Yo os juro, que quando viniere el Señor os arà lentar a la mesa: *Amen dico vobis quod pracinget se, & faciet illos discumbere.* Ya sabe

el escriturario, que aquel *Amen* tiene fuerza de juramento, y aqui es al parecer ocioso; que al decir Cristo se an de trastornar antes del juicio los elementos, se à de desatar ese elemento de luz en llamas, à de desunirse el aire, à de bramar el mar; y estremecerse la tierra, lo asegure con vn *Amen*, parece es forçoso: porque se persuaden los onbres son tan eternas las criaturas, que será menester ese juramento para que las imaginen pereceras; pero decir à de dar de cenar a sus siervos, à de cuidar de su aliuio, y su sustento, no necesita para persuadirle de juramento: pues porque busca no sin atencion fiadores a sus palabras, quando son tan faciles las materias? Porque se llamó Señor, dice Cirilo, y deben de estar tan echos los señores al oluido, que jurd para que se creyese el cuidado: *Cum Dominus veniens. suos insonnes inuenerit, & pracingetos, tunc illos promulgabit beatos. Sequitur: Amen dico vobis quod pracinget se... Faciet igitur illos discumbere quasi fesos refocillans.* Si, dice cuidará el aliuio de sus siervos, aunque es su palabra infalible, afiancela el juramento, no sea que el nonbre de señor ocasionē dudas, quando el ser de Dios certifica segundidades. A echo la experiencia tan sospechosa la gr̄a de za

Ciril. in
Caten.

D para

Luc. 12.
v. 35.

Maldo.
bic.

para la deuda, quando debiera grangearse creditos la cōfiança, que por estoruar a los Discipulos recelos, busca a la más infalible verdad apoyos. Aun mas lo explico nuestro Maldonado: *Hoc eo ipso dicit, quod visitatum non est, quia voluit significare Dominum illum tantam diligentibus, vigilantibus atque paratis seruis gratiam, habiurum, ut faciat illis quod nemo dominorum seruis suis solet facere. . . Habet etiam res non visitata probabile decorum.* Al nōbre de señor le à echo yà el poco ajustamiento de algunos, tã sospechoso, q̄ es lo mismo señor, q̄ oluido de la comodidad del criado, q̄ desprecio del seruo, q̄ no dar el sustento, y querer muy pūtual el cuidado; y así afirma Cristo cuidará la comodidad de sus seruos quando se llama señor, porque no bacile la cōfiança, ó desconfie la sospecha: *Amen dico vobis: Hoc eo ipso dicit, quod visitatum non est* Luego bien dixo Basilio, q̄ este cuidado del Cētution era pocas veces visto milagro: *O miraculum modò non opinabile!* Pero tambien fue raras veces visto su premio, pues llegò à beneficio de ese cuidado, a ser maestro de la perfecciō, aun antes de curfar las escuelas de la virtud, pues llegò a merecer los agrados, y los elogios de Dios, pues la diligencia le publicò agrado,

no interesado, y sobre agradecido discreto; representandole en el ruego su cuidado, y no insistiéndolo por el aliuio; pues el agafajo de su cortesia le aseguro mas noble, quanto menos supersticioso en las ceremonias de la grandeza; pues Cristo mudd con èl el estilo, para engrandecer la virtud, pues onró su dignidad, ofreciendo ir a su casa, y auientar enfermedades con su presencia. Y pues oy fieles, está Cristo tan de sazō para dar salud, no nos aga ventajas en diligēciarla vn Gentil; adorele nuestra fee, obliguele nuestra indiferēcia, merezca su agrado nuestra cōfiança; y vygan a su inpetio tantas calamidades, tantos afanes, tantos dolores. Ea mi Dios, remediad con vuestra palabra tantos paraliticos, a quien sus mismos vicios posstraron los esfuerços, a quien sus deleites agotaron los brios, para que restituidos a mejor aliento, se enpleen en reconocer su Dios, en aclamaros su salud, su remedio, su aliuio; para que en repetidas alabanças publiquen vuestras grandezas, para que en reconocidos seruios diligenci en vuestra gracia, y merezcā vuestra gloria.

Ad quam, &c.

(:?:)



SERMON DEL PERDON DE LOS ENEMIGOS, para el primer Viernes de Cuarefma.

Audistis, quia dictum est antiquis, &c.

Matth. 5. cap.



A mas dificil materia, como la mas perfecta, tenemos oy; amar enemigos, contra lo que el duello persuade, el dolor aconseja, y el abulto apadrina. Para conocer no es el vengarse licito, basta saber lo introduxo costumbre; que entre los onbres ni vicio se oluida, ni virtud perseuera. No se sabe el autor desta costumbre, tan villano afecto es vengarse, que aun preciandose neciamente de otros, de este vicio no se da por autor ninguno. Sin duda viue desacreditada de vil accion, a quien desconoce su mismo dueño. Cristo de su nonbre firma el perdonar injurias, que esa accion es muy digna de ijos de Dios. Ni tolo quiere oluide la magnanimidad a grauios, sino vença la generosidad noblemente con beneficios; amor que no pinta en las obras, mucho tiene de sospechoso, mucho de tibio, mucho de bastardo. Por los calumniadores manda rogar, y abra bien que acer todo el año, pues no ay eroica accion que la inuidia no infame, ò la emulacion no tuetza. Si soys ijos de Dios, imitable, que desdecir las acciones, hacen sospechoso el origen. Ser ijo de Dios, y imitalle, es credito; no imitalle, y ser ijo, desdoro. Cada dia derrama la flor de su luz el Padre sobre justos, y pecadores; pocos pecan por falta de luz, por sobra si de malicia muchos. En primer lugar puso los benemeritos, despues los indignos, era del cielo el fauor, q̄ a ser del mundo,

do, para los primeros puestos el no merecer fuera calidad. Ser igual con todos, buen exemplo es para padres, pero no para juezes, en quien a veces no menos que las luces son inportantes los rayos. Bien es acudir al benemerito con cosechas que le premien, y al indigno con tenpestades que le castiguen; que no acer distincion entre desiguales prendas, es queja de la nobleza, y es agrauio de la justicia. Iguales van aora en temporales fauores buenos, y malos; pero tiempo vendrà en que esas desigualdades se ajusten. Suyo llamó al Sol, quando exemplar del fauor, no quando en el juicio es instrumento de los castigos. Mas antigo que los onbres resplandeciò el Sol exemplar de perdónar, y así la vengança es menos antigua; pero afectos groferos quieren suplir con antiguedad lo que les falta de bien nacidos: para obrar mal nunca falta vna mano de color que lo escufe. En el Sol puso el sinbolo, no en la Luna, que siendolo esta de Maria Señora nuestra, no podia dudarse comunicaria a todos luces. Con todo eso para asegurar las de gracia, serà bien obligarla con nuestros ruegos, diciendo con el Angel: *Aue Maria.*

Audistis, quia dictum est antiquis, &c.

Matthæi cap. 5.

A MAR al enemigo nunca lo sufrio la costumbre, por mas que lo enseñe la razon. Acer bien al contrario, no lo admite la antiguedad, si bien lo diò la virtud. Trata el dolor de desaogarfe en venganças, porque el coraçon no se auiene con las injurias: *Summus impatientia stimulus*, dice Tertuliano, *ultionis libido*, *negotium curans aut gloria*, *aut malitia*. Dos vientos inpeleñ el coraçon al

despicarse de sus agrauios, la malicia en que nacimos, y la vanidad que afectamos. No vengarse rara vez se atribuye a Cristiana modestia, sino a infame cobardia; y así este ardimiento de gloria, a pesar de la razon, peruierte nuestros sentidos, y yá el vengarse es entre los onbres credito, por mas que a la luz de la verdad sea desdoro: *Inhumanum verbum est*, decia bien Seneca, *& quidem pro iusto receptum ultio*. *Qui dolorem regeris,*

Tert. de patient. cap. 10.

Senec. lib. 2 de ira cap. 32.

santum excusatus peccat. Culpa es vengarle. Conocida de los Filósofos, aun sin Evangelicas leyes. Esta palabra vengança, bárbara inumanidad la introdujo; pero allo tan entrañado en la naturaleza este afecto, q̄ no fio de mi corta eloquencia poder medicinar este daño: y ali por no malograr el tiempo, me é de acomodar oy con la inclinacion, y Evangelio, y é de vsar el consejo del Estoiço q̄ contra vna tempestad de fecha, no ay q̄ oponerse con valentia, sino ir la declinando con maña: *Dum tempestas prima desecuit, ne remedia ipsa secum ferat; consilium pro moribus cuiusq̄ capiendum erit;* y ya lo ama dicho el Espiçito Sãto: *Ne coneris contra iktum fluiij.* Enfermedades ay tan desesperadas, q̄ se llebã las medicinas tras si, sin q̄ el estudio del medico situamas q̄ a su cãlancio. Grã remedio contra vna vengança el mandar Christo no se execute: pero tã abrasado arde el furor en el pecho, q̄ aũ cõ esta medicina se irrita. Pues q̄ remedio para cõplir cõ la colũbie, y el Euãgelio? O si acetãse a explicarlo! No solicitar se enemigos, sino ay aliçto para perdonar cõtrarios: estoibe la prudẽcia ocasiones a la vengança, y si se ajusta mal irritado el coraçon a la ley, sea tan prudente q̄ escuse los riesgos, y preuẽga las ocasiones. Aora sea esta la primer moralidad.

insis... *S. I. rob. ch. omos*
 Que es gran cordura no buscarse enemigos: quien no sabe no vengarse de sus contrarios.

Que de veces se originã pesadas enemistades de necias burlas. Que de veces cosas q̄ disimuladas por intrenemietos lo fueran, aciendo caso, pasaron de entretenimientos a odios. Que de veces le viera estado biẽ a la prudẽcia interpretar en su fauor la palabra, q̄ entẽdida cõtra si ocasionò su desdicha. Que de veces vna cõtella auuada abraçò seluas, y al principio a leue cuida do fuera ligero disgusto. Que de veces la curiosidad de saber lo q̄ se dixo, enpeñò en desabrimientos. Que de veces no queten ceder en cosas de mui poca sustancia costò la vida. Vna palabra no fomẽrada de la vanidad se quedò cõtella, y fomẽrada atdiò llamã. Que biẽ Seneca: *Non expedit omnia videre, omnia audire, multo nos iniurie irascant ex quibus pleraq̄ non accipit, qui nescit. Itaq̄ alia differenda sunt, alia deridenda alia donanda. Circũ scribenda multis modis irã est. Pleraq̄ in lusum, iocũque vertantur.* Echar en rila palabras q̄ tomadas de veras pudierõ ocasionar en peños, es grã cordura: ceder en ocasiones que no importa mas vno que otro, es acomodada prudencia. Llamado de Balac contra el pueblo de Dios caminaba Balan, solicitado

Sene. lib. 3. de ira cap. I.
Eccles. 4. v. 32.

Sene. lib. 3. de ira cap. II.

Numer.
22. v. 23.
& 30.

como de dos espuelas el animo de su ambición, y cudicia, Salele al encuérto vn Angel, y bibrando el acero, le intenta quitar la vida: el bruto en q̄ caminaba se apartò por vyr el riesgo de aquel camino: *Cernens asina Angelum stantem in via, euaginato gladio, auertit se de itinere, & itat per agrum* Balan ace esfuerzo para reducirle a la senda antigua; pero el montado estaba tan ciego, como el bruto estaba advertido. Que pretendes Balan? Profeguir la jornada comẽçada: no puede esto conseguirse por el cãpo, como por el real camino? Si; pues no sigas ese rumbo, q̄ està vn Angel desenhainado el acero, para no dejarte pasar; y te importará el ceder. *Nisi asina declinasset de via dans locum resistens te occidissent* Si el jumentillo, dice el Angel, no se vbiera apartado de la senda, ya te vbiera este acero despojado de la vida. Necio se enpeñaba el Profeta en q̄ por allí auia de pasar: pues no era mas q̄ diligenciarle el morir. No frustrò sus intentos, por gastar algunos mas pasos, y queter profeguir obstinamente, fuera entrarse por el acero del enemigo. El bruto, dice San Pedro, corrigiò la imprudencia del ginete, que lo era acer enpeño en el començado, quando era facil profeguir su jornada por otro rumbo: *Correctionem habuit sua yefania subiu-*

2. Petr.
2. v. 16.

gale mutum animal hominis voce loquens, prohibuit Profeta *insipientiam*. Muñera Balan, si se enpeñara en acerse paso, y fue mas atento el bruto en declinar el camino. O quantos a muerto a manos de su temeridad atreuida! llegaron a vna calle que guardaba el cuidado, por acer espaldas al aperito, y auisados no auia paso por allí, dio su vanidad en romperle, y costoles no pocas veces la vida. Que inconuiniente tenia torcer los pasos? Que afrenta era del valor, q̄ cediese la corteſia? Ninguna, imprudencia si fue del enpeño, que acarted, ò pudo acartear tanto daño. Cediò el bruto mejor advertido, y el Profeta se enpeñaba mucho mas ciego.

No juzgueis imprudencia de cobardes, dice S. Pablo, dar al enojo lugar, q̄ no es sino atención de muy advertidos: *Nolite esse prudentes apud vos metipsos. sed date locum ira.* Ceder en algunas ocasiones, no es cobar dia, sino prudẽcia, q̄ sino importa mas este camino que aquel, arrojo es desatinado solicitarle peligros: *Ille dat locum ira,* dice S. Anselmo, *qui iram superbientium humiliter fugiendo declinat de loco pia humilitate recedens* A quien està ardiendo en colera, y obstinado en su porfia, quando và nada, de q̄ à de seguir cõtradecirle, sino de ir-

sitar-

Ad Rom
12. v. 11

Anselm
hic.

ritatles: Que fruto a de traer el perseverar en acerle oposició? cordura es ceder en la porfia, prudencia torcer la calle, y comodidad vyr batallas en q̄ casi es igual riesgo salir vencedor, ó vencido: *Ille dat locum ira, qui iram superbiencium humiliter fugiendo declinat.* No es acerse de parte de la razon, querer persuadirla quando mas ciego el engaño, y quãdo mas enfurecido el enpeño. Retirarse de la conuersacion, boluer la espalda, abstenerse de la porfia, no es ser cobarde, sino prudente, no dejar de ser discreto, sino dejar de ser arrojado. De esa suerte se ama al proximo, y no ay enemigo a quien perdonar, porque se preiucine no tener a quien perdonar enemigo, y se cunple con lo q̄ la lei aconseja, sin saltar a lo q̄ persuadio la costumbre: *Dicitum est antiquis: Diliges proximum tuum, & odio habebis inimicū tuum.* Otro medio para no tener enemigos, es no acer experiencia de groferias. Si alguno tiene fama de descortès, no ay q̄ buscar ocasiones de experimentar sus desaires, y si siente de timenos biẽ, vye de q̄ en tu presencia lo diga.

§ II.

Que es arrieçada imprudencia querer experimentar agenas descortèsias.

O Precia la lisonja cultos a Aman, valido del Rey

Auero, como la religion los pudiera ofretar a Dios. A dependècia las vilezas q̄ persuades! A ambición, los tributos q̄ pagas! Al entrar, ò salir Aman de palacio los cortefanos en rendidas adoraciones cõfesaban la excelencia, y en afectadas genuflexiones lisongebã todos su vanidad, solo Mardocheo de animo mas generoso, aun en los rebefes de la fortuna, no se abatia vil, aunque veneraba cortès: *Mardocheus non flecebat genua neque adorabat eum.* No faltò quien por ganearse la beneuolencia del Principe, se mintò de su onor zeloso, y le dio noticia de las descortèsias de aquel cautiuo: *Nuntiauerunt Aman.* Que antiguos son los chismes en los palacios! Alfin Aman quiso experimentar si Mardocheo proleguia en ser descortès, y aqui era mejor la ignorancia, que la experiencia. Cuerdo auia andado en no fiarse de informaciones de lisonjeros, que de ordinario aumentan, ò fingen, como no se expusiera a experimentar si Mardocheo era urbano, ò si era grofero; pero buscò ocasiones para certificarse, y fueronlo de perderse: *Quod cum audisset Aman, & experimento comprobasset, quod Mardocheus non flecebat sibi genu, nec se adoraret, iratus est valde.* Ya izo pundo no; lo que despreciado

Esther. 3.
v. 30

era quando mas vna desaten-
cion de vn cautiuo, y la ma-
quina que trazò para la ven-
gança, fue el instrumento de
su desonra. Quan bien le vbie-
ra estado a Aman auer obser-
nado lo que aconsejó. I. Dif-

Senec. li. crecion Cordouesa: *Non vis es-*
de ira, c. se iracundus ne sis curiosus. Quin

II. *quira quid in se dictum sit qui ma-*
lignos sermones etiam si secreto ha-
bui sint, enervat, se ipse inquietat.

Quadam interpretatio eo perducit
vt videantur iniuria. Si no vbie-

ra puesto estudio en notar la
descortesia, no vbiere en peña-
dose en la vengança; y si no
vbiere tratado de la vengança,
no vbiere perdido cò tanta in-
famia la vida. Cò cuidado de-
brian vyerse las ocasiones de
enojo, y se las procura la in-
prudencia para su riesgo. De
q̄ à de servir aueriguar lo que
se dijo en ausencia, cò mas li-
bertad, ò con menos atenci-
on, si no de inquietud? Si se di-
jo en ausencia, no es agrauio,
y sino es injuria, para que se à
de armar vengança? Si la pa-
labra puede tener buen senti-
do, para que la à de interpre-
tar vn onbre en su agrauio? Si
las palabras son generales, pa-
ra que se à de dar ningun par-
ticular por sentido? *Quadam*
interpretatio eo perducit vt videan-
tur iniuria.

De otra suerte se vbo Da-
uid, quando la ambicion bar-
bara de Absalon enpeño la te-

metidad de la juventud, con-
tra las leyes mas establecidas
por la misma naturaleza. Cò-
jurò contra el piadoso padre
el ingrato ijo; y los que poco
antes le asistian, en estos reue-
ses de la fortuna le desprecia-
ban y declaròle en las grolas
descortesiàs enémos, los
q̄ en ymildes obsequios afecta-
bã mas el ser siervos. A fortu-
na, piedra de toques de los a-
fectos! A ambicion, padron in-
fante de núbstto ser! Los poli-
ticos son muy parecidos a las
veletas; mueuen se acia don-
de corre el viento, y mientras
descuellan mas en la altura,
mas faciles se còformã al tẽpo-
ral. Al fin Dauid conocio en su
dolor que no era verdadero
todo agalajo, y que cada vno
lisonjea menos por estimaciõ,
que por dependencia. Y bien,
como se porta en esa ocasion?
como sordo que no oye, y cie-
go que no vè, como mudo, a
quien su infelicidad quitò el
vlo de la lengua; así lo refiere
el mismo: *Ego autem tanquam*
surdus non audiebam. Et sicut mutus
non aperiens os suum. Disimule
injurias, porque no creciesen
mas las desdichas, que quien
se declarò vna vez enémo,
prosigue sienpre en su odio, y
el sentimiento del injuriado,
es ya enpeño del enémo; pe-
ro no pocas veces daise por
desentendido el q̄ recibidela-
grauio, fue ocasion de que se

Psal. 3
v. 14.

recobrase el injuriador, porq̄ desahogado ya en la injuria el odio, quedò con menos nieblas para corregirse el discurso, y persuadido q̄ no se admitió la ofensa, ace lugar a soldarla, sino con amistad afectuosa, con prudencia alomenos recatada. Quien se dio ya por ofendido, y se declaró agraviado, enpeño al mal efecto en còtinuar los pesares; porq̄ persuadido q̄ ya el daño no tiene enmienda, intenta a lo peruerso alcanzar victoria: *Deliberavi non audire iniurias* (dice Caietano) *ac si essem surdus. Et quasi mutus essem, qui non aperiret os suum ad loquendum. Videbat enim persecutores suos multiplicatos, consortatos, se ipsum autem velut precipitem ad totalem ruinam.* Gran cordura para no fomètar calamidades no publicar enemigos, porque ya vna vez publicos, o por ofiçue obstinados en su malicia, o el injuriado a menester artiesgar-se en la vengança. Luego interesada atencion es no solo vyr lances q̄ se pueden prevenir; pero mostrar-se desentendido en los q̄ se puedẽ mal escusar. Otra industria no menos vtil vsaron ombres de entendimiento grande, y pũdonor mucho, q̄ es echar en burlas lo q̄ obligara, si se tomara de veras, a muy costosas venganças. La palabra pesada es gran arte acerla ridicula, y q̄ pase por juguete entretenido lo q̄ de otra suer-

te fuera conocido agrauio.

III. Quid es atender a su onori tratar como que sean burlas las que son injurias dudosas y interpretar a lo mejor las palabras.

Muchas veces irritan las ocasiones la ira; pero muchas se busca el enojo las ocasiones; recibio vn golpe en el rostro Socrates, y aciendo donaire de lo q̄ le ocasionaba dolor, dixo: inportara mucho saber quando se abia vn ombre de prevenir con visera para las burlas de sus amigos: *Socraticem, ajunt, colapho percussum nihil amplius dixisse quam molestum esse quod nescirent homines quando cum galea prodire deberent. No quedo admodum facta sit iniuria referre, sed quemadmodum lata. Magna pars querelas manu facit, aut falsa suspicando, aut leuia aggrauando.* No consiste solo la injuria en el animo de quien la ace, sino de quien la recibe. Vn golpe en el rostro admitido como juguete, si bien pesada se queda en burla: de otra suerte es la mas terrible afrenta. Valiose Socrates del ingenio, para desacer el agrauio.

Los enemigos de Cristo desvelados en infamarle, le dixeron en vna ocasiõ, era endemoniado, y Samaritano. *Samaritanus es tu, & demoniũ habes.* De mala vida le arguie, y de mala sangre le notã. Decir ospedaba en su cõraçon demonios, fue achacarle culpa:

Caietan.
hic.

Senec. li.
3. de Ira
c. 11.

Argue
tibi
ni p
cui

al. 3
14.

Ioan 8.
v. 48.

culpa: llamarle Samaritano obscurecerle fue con afrenta. Y bien q̄ responde Cristo? Que su virtud no admite demonios, ni sus costumbres delitos: *Ego demonium non habeo*. Pues y al ser Samaritano no satisface? No, pues eso parecia lo mas accedo, que si tener vn demonio es culpa. Ser de ruin casta es afrenta, y a los onbres les duélé menos q̄ las afrentas, las culpas. Es el caso, dice el ingenio de la Iglesia Agustino, q̄ esta voz Samaritano tiene dos sentidos: porque significa el originario de Samaria, y tambien el que defiende con prouidécia, y aunque ellos la dixeron en el sentido mas enconoso, Cristo no les respondió, como si lo vbiérā dicho en el mas benigno: *Non dixit: non sum Samaritanus. Samaritanus enim interpretatur custos*. La palabra tuuo dos visos, y la cordura admiróla en lo fauorable, q̄ el ser agrauio no solo consistió en el animo de quien la decia, sino tambien en quié la escuchaba. Ser Samaritano puede decir desdoro de la profapia y puede ser credito de la prouidencia: quié la dice lo mas accedo procura; pero no responde Cristo, como si lo mas fauorable entédiera: *Non dixit: non sum Samaritanus. Samaritanus enim interpretatur custos*. No raras veces tiene dos sentidos vna palabra; y entonces debe entenderla

como mejor le está la prudencia, aunque el animo de quien la dixo, pretendiese solo la injuria.

Os pedò Rahab las espías q̄ contra lerid̄ auia enbiado Iosue; y supieronlo los ministros del Principe, y viniendo a buscarlos, le dicen, no sin ceño; manifieste las espías q̄ admitio en su casa para entregarse aquella noche a sus apetitos: *Educ viros, qui venerunt ad te*, y *Ios 2. v. 3.* Rahab responde, es verdad, se ospedaron en su casa: *Fateor venerunt ad me*. Masio aduirtio, que la palabra Ebreá tubo dos sentidos: el vno, q̄ admitia onbres menos atenta a su onor, q̄ a su antojo; y el otro, q̄ ospedaba peregrinos: los ministros del Rey dixerō los auia admitido como liuiana, ella respondió los auia ospedado como piadosa, y fue gran prudencia, dice este autor, entender lo que mejor estaba a su onra, y no juzgar que la palabra era afrenta: *Cum ambiguum verbum veniendi sit (dice Masio) mulieris verecunda erat quod à petulantibus nebulonibus turpiter dictum fuit simulare vt non turpiter dictum*. Dencio la cordura a la malicia, y aunque se conoçia el animo, interpretò la voz bien el credito. Fuera imprudécia darse por injuriada, quando pudo disimularse aplaudida. Si la palabra no ofende, disimulese el modo, aunq̄ irrite, que

Augusti.
tractat.
43. in
Ioan.

Massio

Senec.
2. de
cap. 3.

que del modo solo juzga la malicia, y se disculpará de la palabra la légua. Quantos enpeños a causado adiuinar intenciones, quantos odios sofpechar animos, quantas desdichas atender modos? Bien está; pero a veces son las injurias tan claras, q̄ aciertan mal a encubriſe, ni permiré interpretarſe. Afies; pero en eſe caſo debe negarlas, o diſminuir las el miſmo que las recibe.

§. IV.

Que es pundonor de entendidos diſmular el agrauio ò mirar al viſo menos ofenſiuo al reſpeto

Eſtando en vn baño Caton le laſtimò el pie vn onbre poco aduertido, pidiole deſpues reconocido perdon del deſcuido, y reſpndio Caton, no le auia echo daño: *Non memin, inquit, percufum me* No è ſentido reſpndio Caton, que cuidaſo, ò inaduertido me ayas tocado: pues no le ofendio? Si; pero pareciole al Filoſofo, era bien no confeſarſe ofendido, para no verſe enpeñado: *Melius putauit (dice el Eſtoico) non agnoſcere quam vindicare.* Obligaba a mucho deſabrimiento verſe piſado, y aſi cuerdo ſe dio por deſentendido, q̄ como no ſe falte a la verdad, es gran acierto eſcuſar enſados. O quãtas veces ſe vbierran eſcuſado grãdes infortuni-

os, ſi vbierra la prudencia diſmulado cortos agrauios; pero ciego con el furor el enojo, ſe multiplica deſdichas, quando ſe arroja a venganzas!

Allaſe Iofef Virrei de Egipto, quando vienen a comprar alimentos ſus ermanos, y pudiẽdo facilmente exagerar la culpa del deſnudarle el adorno, de cõſpirar en ſu muerte, de vèderle como a vil eſclauo, dora la accion, afirmando no fue aquello vn mo arbitrio, ſino ſuperior conſejo: *Non veſtro conſilio, ſed Dei voluntate huc miſiſum.* Generoſo animo, en quiẽno tubo juridicion menos noble afecto! Gran manſebũbre poder vengar ſus aſrentas con titulo de juſticia, y no aproucharſe por atender a la perfeccion de la vara; pero aunq̄ Iofef moſtrò ſu virtud, parece, que endorar la falta izo agrauio a ſu cordura. No ſe cõjurò cõtra ſu vida el odio mas abraſado: no le intetò la mas ignominioſa deſonra, no le condenò a eſclauitud dura, que para vn noble es la muerte mas peſada? Si; pues exagerar las injurias, para q̄ ſobrefalga mas el perdon; q̄ ſi el agrauio fue poco en perdonarle no le acreditarà la generoſidad de ſu animo. Eſo no, dice muy de la ocaſion Baſilio: nunca Iofef mas perfecto, ni mas prudentemente aduertido. Si encareciera el ateuimiento, era aumentar el

Genef. 45
v. 8.

Sene. lib.
2. de Ira
cap. 32.

agra-

Basilus
Sel ora.
8.

agrauio; disminuyédo la ofensa tambien disminuyó la desórta; pues mire por su crédito, y por su virtud, perdona la ofensa, y se escusata la injuria, q en esto le acredita muy entendido, y en aquello luce perfecto, pues cō menos queja de la onra exercita su paciēcia: *Iniuriarum defensionem, qui eas patiebatur querit.* Perdonó la injuria, porque resplandeciese la caridad, disminuyóla, porque viuiese menos ofendido el onor: q si el perdonar es de virtuosos, el aumentar sus afrentas solo es de necios: *Iniuriarum defensionem querit.* Quanto aligera la injuria, tanto acreciēta la onra. Quien es discreto disculpa los de faires que padece, escusa el animo, valese de la intencion, alega la inaduertēcia, y todo esto es atēder a su onra: pues esta claro viuira mas onrado, quanto menos deslucido, y las injurias dejan de serlo, quando no las intentó el animo, o no las conocio la aduertēcia, y así Ineset; quando escusa mas su agrauio, ostenta su entendimiento: *Iniuriarum defensionem qui eas patiebatur querit.*

En vna Cruz se alla Cristo tan de las eridas todo, q no auia dōde se repitiese ninguna: aun la sed de la inuidia llegó a placar; tanta fue la inundacion de la sangre: por cōtento se dio el odio, tan acedo fue el tormēto. Allí pues tendidas

las dos pūas de aquel arco del amor: suiciendo su voz de flecha irio los pedernales mas duros, y pidió a cuenta de su sangre perdonase el Padre a sus enēmos: *Pater dimite illis: Non enim sciunt quid faciant.* El traño ardor de amorosa caridad! a quien no entibió auenida rāta de injurias, Aquí mi dificultad: no fuera mejor mostrata Cristo el aliento de su paciēcia exagerado el agrauio, q disminuir cō la ignorancia el atreuimiento? Siño saben lo q se a cen, sera menor la injuria, aunque sea viuo el dolor, y así tēdra la magnanimidad q perdonar menos, luego mejor sera nō disminuir el desacato para q resplādezca mas el perdō. Antes, dice Cayetano, mostro en esto lo eroico de su virtud, y lo aduertido de su prudēcia. Perdonó la injuria, y alegó la ignorācia, q esto disminuia la afrenta, y aquello declaraba la perfeccion: *Tanquam aduocatus illorum (dice Cayetano) excusat crimen ab ignorantia.* La caridad abraçada excusó el atreuimiento, y la discrecion prudēte doró lo mas q pudo el agrauio. Conocer la persona, y atreuerse es inexcusable ofensa, y ignorarla disminuye mucho la injuria: pues Cristo nos enseña cō sus acciones lo mas perfecto de la caridad, y lo mas aduertido de la prudēcia. Alega la ignorācia, para disimular el agrauio,

Caiti

no, y perdona el agrauio para dar exemplo: *Excusat crimen ab ignorantia*. Menos agrauia quié sin conocer se arroja, que quié conociendo se arreue, que este aumentá cõ el desprecio el delito, aquel si comete el delito, no maltrata con el desprecio. Pues diga Cristo, que maltratar le en vn leño, fue furor de la ignorancia, q̄ con eso muestra la mansedumbre generosa del animo, y juntamente atiende al honor, q̄ vivirá tanto menos injuriado quanto mas desconocido. La sangre de las venas se derrama a violéncias del acero, la del honor a desprecios del animo, y así quanto fuere mas declarada la inaduertencia, será en el honor menos penetráte la etida: Confiese pues le puso en vn leño la ignoracia y con eso estará menos lastimada la onra. *Excusat crimen ab ignorantia*. Aboga por su honor quié disminuye su injuria, y así dorar la ofensa, es atender a la onra. Ahora probemos otra no menos experimentada verdad, y sea, q̄ solo el perdonar estorba enemigos, y q̄ el vengarse es multiplicar cõtrarios. Los amigos, los parientes, los ijos de la persona en quien se executò la venganza, toman a su cuenta el despique, y así es vna perpetua inquietud. Allá fingian de Ercules, que quando mas valiente cortaba cabezas a la serpiente, crecia sus afanes, y

multiplicaba sus riesgos, por q̄ brotaban siete cabezas donde auia cortado vna, y así mas parecia senbrar contrarios, que destrozár enemigos, asta que valiendose de la industria, estorbò con llamas renaciesen mas cabezas; no pudo vivir sin cuidado, ni con sosiego, y lo que allí fingio la mentira, lo muestra aqui la experiéncia, por

§. V.

Que vna venganza no disminuye contrarios, sino multiplica enemigos.

Cain saca al campo a su hermano Abel cõ animo de matarle, y color de divertirle: allí valiendose de las confianças de hermano, logrò las traiciones de alenoso: detranò la inocente sangre siendo el primero que abrió a la muerte el camino. No se sabe que asta entonces fiera alguna vbiése ensangrientado las garras en la vida de su enemigo, y Cain se tiño las manos en la sangre de su hermano; pero que temeridad no intentará vn coraçon, si dio lugar al odio, a la emulacion, a la inuidia? Dio Cain en q̄ su hermano le estorbaba sus lucimientos, y determinò ciego vègarse del estorbo de sus aplausos. Al fin le quitò la vida; pero quando se juzgaba sin contrarios, se multiplicò enemigos: *Vox sanguinis fra-*

*Genes. 4.
v. 10.*

tris tui clamat ad me de terra. La voz de la sangre clama, le dice Dios, y el Ebreo no sin misterio le yó: *Vox sanguinū fratris tui*. La voz de las sangres, el agrauio de varias vidas: luego se ofrece el reparo; Cain solo a deramado la sangre de Abel; solo a él le quitò la vida; pues q̄ voces, o q̄ sangres son las q̄ claman? Que la voz de la sangre de Abel fiscalce la accion, està biẽ; pero las demas vidas, porque raxon forman quejas? Es el caso dice Lyra, q̄ todos los descendientes q̄ auian de nacer de Abel, eran en su vida interesados, y así en la muerte ofendidos. Todos ellos piden venganza, porque a todos el acero les izo injuria: *Notandum quod in Hebræo habetur. Vox sanguinum fratris tui, & dicunt Hebræi, quod dicitur sanguinum in plurali eo quod Cain interficiendo fratrem suum fuit reus sanguinis non solum ipsius Abel, sed etiam omnium, quos genuisset.* Quiso librarle de vn enemigo; y multiplicòse muchos contrarios; antes le estorbaba vn Abel, ya toda vna generacion le perfigue, y v̄a la diferencia, que de vna persona a vn linaje, de los contrarios que aora tiene, a los que tenia. Solo vn ombre; y eso en su errado iuzio era ocasion de sus inquietudes; aora son muchos los que le causan tẽmores, los ijos claman, los nietos vocean, la pos-

teridad grita, todos juntos le perfiguen, sin que aya lugar dõ de descuide seguro, o pueda descansar descuidado. No es así fieles? Vengar vn agrauio no fue muchas veces multiplicarse enemigos: los ijos del muerto acen pondonor de vègar su sangre, los parietes enpeño de cobrar en la vengança la vida, los amigos juzgan decoro el mostrarse finos, y así el agresor teme entre infinitos recelos: pues no se librò ya del cõtrario? Si; pero ete librarle de vno, fue multiplicarse muchos.

Moyses se vègò de la inhumanidad de vn Gitano, a quien le era gustoso espectaculo la penalidad del Ebreo: *Percussum Ægyptium abscondit sabulo*. Vengò la injuria, pero costole perder la tierra; porq̄ ya muchos anelaban ardientemente su vida; *Mortui sunt* (le dice despues Dios) *omnes, qui querebant animam tuam*. Antès vno solo era el Egypcio, que lastimaba inumano, ya son muchos los q̄ desean beber su sangre sedientos. Quitar la vida al Gitano q̄ mal trataba al Ebreo, no fue estoruarle molestias, sino acrecentarse desdichas. Ya Faraon intenta darle la muerte, ya los ijos del difunto satisfacer el ansia en su vida; ya le condendò vengatiuo a ser pastor, quando pudo lucir Principe, y así no tãto vengò el agrauio, como le librò el destierro. Que bien lo

Lyra.

Exod 1.
v. 12.Exod 4.
v. 19.

Tertulia
de Pat. c.
10.

sentio Tertuliano: *Cum ab alie-
rius malitia prouocata superiorem se
in exequenda uisione constituit, &
remunerans nequam duplicat, quod
semel factum est. Vltio penes errorem
solatium videtur doloris.* Solo el
engaño pudo persuadir era el
vengarse medio para estable-
cerse, quando solo lo inuen-
tó el furor para destruirse.
Que comodidades no perdió
Moyses por auer muerto el Gi-
tano? A que afanes no le obli-
gó auerse vengado de vn ene-
migo? Ya se muda en sayal la
púrpura, ya la mesa opulenta
en pá duro, ya los vinos gene-
rosos en agua turbia, viendose
obligado a seguir corta mana-
da de ouejas, abratado del Sol,
denegrido del yelo, durmiendo
en el campo, quien se auia cria-
do entre las mayores delicias.
Multiplicóse contrarios, au-
mentóse peligros: *Duplicat quod
semel factum est.* En la vengança
auia la injuria, y lo q̄ juzgó
medicina del dolor, fue tor-
mēto de la quietud: *Vltio penes
errorem solatium videtur doloris.*
Quantos perdieron sus como-
didades, sus casas, sus patrias,
sus aumentos, sus ijos por auer
vengado vna leue injuria: el
perdonarla les acarreará sobre
perfeccion quietud; el vengar-
la es tiesgo sobre delito. Dos
partes comprehendia la costú-
bre tenazmente obseruada de
los antiguos. Vna, vengar sus
agrazios asta desagoar sus eno-

jos: *Odio habet is inimicum tuum:*
Tan libre vitia la sin razon, q̄
era como ley el acer mal. No
se explicaba mas q̄ el odio: pe-
ro si ardia el corazó abratado
en llamas, no dormitian las
manos ociosas, q̄ no ai veemē-
te afecto sin brotar afuera. Al-
fin la naturaleza se allaba tan
debilitada de alientos, que pu-
blicaba en ese edicto inhumano
su cobardia; que la vengança
es vna profesion solemne no
solo de injuriado, sino de poco
animoso: *Vltio decia el discre-
to Cordoues, doloris confessio est.*
*Non est magnus animus quem in-
currit iniuria. Aut potentior te aut
imbecillior lestit. Si imbecillior par-
ce illi. si potentior tibi;* pero aun-
que en esta parte flaqueaba la
valentia, en la otra se aten-
dia a la razon, que era amar
al amigo: *Diliges proximum tuum,*
y aunque ese afecto le enseñó
la naturaleza aun a las mas
cruelles fieras, no era poco le
obseruase ombres; tan lejos vi-
nian no solo de la verdad; pe-
ro aun de la naturaleza también.
Aora enmendadas estan las le-
yes, q̄ Cristo bien nuestro opu-
so su ley, y su auctoridad con-
tra los abusos; pero no se si está
mejoradas las costumbres. Po-
cas injurias veo perdonadas, y
aun pocas obligaciones cun-
plidas. Ya que se obserua en lo
pernicioso la antigüedad, bien
fuera que se atendiese tambien
en lo onesto, y que si se aborre-

Sene. li.
2. de Ira
c. 5.

ce al contrario asta beberle la sangre, se amase al amigo asta diligenciarle la vida, pero de las dos partes que aconsejó la costumbre, son tan de sola la malicia los onbres.

§. VI.

Que siendo la costumbre de los antiguos amar al amigo, y aborrecer al contrario, ya se aborrece al contrario, y no se accebi en al proximo.

SI se tratase de agalajar al paciente enfermo cō el ardimiento q̄ se cuida acer pesares al enemigo; si se acudiese al amigo en el afan con las veras q̄ se sollicita el afan para el contrario, menos desábrida viuiera la caridad: pero ay personas de cuyos tiros ni el enemigo se libra, ni el amigo se reserua. Vna señal misteriosa se aparecio er. los cielos, dice S. Iuan, vna muger vizarra en sus galas, y coronada de estrellas: *Signum magnum apparuit in caelo, mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus eius, & in capite eius corona stellarum duodecim* No todas las galas estã prohibidas en las p̄gmaticas de los cielos, sino solas las q̄ sirven a la vanidad, y a la ponpa q̄ las que dotò la obligacion, y el estado, tan lejos estan de prohibidas, que resplãdecen premiadas. Alfin a esta muger seruia el Sol quãdo mas

Apoc. 12.
v. 1.

vãno el resplandor de su luz; pero como no ai excelencia q̄ no despierte contra si inuidia, vn dragon vermegeando iras, y respirando ponçoñas intetò eclipsar su dicha, y desquiciar su grandeza: *Draco stetit ante mulierem, que erat paritura, vt deuoraret filium eius.* Contra Cristo son los enojos enpeñados de la serpiente, q̄ le recela contrario, y le aborrece en enemigo; pero no solo intetã cuidadoso teñir sus dientes, y enplear sus presas en el niño q̄ nace, sino q̄ enplea la extremidad enroscada en las estrellas q̄ lucen, y las sacude a la tierra: *Traxit cauda tertiam partem stellarum, & misit eas in terram.* Aqui mi dificultad; estos no son los que oscureciendo su resplandor se izieron de la vanda de la ingratitud, y figuieron las partes de aquel dragon? Si; pues como los maltrata como pudiera a sus enemigos? La Madre, y el Ijo son declarados contrarios, los astros amigos son, y vibra la extremidad cōtra los amigos, como las puntas contra los emulos? Si, dice Ambrosio, q̄ la malicia en todos se cebata los amigos maltrata, y a los enemigos persigue: *Stetit ante mulierem. Cōtrarius est enim Deo omnibusque bonis hominibus.* A los enemigos presenta batalla, y no libra mejor los amigos, antes los maltrata, los obscurece, los pisa: *Va illis, quibus diab*

Ambrosio

bolus

Ambros.
hic.

bolus amicus est. Nam quanto amplius est cuiuslibet amicus, tanto amplius ei tormenta ingerit. Infelix est enim amicitia diaboli. No ay como evitar el riesgo, ni como evitar el daño: no importa ser confidente, ni ser enemigo, la misma fortuna de efectos corten, solo que en los contrarios el enojo no es mas que riesgo, y en los amigos es daño: *Infelix est amicitia diaboli*. Muchos imitadores de la serpiente se encuentran en estos siglos. Que fieros, que enpeñados, que temerarios contra sus emulos, y que ingratos, que infieles, que mal correspondientes a sus amigos! Cō la misma ansia pretenden para si las comodidades del mas cōpañero, que las incomodidades para el mas contrario; y tambien disponen contra vno, como contra otro los tinos, solo que lo agravan mejor sus riñidades: en quien viue mas cerca, alegado en las confianças, que en quien se resguarda con las sospechas. Valgame Dios por once, quien vivirá leguro en tu trato, el amigo, ò el contrario? el que te agrava cō servicios, ò el que te agrava cō enojos? el que te comatice, ò el que te aplaude? Ninguno, porque es la enemistad peligrosa, y la amistad es poco segura. *Infelix est amicitia diaboli*. Ohres ay mo y del genio de demonios, tan obtinadamente de-

dicados a acer mal, que nadie experimentará en ellos bien. A sus amigos yeren, ya sus enemigos persiguen: *Quanto amplius est cuiuslibet amicus, tanto amplius ei tormenta ingerit*. La sombra del acer mal, bien la abraçan, pero la de acer bien poco la exercitan.

Dio Saul en que Dauid era su enemigo, sin mas fundamento que fingirlo así su temeridad, ò mentido su ambicion; no solo la ingratitud busca en el odio argumentos que desmientan beneficios, sino tambien la ambicion se finge emulos, por estorbarse cōpetidores. Saul vii concurrían en Dauid excelentes prendas, de mucho aliento, mucho coraçon, mucho ingenio, mucha cordura; y por experimentarse tan en todas prendas aumentado, quiso infamarle de sospechoso, porque la tinidad de la inuidia, se juzgase atencion de la profidencia. Al fin vn dia que Dauid con la melodía de la arpa avia aumentado aquel melancolico espíritu que le affigia, le tirò vn dardo, para que el agravo que es la paga del beneficio. Andaos a quitar demonio: a poderosos, y os tirarán lincis: algunos se allan bien con vn demonio, y les avia soledad grande si les faltarase. Si te es el galardón de Dauid, que pocos fueren en los

I. Reg.

16. p. II.

palacios que dejen de ritar-
te aduertidos, ó de salir lasti-
mados: *Tenebat Saul lanceam, &*
misit eam, putans quod configere
posset Dauid. Todo el coraje en-
plea contra Dauid, a quien tie-
ne por enemigo; y bien, gasta
con los suyos todo el agrado?
Referua para su ijo Ionatas
todos los cariños, ya que en-
plea en Dauid los odios? No,
antes en alguna ocasion ace
con su ijo lo que hizo con
su contrario. Allase Ionatas en
vn lance, en que su padre Saul
códena las acciones de Dauid,
izose de parte de la razon, y
defendio la justicia, y enpuña
el padre para atraue-
sarle la lança: *Arripuit Saul lan-*
eam, ut percuteret eum. Contra
el ijo lança, y contra el ene-
migo tambien? Si, que ay on-
bres tan terribles, como para
los estrafios, para los suyos: *In*
filiu quoque, dice nuestro Pa-
dre Gaspar Sanchez *quia Da-*
uidis causam vsque adeo modeste
tuebatur, hastam coniecerit. Tan
encendido tira la lança a Io-
natas el enojo, como la librò
contra Dauid el furor; y ser
ijo solo pudo ocasionar ma-
yores desdichas, alegurando
con mayores confianças. El
ijo, y el cótrario corren la mis-
ma fortuna, y ambos deben re-
celar lanças. Ojala no fuese
esta tan praticada verdad; pe-
ro (ó inhumanidad increíble!)
ay onbres que no daran al pa-

I. Reg.

20. y. 32.

Gaspar S.ª.

siente mas cercano vn boca-
do de pan, sabiendo perece-
de hambre; pues la misma na-
tureza no executa a la piedad,
a la vmanidad, a la con-
pasion? Si; pero algunos se
transformaron en tigres, sedi-
entos anelando la sangre de sus
emulos; pero no se conpade-
cen de sus amigos. Luego bien
digo, que en algunos solo
se obserua la costunbre anti-
gua para el odio; y la ignora
el beneficio; aborrecese al có-
trario no enpero se vee bien
al paciente. Partido fuera si es-
tos siguiesen las dos partes de
la costunbre, pues si aborre-
cieran ciegos, fauorecieran pi-
adosos; pero ignoran total-
mente el acer bien, dedicados
siempre a acer mal: *Diligis prox-*
imum tuum, & odio habebis inimi-
cum tuum. Sea enpero lo q̄ fue-
re del vso introducido por el
engaño, y de la costunbre apa-
drinada del aperito. Cristo le-
gislador soberano manda oy
amar a los enemigos: *Ego autē*
dico vobis, diligite inimicos vestros;
y quando sea dificultosa la ac-
cion, bastar debe para que la
execute el respeto mandarla
Cristo. Eso será siempre con-
fusión de nuestra Fè, y desdo-
ro grande a nuestras costun-
bres: adorar por Dios a Cris-
to, y desobedecer sus precep-
tos, como si los viera dado
algun idolo. No es este Señor
Ijo vnigenito del Eterno Pa-
dre?

dre? No es el engendrado en los mas vsanos resplandores de la deidad? no es a cuyo imperio salio a luz esta variedad hermosa de criaturas? no es cuya voz obedecen los demonios? Si: pues como desatienden sus preceptos no barbaros que le ignoran, sino Cristianos q̄ le veneran? Mandando su Dios se recambien los agruios en beneficios, auia de auer onbre que intentase satisfacer en la vengança su injuria? Asi estimas las leyes mas sagradas, los preceptos mas diuinos, los ritos mas singulares de la religió que profelas? O torpe ceguedad de los Cristianos, contradecir en la vida a quien dedicaron su fé! Que vn Gentil manche gloriosamente a su parecer el acero en la vida de su aduersario contra lo que Cristo establece; vaya, que no le adora por Dios, pero que adorando e los Fieles por Dios, agan desprecio de sus preceptos, esto es es corrimiento de la Fè, y nota grande a la religion, ò no acemos concepto de lo que es Dios, ò nos rozamos en brutos. Basta mandarle a Cristo esta accion, para que la execute el Cristiano a pesar de lo que el dolor dicta, y el furor aconseja. Este à da ser inescusable cargo algun dia.

§. VII.

Que dejando los barbaros de vengarse, quando se lo manda el Dios q̄ no adoran, los Cristianos se vengan contra los preceptos del que veneran.

T Emio Iacob la condicion, y acedia de Laban, y sin darle parte dispuso boluerse con sus ganados, y familia a su casa; executó su intento a sazón que el suegro estaba ausente, ocupado en el desquilo de las ouejas; sabelo Laban quando ya caminaba a largos pasos Iacob, y ofendido de que auiendo viuido con el veinte años, y siendo sobre paciente tan cercano, su yerno, se yese como lo pudiera acer si estuiera en casa de vn enemigo; junta gente para castigarle, y seguirle, crecia el dolor, porque no solo se sentia agruiada la cortesia en el recato, sino la cudicia, y religion en el vito, por auerle faltado vnos idolillos de oro, a quien en sacrilegas aras, y mal gastadas aromas ofrecia cultos: asi que la acienda que daba disminuida, y la adoracion estorbada. No eran estas leues causas de sentimiento para quien aun sin ellas no tenia para con Iacob buen animo, sino le miraba con ceño. Alfin quando mas enpeñado en el castigo, y mas sediento de la vengança,

Genes. 31
v. 24

se le aparece Dios vna noche, y le intima no intente dar peñales a Jacob: *Vadit in somnis dicentem sibi Dominum: caue ne quid asperè loquaris contra Jacob.* Aora ponderemos este aparete esse Dios entre sueños: Mas parece que estila a lo cortesano el cumplimiento que el defende. Si Laban no le conoce por Dios, sino que ciegameente idolátra adora idolos, que fuerça tendrán con vn barbaro sus preceptos? Eso mas es exponerse a delaires, que esto bñ de satisfaciones. Dios es quien lo manda, pero Laban no le venera por Dios; luego mejor era estar con poder los enpeños, que malograr los mandatos; embie vn exercito de Espiritus soberanos, q̄ saliendo al opo sito le obligue a retirarse, y no dese a cortesias de vn ombie ofendido, ciego, enpeñado esa accion de detenerse. Mas: ya que quiera Dios enfrenar el ardimiento de la vengança, no fuera mejor aparecersele entre ermosas luces, para q̄ la admiración aconsejara respeto, y no se persuadiese la malicia era engaño. Antes con ninguna otra diligencia pudo mejor Dios dar a conocer la eficacia de sus palabras; y el rendimiento q̄ se les debe a sus ordenes. Idolátra es Laban, entre sobras de sueño se le aparece; pero tiene tanta fuerça mandar Dios vna cosa, q̄ ni la obstinacion mas ciega

resiste, ni el enpeño más enojado de obedecer. Oygame ofelo a Laban. Alcánça a Jacob, y áciendo alarde de su poder, y memoria de sus agrauios, dice, q̄ el no tomar vengança de sus injurias, no es porq̄ le falten fuerças, cò no le sobrerariz on t̄sino por que le mandado el Dios de Jacob no le iciese daño: *Nunc valet manus mea reddere tibi malum: sed Deus patris t̄stri fieri mihi dixit: Caue ne loquaris contra Jacob quidquam durius.* O confusion de nuestras costumbres! El Dios de tus padres, dice Laban, me estorba cò sus ordenes la vengança. Pues Laban, que importa te intime moderes el enojo vn Dios, que no adoras? Tu sospechas muchas injurias, y te allas cò muchas fuerças, pues defaoga tu furor, sino en los ijos en los ganados: *Cogita* (dice Crisostomo) *quod timor Dei à malis consilijs impediuerit. Deus Patris tuus, inquit, dixit mihi, &c.* No adora al Dios de Jacob Laban, pero al fin sabe que goza orores de Dios; y pudo tanto con vn barbaro su autoridad, que desiste de la vengança quando la ocasion le conuida, quando el poder le inflama, quando el agrauio le pronoca, quando casi el enpeño le fuerça: Oygame este caso los Fieles, vn Geniil deja de vengarse en la ocasion, porq̄ lo manda vn Dios que no adora, y defa-

Ter.
de P.
cap 9

Genes.
v. 29.

Chryso.
in Cat.
Lipom.

tiende el Cristiano los preceptos de la diuinidad que venera: *Ego autem dico vobis. Yo lo mando. Pues esto solo basta Señor, para que se desencone el enojo, y se mejore el afecto. No es menester fude en buscar razones el discurso, si percibela voz de Dios el oido: Nos vero (decia Septimio) pro nostris angustijs vnum inculcamus, bonū atq; optimum esse, quod Deus precipit: Audaciam existimo de bono diuini precepti disputare.* La temetidad mas ciega no puede juzgar dilonantes los preceptos siendo de Dios y solo puede contrauenir a lo que juzga razon el arrojio, Dios manda absterneirse de venganças, reprimir odios, no ensangrentar el acero, pues grosera descortesia es a la Magesta: mas sagrada, dejarte persuadir de ele vil afecto que ciega; *Ad exhibitionem obsequij prior est maiestas diuine potestatis. Prior est auctoritas imperantis, quam vilitas seruiens.* Vtilidad tuya juzga el enojo vengar la injuria, pero primero debe atendeirse no acer injuria a la Magestad; y si los barbaros respetan a despecho de sus afectos la deidad omnipotente que no veneran, gran culpa es en los Cristianos despreciar las leyes de la magestad que aclaman. Dios dice, no se executen venganças, Laban obedece en el mas apretado lance de la ocasiõ, y el ar-

dimiẽto mas colerico del enojo, siendo gentil, yea que obligacion le corre al Cristiano.

Pattete a Sarepta de Sidonia, le dice Dios al Profeta Elias, q̄ ya è mandado a vna viuda pobre, que te sustente: *Surge, & vade in Sarepta Sidoniorum & manebis ibi: precepi enim ibi mulieri vidua, vt pascat te.* En grandes dificultades enpeña al ingenio este precepto, y este camino. Elias por auer encarcelado las lluias, si bien con justio zelo, no es tenido por enemigo comun? No a menester retirarse a los desuios mas ignorados del Sol para no perder la vida? No se esconde en vna gruta, porque le busca en todas partes la colera? Si; *Abcondere in torrente Carish.* Pues si ai es menester da: le de comer por traq̄ moya, porq̄ no le sospeche la iratino ai breña q̄ no fatiguen lo; ministros de Acab, ni valle; q̄ no escudriñen, ni canpiña q̄ no discullan cõ animo de verter su sangre como del mayor contrario, y el mas pernicioso enemigo: *Non est gens, aut regnum, quõ non miseret Dominus meus, te requirens,* confiesa Abdias, como le dice Dios, le ospedara vna Sareptana? sus mismos naturales, y compatriotas desean satisfacer la sed, que les a ocasionado la esterilidad, en su sangre, y vna muger gentil cuidara de conseruarle la vida? Si desea Dios

Ter. lib.
de Pomi.
cap 5.

mes.
29.

ryfo
Cati
om.

3. Reg.
17. v. 9.

3. Reg.
18. v. 10.

no muera el Profeta, mandele al mas justo de los Ebreos le ospede, le sustente, le asista, que aï le respetarán sus ordenes; pero enbiarle a vna muger q̄ no le reconoce por Dios, sino adora idolos, es querer parece malograr esa jornada, y poner a riesgo la vida. No es sino mostrar lo que puede la autoridad de Dios, aun con quien no le venera: Elias es tenido por enemigo comun, la viuda es sobre necesitada gentil; pero con todo esto ospedarà, y sustentará al Profeta, solo porque se lo manda Dios: *Præcipi mulieri vidua, vt pascat te.* Tanto puede la autoridad de ese nombre, tanto recaba el nombre de esa grandeza! *Fideliter excepit eum*, dice Teodoro, *quem persequebantur Israelita.* Como al contrario mas terrible, y mas declarado persiguen los Ebreos al Profeta, pero por auerselo mandado Dios, no solo no le ace daño, sino le agasaja, y le ospeda vna gentil, dándole de su alimento: *Ad exhibitionem obsequij prior est maiestas imperantis, quam vtilitas ferientis.* Utilidad parecia darle a Elias la muerte, pero era precepto sustentarle su vida, y tuuo mas fuerza con vna idolatra la autoridad de Dios, que mandaba atenderle, que la pasión q̄ aconsejaba matarle. Pues si ese enor recaban los preceptos de Dios del gentil mas barba-

ro, por ser suyos, intolerable delito es, siendo precepto de Iesu Cristo el perdón, respirar odio el Cristiano: *Ego autem dico vobis, diligite inimicos vestros.*

Ni solo barbaros, a quienes a cuenta de racionales amaneció alguna luz, y rayó, noticia alguna de la autoridad de Dios; pero las fieras mas brutas, las criaturas mas insensibles obseruan sus leyes y olvidan, por mostrar en el rendimiento su reuerencia, toda inclinacion a vengança. Cargo será este inescusable a los racionales, quando no solo las obligaciones comunes que a las de mas criaturas les persuadian no repugnar, sino titulos muy especiales obedecer. Que responderà el onbre quando vè vn Sol deitamar sus luces sobre el aire, que no pocas veces le obscurecio con torbellinos, le eclipsò con terrestres nubes? Que responderà quando vè influir los astros en vna tierra tan villana, que paga los, mas benignos influxos en vapores feos: *Solem suum oriri facit super bonos. & malos.* No niega el Sol sus luces aun quando solo le sirve comunicarlàs de sufrir groseras descortesias, y villanas correspondencias. El Sol, las criaturas todas serán fiscales còtra los onbres, por

(:?)

Theod.
in 3. Re-
gum, q.

te.

§. VIII. *Que bastandole a Dios para que no se venguen las criaturas leue. Señal de su gusto, los ombres no acen caso de su precepto.*

A Si pasaban las cosas quando vio la luz primera Moytes, Faraon en el poder Monarca, y en la inhumanidad fiera, con edictos publicos tenia prohibidas a la naturaleza sus creces: aun antes de concebir el pecho alientos q̄ respirar, estaban ya los niños condenados a morir, sin mas delitos q̄ ser engendrados, sin mas causa que ser nacidos. Los Ebreos gemian en afanadas tareas todo el dia, sin que aprouechase diligente cuidado para excusar despues el duro infame castigo: los gemidos del Israelita eran gozos del Gitano, que como al Principe le era lisonja la inhumana tirania, los ministros estudiabá la fiera: nació pues Moytes sentenciado a muerte, y nació tan bello, q̄ persuadio a sus padres la eloquencia de su etmosura despreciada por guardarle quantos les amenazaban peligros: no pocos dias le escondieron, arriesgádo dos muertes por vna vida, y quando ya no era posi le ocultarle mas su cautela, le entregò en breue embarcació a los raudales la industria: allí Moytes camina por los naufragios al puerto, por la senténcia a la purpu-

ra; y de alli le saca la ija de Faraon: *Cernens parvulum vagientem, misera eius, ait. &c.* Batilio de Seleucia admira no enfureciese el mar sus olas para sepultar su enemigo. Si Moytes crece, no à de convertir ese mar en sangre? No à de erirle vna, y otra vez con la vara? No à de enseñar sus corrientes, y dar a pesar de su orgullo a los Israelitas paso libre? Si, pues como pudiendo aora el mar sepultar en poca oluato enemigo, le deja? Como no previene el daño, como no resguarda el peligro? Tiene aora tan oportuna ocasion, y la pierde, y la deja, y la malogra? No aduirtes, dice este Padre, que tiene Dios gusto en que le perdones, pues solo vn amago de su gusto bastara para q̄ el mar no solo no le agrauie maltratado, sino li'ongee ambicioso al mas declarado enemigo: *Dei iussu infanti cuius virga futurum erat, vt non multò post secaretur, & mare, fluiuius parcebat: infanti fluiuius parcebat, cuius ipse quoque virga percussus scaturigines in sanguinem transmutauit.* Bien le estuuiera al mar anegar sus ofensas, y sepultar en vna vida muchos agrauios, pero olvidò su enojo, porque Dios indicò su gusto. Erido se à de ver con la vara, y sus cristales à de teñir en roja sangie Moytes; pero el Nilo por no desdecir de la obediencia, olvidò

Exod. 2.
p. 6.

Basil. Selenic oratio 9.